

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

ALYNE RAQUEL SOUSA E SILVA

LITERATURA FANTÁSTICA E AS RAZÕES DE SUA PREFERÊNCIA PELOS SEUS
LEITORES

TERESINA – PI
2018

ALYNE RAQUEL SOUSA E SILVA

LITERATURA FANTÁSTICA E AS RAZÕES DE SUA PREFERÊNCIA PELOS SEUS
LEITORES

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de bacharelado em biblioteconomia da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof. Esp. Conceição de Maria Bezerra da Silva

TERESINA – PI
2018

-
- S578l Silva, Alyne Raquel Sousa e.
Literatura fantástica e as razões de sua preferência pelos seus leitores [manuscrito] / Alyne Raquel Sousa e Silva. – 2018.
93 f.
- Impresso por computador.
Monografia (graduação)–Universidade Estadual do Piauí, Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, 2018.
“Orientação: Prof. Esp. Conceição de Maria Bezerra da Silva, Centro de Ciências Sociais Aplicadas”.
1. Literatura fantástica. 2. Leitura. 3. Leitor. I. Silva, Conceição de Maria Bezerra da. II. Título.

ALYNE RAQUEL SOUSA E SILVA

LITERATURA FANTÁSTICA E AS RAZÕES DE SUA PREFERÊNCIA PELOS SEUS
LEITORES

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de bacharelado em biblioteconomia da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Apresentado em: 18/01/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Conceição de Maria Bezerra da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Esp. Francisco Renato Sampaio da Silva (Membro)
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dra. Conceição de Maria Carvalho Mendes (Membro)
Universidade Estadual do Piauí

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar saúde, muita força para superar todas as dificuldades e permitir a presença de pessoas que me apoiam e proporcionam coisas boas na minha vida;

Aos meus pais Helena e Edilson, por todo o amor, educação, ensinamentos, apoio e incentivo que dedicaram a mim nas horas boas e ruins;

Ao meu irmão Rafael, por sempre estar ao meu lado e também me apoiar e incentivar;

À minha professora e orientadora Conceição Bezerra, por todo o tempo, acompanhamento, dedicação, empenho, paciência, zelo e competência que dispensou a mim durante as orientações e a construção deste trabalho;

Obrigada também ao meu namorado Renan, por todo o apoio, encorajamento, ânimo e incentivo durante esse procedimento;

Agradeço aos meus amigos Gabriel, Filipe e Patica, que sempre estiveram presentes e dispostos e foram, assim como os demais, de suma importância para a conclusão deste trabalho;

Sou grata também aos meus colegas de curso e em especial às minhas amigas Juliana, Nayky, Patrícia, Jeniffer e Jéssica, que não me deixaram ser vencida pelo cansaço;

Aos meus primos, em especial à Daniele, Marcos e Andréa; aos meus tios e tias; avós e todos os demais que de alguma forma também contribuíram para que o sonho da conclusão deste curso se tornasse realidade;

À Dona Ceres e ao Daniel, também pelo apoio e incentivo;

A esta Universidade e todo seu corpo docente que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse os meus objetivos;

A todas as pessoas que se dispuseram a responder e a me ajudar com as minhas dúvidas e questionamentos;

E enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta. Fica registrado aqui o meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a literatura fantástica, trazendo as suas origens, características, principais gêneros, algumas obras pertencentes e a sua importância no contexto da leitura e da informação. O objetivo desta pesquisa foi identificar as razões pelas quais os leitores de literatura fantástica a consideram sua leitura preferida, e que informações são identificadas por eles nos conteúdos fantásticos. A metodologia utilizou-se da pesquisa, qualitativa-descritiva, com a aplicação de questionário, com perguntas abertas e fechadas, com os leitores de literatura fantástica residentes em Teresina, capital do Estado do Piauí, de perfis individuais e sociais variados. De acordo com o estudo bibliográfico desenvolvido, pretendeu-se demonstrar que a literatura fantástica traz contribuições para o hábito da leitura, sendo possível adquirir informações e conhecimentos, além de servir como uma forma de relaxamento e divertimento para quem a lê. A pesquisa constatou através de estudos e do questionário que a literatura fantástica é um gênero secular com características próprias e outras que perpassam outros gêneros literários, como contos, romances etc., no que tange ao aspecto imaginário da criação literária. Constatou-se também que, não obstante à fantasia, a literatura fantástica dialoga com a realidade na constituição dos seus conteúdos, ensejando aspectos informativos dos contextos histórico-social, científico, tecnológico e cultural despertando, nesse sentido, o interesse de leitores à luz de tais abordagens. Diante do exposto, conclui-se que o fantástico é a principal característica que marca o hábito da leitura dessa literatura, sem, no entanto, se afastar da construção do senso crítico a partir das contextualizações históricas e culturais que perpassam os conteúdos bibliográficos das obras de literatura fantástica.

Palavras-chave: Literatura fantástica. Leitura. Leitor.

ABSTRACT

The present research has as its theme the fantastic literature, bringing their origins, characteristics, the main genres, some works belonging and its importance in the context of the Reading and Information. The objective of this study was to identify the reasons why the readers of fantastic literature to consider their preferred reading, and that information is identified by them in fantastic content. The methodology used is the descriptive-qualitative research, with the application of a questionnaire with open and closed questions, with the readers of fantastic literature residents in Teresina, capital of the state of Piauí, individual and social profiles varied. According to the bibliographical study developed, it is intended to demonstrate that the fantastic literature brings contributions to the habit of reading, and it is possible to acquire information and knowledge, in addition to serving as a form of relaxation and fun for anyone who reads it. The survey found through studies and the questionnaire that the fantastic literature is a secular genre with its own characteristics and others that pervades other literary genres, such as stories, novels etc., in terms of the imaginary aspect of literary creation. It was also found that, despite the fantasy, the fantasy literature dialoguing with the reality in the constitution of their content, allowing informational aspects of the social-historical contexts, scientific, technological and cultural awakening, in this sense, the interest of readers in the light of such approaches. Given the above, it is concluded that the fantastic is the main feature that characterises the habit of reading this literature, without, however, departing from the construction of the critical sense from the historical and cultural contextualizations that pervades the bibliographic content of the works of fantastic literature.

Keywords: Fantastic Literature. Reading. Reader.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	LITERATURA FANTÁSTICA NO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL	10
2.1	A origem do termo fantástico no âmbito das acepções humanas.....	10
2.2	As escolas literárias e a introdução do gênero fantástico.....	12
2.3	Algumas das principais teorias precursoras e contemporâneas da literatura fantástica	15
2.3.1	Charles Nodier (1780-1844).....	15
2.3.2	Guy de Maupassant (1850-1893)	16
2.3.3	Pierre-Georges Castex (1915-1995)	16
2.3.4	Louis Vax (1924-1985)	17
2.3.5	Roger Caillois (1913-1978)	17
2.3.6	Tzvetan Todorov (1939-2017)	18
2.4	Literatura fantástica no Brasil	20
3	LEITURA E INFORMAÇÃO: CONTEXTUALIZANDO SEUS DOMÍNIOS	24
3.1	Leitura	24
3.2	Informação	31
4	LITERATURA FANTÁSTICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: GÊNEROS E SUBGÊNEROS.....	35
4.1	Fantasia	35
4.1.1	O senhor dos anéis (1954), de J. R. R. Tolkien	37
4.1.2	As crônicas de Nárnia (1950), de C. S. Lewis.....	39
4.1.3	Harry Potter (1997), de J. K. Rowling.....	40
4.1.4	As crônicas de gelo e fogo (1996), de George R. R. Martin	41
4.2	Ficção científica.....	42
4.2.1	Uma odisseia no espaço (2001), de Arthur C. Clarke	44
4.2.2	Vinte mil léguas submarinas (1869), de Júlio Verne.....	45

4.2.3 A máquina do tempo (1895), de H. G. Wells	46
4.2.4 Eu, robô (1950), de Isaac Asimov	47
4.3 Horror.....	50
4.3.1 O gato preto (1843), de Edgar Allan Poe	52
4.3.2 Drácula (1897), de Bram Stoker.....	54
4.3.3 O chamado de Cthulhu (1928), de H. P. Lovecraft	55
4.3.4 O iluminado (1977), de Stephen King.....	56
4.4 Fantasia, ficção científica e horror no Brasil	57
5 LITERATURA FANTÁSTICA E A IDENTIDADE LITERÁRIA: ANÁLISE DE DADOS.....	61
5.1 Objeto da pesquisa	61
5.2 Sujeitos da pesquisa.....	61
5.3 Metodologia utilizada	62
5.3.1 Tipo de pesquisa	62
5.3.2 Instrumento utilizado para a coleta de dados.....	62
5.4 Análise de dados	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	91

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco principal a literatura fantástica no âmbito informacional do leitor. Nesse aspecto, busca descobrir os motivos que levam os leitores de literatura fantástica a concebê-la como leitura preferida.

Nesse sentido, este estudo justifica-se pelo interesse particular da autora, leitora assídua de literatura fantástica, como também pelas inúmeras contribuições dessa literatura nos campos da leitura, informação e conhecimento, considerando-se os temas por ela abordados que proporcionam a visualização intrínseca de variadas questões, como sociais, políticas, científicas, tecnológicas etc., nos seus conteúdos. Além disso, enquanto estagiária do curso de bacharelado em biblioteconomia, na biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC), localizado em Teresina, na Av. Maranhão nº 110, foi possível observar que diversos usuários que frequentavam aquela biblioteca apresentavam significativo interesse na busca por livros de literatura fantástica, no âmbito de suas preferências literárias, vislumbrando-se assim a presente pesquisa.

Com base nesses interesses, a pergunta norteadora desta pesquisa questiona sobre “quais as razões dos leitores de literatura fantástica para os seus interesses por esse gênero literário?”. Em outras palavras, a identificação destas razões pretende demonstrar por que os seus leitores preferem esse tipo de literatura, já que se trata de uma literatura com contextualizações diferenciadas, mas que tem a capacidade de interessar aos mais diversos tipos de usuários/leitores, podendo ser também importante para os processos de leitura nos contextos de bibliotecas, proporcionando ao usuário/leitor o despertar e o aumento do seu interesse pelo universo singular da leitura; além de despertar a sua curiosidade e senso crítico sobre a realidade.

O objetivo geral desta pesquisa é “identificar as razões pelas quais os leitores de literatura fantástica a consideram sua leitura preferida, e que informações são identificadas por eles nos conteúdos fantásticos”, tendo como objetivos específicos “apresentar a construção histórico-metodológica da literatura fantástica nos contextos literários; caracterizar os gêneros e subgêneros da literatura fantástica, identificando os aspectos informativos contemplados nos conteúdos previamente selecionados, e; verificar, através da aplicação de questionários com leitores “as razões que os caracterizam como leitores assíduos de literatura fantástica, e a identificação informacional que os seus conteúdos ensejam”.

A fundamentação teórica utilizada apoiou-se em autores da literatura fantástica, tais como Nodier (1830) e Vax (1865), que deram suas contribuições com os primeiros estudos

sobre o fantástico; Todorov (1980), que realizou estudos mais complexos sobre o tema em tela; Camarani (2014), que também desenvolveu valiosos estudos nessa área; dentre outros.

Nos campos da leitura, utilizou-se de estudos de Magalhães Neto (2004) e Martins (2006) e da informação, Le Coadic (2004) e Gleick (2013) que discutem, respectivamente, conceitos, características e a importância destas nos contextos onde atuam; além de outros autores.

Quanto à metodologia, utilizou-se da pesquisa qualitativa-descritiva, com o objetivo de se trazer uma riqueza maior de detalhes sobre o tema, à luz da contribuição pessoal de cada leitor em particular. O questionário foi o instrumento utilizado para a coleta de dados, composto de 12 (doze) perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos da pesquisa, inicialmente proposto para 20 (vinte) leitores assíduos de literatura fantástica, residem em Teresina, capital do Estado do Piauí, e possuem perfis individuais e sociais variados. Desses, somente 01 (um) deles não respondeu ao questionário.

O texto monográfico estruturou-se então em 06 (seis) seções, cuja primeira refere-se à introdução, onde se faz uma apresentação geral da pesquisa realizada. Na segunda seção, discute-se os fundamentos da literatura fantástica no contexto histórico-social, onde é feita uma abordagem desde o seu surgimento, até os dias atuais – inclusive acerca da perspectiva brasileira sobre o citado tema. Na terceira seção, faz-se a contextualização da leitura e da informação no âmbito da área em discussão, por compreender que este tema tem uma grande relevância para a leitura/literatura, e, conseqüentemente, da informação, assim como qualquer outro tipo de literatura, despertando o senso crítico diante da realidade humana, além de trazer diversão, entretenimento e cultura. Enseja também contribuições relevantes para a área da biblioteconomia no âmbito da informação, seja para identificação nos contextos de bibliotecas; seja aplicação em projetos do apoio ao ensino e aprendizagem em bibliotecas escolares, públicas, comunitárias etc.

Em seguida, na quarta seção, apresenta-se a literatura fantástica como fonte de informação, abordando os seus gêneros e subgêneros, assim como as suas variações, sendo este importante para a identificação das características destes, assim como as diversas informações encontradas, utilizadas e aproveitadas pelos seus leitores. Na quinta seção, faz-se a análise dos dados da pesquisa, onde se constata as razões às quais tem os leitores para considerarem a literatura fantástica como leitura preferida. Na sexta e última seção apresentam-se as considerações finais ao trabalho.

2 LITERATURA FANTÁSTICA NO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

Apesar de ainda não existirem respostas definitivas acerca do termo fantástico, muitos autores estudaram, discutiram e deram suas contribuições para esse gênero. Bráulio Tavares (2003, p. 7 *apud* TROJAN, 2014, p. 9) afirma que “não se deve esperar [...] sequer uma tentativa de estabelecer uma teoria unificada do fantástico”. Nesse sentido e através de outros autores, o que se observa é a existência de teorias variadas ao longo da história.

De acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 917), dentre algumas acepções do termo fantástico, essa palavra vem do grego *phantastikós* e é “só existente na fantasia ou imaginação; incrível, extraordinário, prodigioso; gênero literário em que elementos sobrenaturais estão integrados ao discurso e são tratados com naturalidade”.

Nessa perspectiva, a obra fantástica, enquanto gênero literário, assim como qualquer outro gênero, tem também características próprias, os quais incluem: estilo de escrita, composição, tema, além da identificação de fatos que estabelecem relação entre o mundo real e o irreal – a chamada hesitação, que é uma das características principais dessas obras. No contexto da hesitação, o leitor, narrador ou personagens não sabem se o que está acontecendo é real ou imaginário, se é **estranho** – algo de outro mundo que é explicado – ou **maravilhoso** – algo que não tem explicação, mas que é aceitável. Nesse sentido, o fantástico estabelece-se entre esses dois polos. Contudo, antes de explorar essas características, é interessante elencar os fatos que deram início ao fantástico.

2.1 A origem do termo fantástico no âmbito das acepções humanas

Podemos constatar que este termo surgiu na Antiguidade, no entanto, alguns estudiosos como Batalha (2012, p. 483), por exemplo, afirmam que é possível ter surgido até mesmo antes desta:

Etimologicamente, a raiz da palavra surge muito cedo no Ocidente, com Platão. O filósofo atrela aquilo que será posteriormente percebido como “fantástico” a um conjunto de comparações e de metáforas que se remetem ao reflexo e aos ícones, tentando captar o núcleo central da imagem e da imaginação. É por este viés que ele aborda as relações entre “real” e “simbólico”. Para Platão, o problema da adequação do real ao simbólico resume-se a compreender se todas as coisas têm uma forma, se tudo é o reflexo terrestre de uma “ideia” situada no mundo supralunar. Platão situa a imagem ora como reflexo de um objeto existente, ora como uma produção imaginária, ou ainda como o efeito de uma aberração, de origem desconhecida.

Conforme colocado pela autora, o fantástico expressa-se no âmbito da dualidade do que seja real e simbólico, numa tentativa de explicar o que seja fruto das ideias da realidade do homem, e o que vem do seu imaginário. A mesma autora cita também que “a história do fantasma em busca da sepultura, contada por Plínio como se fosse real; a do soldado

lobisomem que está em *Satíricon* [...] são algumas das inúmeras manifestações da literatura maravilhosa na Antiguidade”. (BATALHA, 2012, p. 482).

Dentre as inúmeras discussões a respeito do fantástico, se destacam as teorias do filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov, que discute em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, publicada pela primeira vez em 1970, sobre gêneros literários, conceitos do fantástico, temas do gênero e etc. Todorov foi o primeiro a desenvolver definições mais precisas e específicas a respeito do fantástico e a inferir várias outras ideias sobre esse tema, possibilitando um estudo mais detalhado a respeito do assunto e levando a uma compreensão mais clara do que vem a ser literatura fantástica.

Ele diz que a literatura fantástica é um gênero literário, ou seja, uma categoria onde obras literárias podem ser classificadas. Em um gênero, é necessário que haja critérios semânticos, sintáticos, contextuais e outros. Todorov afirma então que a literatura fantástica possui aspectos verbais, sintáticos e semânticos, constituindo-se assim um gênero literário.

Historicamente, há quem diga que o fantástico sempre esteve presente nas narrativas. Outros, que este passa a ser mais difundido a partir do século V antes de Cristo. Conforme mencionado anteriormente, o seu surgimento vem sendo estudado e explorado por diferentes teóricos, todavia, tendo a sua ascensão entre os séculos XVIII e XIX.

De acordo com Todorov (1980), o fantástico está presente na incerteza entre o que é real ou irreal. O autor menciona que o primeiro a discutir sobre o que vem a ser literatura fantástica foi o filósofo Vladimir Soloviev (1853), seguido dos autores Montague Rhodes James (1882) e Olga Reimann (1913). Os teóricos citados trazem a ideia do fantástico dentro de um universo inexplicável que foge às leis da natureza.

As definições de fantástico são também discutidas por autores franceses, país que mais difundiu a literatura fantástica no mundo. Cazotte (1772) apesar de introduzir elementos fantásticos em suas narrativas traz explicações para esses eventos, não se deixando levar pelo sobrenatural. Já Nodier (1830) afirma que o fantástico é oriundo do racional, da mente humana. Castex (1951) demonstra algumas diversidades da narrativa, como o que vem a ser nomeado mais tarde como fantástico e maravilhoso. Quanto a Vax (1965), este tenta definir o fantástico, afirmando a impossibilidade de um conceito exato para tal. Caillois (1966) discute algumas diferenças entre gêneros do fantástico. Esses e outros estudiosos deram grandes contribuições, trazendo a ideia de “invasão” do mundo sobrenatural ao mundo real.

Cazotte (1772), por exemplo, através da obra *Le Diable Amoureux (O Diabo Amoroso)*, publicada em 1772, recebeu o status de um dos pioneiros da literatura fantástica francesa. Nesta obra, identifica-se o **estranho** através da paixão de um demônio por um

mortal. Além disso, o fato da mortalidade do ser que é objeto dessa paixão remete aos seres humanos reais.

Desde essa época, nas primeiras histórias que tratam sobre o fantástico, vemos características de surrealismo e a ideia de que a história acontece tanto no mundo real, quanto em um mundo fictício, causando algumas vezes certa confusão nos sentidos, narrador, personagens e até mesmo no leitor.

2.2 As escolas literárias e a introdução do gênero fantástico

O homem, desde a pré-história, se expressa de várias formas, iniciando-se pela pintura, seguida pela fala e logo depois pela escrita. A partir da escrita, ele começa a se expressar, nos levando, conseqüentemente, à produção literária.

A literatura, dentro deste âmbito e de acordo com Gomes (2012, p. 1), é uma realidade recriada através do artista, através da língua, para diversas formas. A autora cita algumas definições como:

Arte literária é mimese (imitação), é a arte que imita pela palavra.” (Aristóteles, filósofo grego, séc. IV a.C); "A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem". (Louis de Bonald, pensador e crítico do Romantismo francês, início do séc. XIX); "Literatura é feitiçaria que se faz com o sangue do coração humano." (Guimarães Rosa, escritor brasileiro, séc. XX).

Ainda sobre a definição da literatura, Aurélio (2010, p. 127), no seu dicionário, apresenta literatura como “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso; o conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época; conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários” e outras.

A partir destas e de outras definições, podemos constatar que a literatura não tem um conceito universalmente definido, mas é simbolizada por representações artísticas da língua através de obras variadas, sendo elas escritas ou não. Pode ser arte; reproduzir e transformar a realidade; transmitir informações e conhecimentos e etc.

Neste sentido, pode-se inferir que a literatura começou a se instalar desde a Antiguidade, convencionando-se a divisão dessa literatura em escolas ou movimentos literários, de acordo com as suas características, surgindo, então, como acontecimentos históricos que caracterizam, definem e representam a literatura. Pode-se citar como exemplo o Trovadorismo, Humanismo, Classicismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Simbolismo e Modernismo.

Tomando como base o guia de língua portuguesa coordenado por Guimarães (2006), começaremos abordando o Trovadorismo, que se instalou durante a Era Medieval, entre os

séculos XII e XV, tendo como característica principal o teocentrismo, ou seja, Deus acima de tudo. Além dessa, podemos destacar as cantigas de amor, amigo e escárnio que eram feitas, além da vassalagem, novelas de cavalaria, entre outras.

Quanto ao Humanismo, este também fez parte da Era Medieval e trazia ideias contrárias ao Trovadorismo, ou seja, valorizava em maior parte conhecimentos e ideias baseadas no homem. O Humanismo situou-se entre os séculos XV e XVI.

O Classicismo, pertencente à Era Clássica, situou-se durante o século XVI, abordando temas como o racionalismo, mitologia e culto, além da imitação de clássicos. Essa escola literária surgiu em um período marcado por um forte contexto histórico, como as Grandes Navegações, a Reforma Protestante, o progresso científico, entre outros.

O Barroco, também da Era Clássica, surgiu devido à tensão entre ideias humanistas e católicas, em meados do século XVI, indo até metade do século XVIII. Tem como características o rebuscamento de forma e conteúdo e a tentativa de conciliação de opostos.

Quanto ao Arcadismo, surgiu como a última escola da Era Clássica, no século XVIII, tendo como contexto o iluminismo, Revolução Industrial, ascensão política e etc. Essa escola traz como características principais o predomínio da razão, simplicidade, desprezo por exageros e outras.

O Romantismo, Era Romântica, surge nas últimas décadas do século XVIII, indo até grande parte do século XIX, em um contexto de popularização das artes, liberalismo econômico e etc. Tem o individualismo, subjetivismo, fuga da realidade através do sonho e outras como principais. Essa escola divide-se em três momentos, sendo o primeiro com influência neoclássica, o segundo com o ultra-romantismo e o terceiro ocorrendo a transição para o Realismo.

O Realismo/Naturalismo, também da Era Romântica, surge então nas últimas décadas do século XIX, durante a segunda Revolução Industrial, cientificismo, evolucionismo. É caracterizado pela objetividade, predomínio da razão e denúncia de males sociais.

O Simbolismo, terceira Escola da Era Romântica, surge como oposição ao Realismo no final do século XIX. Esta escola é envolvida pela musicalidade, sinestesia e sugestão.

A última escola da Era Romântica é o Modernismo, tendo surgido no século XX, durante um ambiente de guerras e revoluções, como a Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Totalitarismo e outros acontecimentos da época. Essa escola traz como características a rejeição da tradição, a liberdade de criação, o futurismo, expressionismo, entre outras. Após

esta escola, no século atual, surge o Pós-Modernismo que equivale à contemporaneidade e aos avanços tecnológicos, científicos e culturais.

Embora a literatura fantástica não esteja essencialmente associada a nenhuma escola literária, para alguns autores, como Oz (2016), a literatura fantástica possui características do Classicismo (Séc. XVI) através das criações épicas, por exemplo, que narravam, geralmente, histórias heroicas. Um dos autores que se destacava nessa escola literária era Camões. Na obra *Os Lusíadas*, o autor cita deuses como Vênus, Júpiter e Marte, onde estes planejam o destino de navegantes portugueses – entre eles Vasco da Gama –, fazendo com que várias vezes estes se desviem do seu caminho. Esses deuses representam elementos mitológicos que fogem do plano real, trazendo características da literatura fantástica. Outro autor que se destacava era Dante Alighieri, que traz na obra *A divina comédia* sua jornada por reinos espirituais, sendo ele mesmo o personagem principal.

Segundo Camarani (2014), outros autores como Tritter (2001) afirmam que a literatura fantástica faz parte do Romantismo (Séc. XVIII), desenvolvendo-se contra o Classicismo no plano político e social como uma nova concepção do homem. Nesse quesito, chamamos à reflexão o fato de que, exceto a literatura científica, sempre voltada para aspectos da realidade, buscando provar/comprovar fenômenos políticos, sociais, da natureza etc., as demais formas literárias, como o Romantismo, por exemplo, abordam largamente sobre pessoas, contextos e situações imaginárias, envolvendo personagens e, às vezes, inclusive o próprio autor.

Ainda, alguns autores discutem sobre o Realismo Maravilhoso (Séc. XX) – também conhecido como Realismo Mágico ou Fantástico – dentro da literatura fantástica. Esse movimento traz histórias mais realistas, como o próprio nome já indica, com a inserção de elementos insólitos, mas de maneira sutil. Em outras palavras, são histórias que acontecem no mundo real e que possuem um elemento “sobrenatural”, muitas vezes ignorado pelos personagens. Esse elemento, geralmente, está ligado a culturas, crenças ou superstições. O movimento possui autores como Cortázar (1914-1984), Kafka (1883-1924) e Márquez (1927-2014), que são grandes nomes dentro do gênero.

Camarani (2014, p. 171) afirma que:

Quanto ao realismo mágico, Roas indica que essa modalidade literária apresenta a coexistência não problemática do real e do sobrenatural em um mundo semelhante ao nosso, em que os fenômenos prodigiosos são apresentados como se fossem comuns: uma situação de naturalização e de persuasão que confere *status* de verdade ao não existente, sem conflito, nem questionamento, o que já o distingue do fantástico.

Ante o exposto, destaca-se que a literatura fantástica teve maior visibilidade entre os séculos XVIII e XIX e frisa-se que a mesma envolve características do sobrenatural que perpassam o mundo real, num diálogo cheio de possibilidades.

2.3 Algumas das principais teorias precursoras e contemporâneas da literatura fantástica

2.3.1 Charles Nodier (1780-1844)

Nodier (1970), segundo Camarani (2014), é tido como predecessor no que se refere às reflexões teóricas sobre o fantástico. Ele possui um ensaio intitulado *Du Fantastique en littérature* (*Fantástico na literatura*), de 1830, onde afirma que o fantástico “não se apresenta como fruto de mentes perturbadas, visionárias ou alucinadas, mas é oriundo do racional, do desenvolvimento da mente humana”. (NODIER, 1970, não paginado *apud* CAMARANI, 2014, p. 14).

Camarani (2014, p. 15) diz, ainda, que o autor considera que o fantástico está ligado à época pós Revolução Francesa pelos anseios do povo por algo que os fizessem fugir da realidade. “As pessoas estavam fatigadas por séculos de racionalismo e ávidas por toda a espécie de sensações e sentimentos.”

Este autor consegue trazer essas sensações com a narrativa da *Histoire d'Hélène Gillet* (*História de Hélène Gillet*), que retrata a triste e real jornada, segundo ele, da execução de Hélène, condenada após ter seu bebê sequestrado e morto por um antigo tutor de seus irmãos. Ela é acusada de infanticídio e condenada a ter sua cabeça cortada.

Durante a consumação, o executor estava dividido entre o seu dever e a compaixão pela moça, pedindo perdão a ela por ter que fazer aquilo. Ele a golpeou, mas a espada penetrou apenas no ombro da mesma, fazendo com que ele a golpeasse novamente, causando assim uma ferida maior na vítima. As pessoas que estavam assistindo revoltaram-se e foram contra o executor. Hélène caiu desfalecida e depois levada a um cirurgião que afirmou que sua ferida não era mortal. Ela teve o seu perdão pela realeza, pois eles acreditavam que todas as probabilidades vieram de algo maior, pois aquela era uma época de fé.

Nessa obra, o aspecto fantástico reside no fato de Hélène não ter sido morta e sua salvação ter sido prevista por uma velha religiosa que teimava em afirmar que ela não morreria. A idade da senhora, que já possuía 92 anos, teria dado origem à sua lenda, segundo Nodier. Neste caso, o fato ocorrido foi considerado irreal, pois as condenações costumavam ser irrevogáveis.

2.3.2 Guy de Maupassant (1850-1893)

Outro autor francês que trouxe ideias a respeito da literatura fantástica foi Guy de Maupassant. Segundo Camarani (2014), ele não chega a desenvolver grandes reflexões a respeito do fantástico, mas escreve dois curtos textos bastante esclarecedores. Ela diz que o fantástico desse autor é um fantástico interior, inerente à alma humana, no qual não há lugar para monstros e outras criaturas sobrenaturais. Afirma que todo o inexplicável torna-se passível de explicações; tudo o que antes era fenômeno, agora é explicado por leis naturais.

A partir daí, vemos que o fantástico já começava a ter as suas variações, de acordo com as ideias de cada autor. Para Nodier (1970) era algo que acontecia mediante algumas explicações, já para Maupassant (2013), tudo teria uma explicação.

De acordo com Maupassant (2013, não paginado *apud* CAMARANI, 2014, p. 23), “a cada dia os filósofos, os eruditos ampliam as fronteiras da ciência, delimitando dois campos: do lado de cá, o conhecido que era ontem o desconhecido; alhures, o desconhecido que será o conhecido amanhã, único espaço ainda deixado aos poetas e sonhadores”.

Em diversas obras deste autor, podemos notar a presença do fantástico, mas sempre acompanhado de explicações para ter acontecido. No conto *Sur l'eau* (*Na água*), está presente a imaginação, onde há a dúvida se os fatos realmente ocorreram ou foram somente fruto da imaginação. Na narrativa intitulada *La peur* (*Medo*), é o medo, como o próprio nome já diz, que se destaca. Em *Qui sait?* (*Quem sabe?*), o personagem é apresentado em um hospício, destacando a “loucura” como pano de fundo. Vemos então que o seu ponto de vista é trabalhado partindo da racionalidade dos fatos, o que já aponta a evolução literária do gênero.

2.3.3 Pierre-Georges Castex (1915-1995)

Castex (1951) citado por Camarani (2014) afirma que o fantástico caracteriza-se por uma intrusão brutal de mistério na vida real; um mundo novo dentro do sobrenatural, se opondo ao real. Ainda, Camarani (2014), citando Castex (1951) assinala em um dos capítulos da obra *Le conte fantastique em France de Nodier à Maupassant* (*O fantástico conto na França de Nodier à Maupassant*), que a exploração do mistério nunca havia sido conduzida com tanta paixão como por volta de 1830 e que as mentes mais sérias passaram a recorrer às hipóteses mais ousadas para explicar os fenômenos desconcertantes da experiência humana. Assim, ampliam o campo da pesquisa científica, estudos sobre fenômenos reputados como sobrenaturais: sonambulismo, feitiçaria, possessão, entre outros.

Segundo Camarani (2014), a ciência auxiliou no crescimento da literatura fantástica,

estimulando a imaginação através da inquietação originada por dúvidas como: “o que acontece após a morte” e pela necessidade da fé, causando a renovação do fantástico.

Diante do exposto, percebe-se que o fantástico continua ampliando suas variações desde o seu surgimento. Começando com as ideias de comparações e metáforas com Platão, e fantasmas com Aristóteles, o fantástico se infiltrou na literatura de maneiras diferentes. Com Nodier, o fantástico era considerado normal por existirem fatos e desses algumas explicações que pudessem comprovar os eventos estranhos que ocorressem, enquanto Maupassant considerava que tudo tinha uma explicação.

Percebemos que essa discussão é semelhante com a que ocorre hoje em dia, como a de religião x ciência, onde muitos eventos são explicados por ambas e as características sobrenaturais são identificáveis.

2.3.4 Louis Vax (1924-1985)

Segundo Camarani (2014), Vax lança em 1965, através da *La séduction de l'étrange* (*A sedução do estranho*), as bases de sua concepção do fantástico. Ela diz que para ele a escrita do fantástico possui uma estrutura que não muda e que as obras se modificam ao longo do tempo, tanto em relação à época, quanto em relação ao autor, mas sempre permanecendo com o mesmo estilo. A autora ainda diz que ele afirma que os termos “verdadeiro” e “imaginário” combinados com “verossímil” e “inverossímil” trazem pouco interesse:

Para ele mais vale distinguir: a) a certeza científica fundamentada no raciocínio e na experiência; b) a convicção que se apóia na vontade de crer e na recusa de duvidar; c) a evidência afetiva. Em outras palavras: conhecimento, fé, sentimento. Segundo Vax, a pessoa que cultiva o fantástico não se interessa pelas conclusões da psicologia, nem pelos dogmas que definem a existência e o poder dos diabos, mas sim pelo poder de encantamento dos contistas. A narrativa ingênua que um homem de boa fé considera verdadeira, embora inverossímil, é mais convincente no plano do conhecimento do que a narrativa mais genial tida ao mesmo tempo como imaginária e internamente verossímil. (CAMARANI, 2014, p. 49).

Vax (1965), assim como Todorov (1980) posteriormente, afirma que o fantástico oscila entre o real e o irreal, trazendo também a importância da incerteza e da ambiguidade dentre as características das narrativas fantásticas. Ele afirma que o autor/escritor precisa acreditar naquilo em que está escrevendo para que passe verdade para que ao leitor seja possível adentrar em uma atmosfera de encantamento, seduzindo-o.

2.3.5 Roger Caillois (1913-1978)

Segundo Camarani (2014), Caillois (1966) traz no prefácio intitulado *De la féerie à la science-fiction* (*Do feérico à ficção científica*) a distinção entre contos de fadas, narrativas

fantásticas e ficções científicas. No primeiro, o mundo da fantasia participa do mundo real sem conflitos ou choques. No segundo, há harmonia, já que o que ocorre não causa surpresa ou terror; o sobrenatural constitui a própria substância desse universo. No último, o sobrenatural aparece como uma ruptura da coerência do universo. O impossível se instala e rompe a normalidade. Ela diz que o autor afirma que na Europa não aparece antes do final do século XVIII, como compensação de um excesso de racionalismo. Ele diz que o fantástico é contemporâneo ao Romantismo.

2.3.6 Tzvetan Todorov (1939-2017)

Este autor, como mencionado, trata a literatura fantástica como um gênero literário. Ele cita os aspectos da obra, afirmando que fazem parte os aspectos verbal, sintático e semântico. O primeiro relaciona-se ao estilo de escrita e ao ponto de vista; o segundo, à composição lógica para a narrativa e o último diz respeito ao tema, isto é, sobre o que se trata. Esses aspectos vão definir se uma obra é fantástica ou não.

Todorov (1980) afirma que para ser fantástico, é necessário que haja uma relação entre o mundo real e o irreal. A hesitação do leitor, narrador ou personagens caracterizam essas obras.

O autor menciona ainda o **estranho** e o **maravilhoso**, afirmando que o primeiro é algo sobrenatural que é esclarecido no decorrer da história, como, por exemplo, a suspeita da aparição de um fantasma, explicando-se depois que não aconteceu; enquanto o segundo é algo sobrenatural que é aceitável, como no filme *Alice no País das Maravilhas*, onde há um universo que possui elementos sobrenaturais que são aceitáveis como sendo reais. Define que para encontrar onde fica a literatura fantástica, é necessário entender os níveis entre o estranho e o maravilhoso.

Os níveis mencionados pelo autor dizem respeito ao: **estranho puro**, onde não acontecem eventos sobrenaturais e não há nada de maravilhoso; ao **fantástico estranho**, onde o universo fantástico começa a surgir, trazendo eventos que parecem sobrenaturais, mas que são explicados de forma lógica ao longo da narrativa; ao **fantástico maravilhoso**, onde há algo sem explicação racional e ao **maravilhoso puro**, onde o estranho não promove nenhuma reação ao leitor ou personagem e algo fora do comum é considerado normal. Dessa forma, a literatura fantástica se encaixa entre o **fantástico estranho** – elementos sobrenaturais surgindo no universo fantástico e o **fantástico maravilhoso** – algo fora do comum sendo considerado normal.

O autor afirma ainda que chegando ao maravilhoso puro, onde o acontecimento sobrenatural não é discutível, perde-se a literatura fantástica, tornando-se somente uma história maravilhosa. A explicação para isso é que tem que haver a hesitação para que se haja uma história fantástica, e se no maravilhoso não há essa vacilação entre os dois mundos, não há o elemento fantástico.

Todorov (1980) ainda discute sobre outros gêneros da literatura relacionados à literatura fantástica, como a poesia e a alegoria, mas ele afirma que elas não podem ser consideradas fantásticas quando são lidas com a noção de variados significados – quando o leitor lê uma poesia ou alegoria já sabendo que os elementos que a compõem são irreais –, já que assim não há a hesitação nesses gêneros.

Ele afirma também que a literatura fantástica possui temas, trazendo os seus conteúdos relacionados a estes. Assim sendo, menciona Penzoldt com temas como “[...] o fantasma; a assombração; o vampiro; o lobisomem; bruxas e bruxaria [...]”; Vax com “[...] o lobisomem; o vampiro; as partes separadas do corpo humano; as perturbações da personalidade [...]”; dentre outros. (TODOROV, 1980, p. 54).

Este autor contribuiu muito para o estudo da literatura fantástica, tanto é que a sua obra *Introdução à literatura fantástica* ainda hoje é utilizada como base para quem procura fazer um estudo sobre o tema. Contudo, há quem discorde de algumas afirmações do autor, como, por exemplo, a de que o enunciado do discurso fantástico tem que estar na 3ª pessoa para que haja a hesitação – algumas obras fantásticas são narradas na 1ª pessoa e conseguem trazer essa dúvida entre acreditar ou não; também que o fantástico se perde no maravilhoso puro – após os seus estudos, surgiram aqueles que dividem a literatura fantástica em gêneros e subgêneros, incluindo inclusive a fantasia, gênero esse que tem o maravilhoso como componente principal de suas narrativas; dentre outros.

Podemos citar Jean Bellemin-Noël (1971) e Irène Bessière (1974), como autores que trazem as suas discordâncias a respeito de algumas afirmações de Todorov. Bellemin-Noël (1971) aponta que o estranho e o maravilhoso não estão no mesmo plano, pois não existe gênero estranho. “Isso levaria à impressão de que o fantástico se encontraria imobilizado entre o maravilhoso e nada ou não importa o quê (o estranho), ali colocado por conveniência”. (CAMARANI, 2014, p. 75). Já Bessière (1974) afirma que o fantástico não constitui uma categoria ou um gênero literário, mas supõe uma lógica narrativa, afirmando também que hesitação não é o termo correto, dando o nome de interrogação ou espanto. “A contradição e a recusa mútua e implícita que aponta em sua definição não me parece isenta de hesitação, uma vez que a contradição faz emergir a possibilidade de hesitação, como comprova a citação

acima e como já assinalei.” (CAMARANI, 2014, p. 87).

Outros, segundo Camarani (2014), concordam com Todorov a respeito do fator mistério existente na teoria, como Finné (1980), e com a literatura fantástica como gênero literário, como Furtado (1980). O último ainda afirma que o estilo da obra fantástica deve se manter constante, mesmo que existindo diversos tipos de leitura. Essa visão é parecida com a de Vax que afirma que o estilo do fantástico não muda, sempre permanecendo o mesmo ao longo do tempo.

Camarani (2014) traz teorias e explicações sobre essas discussões seguindo com Malrieu (1992), Tritter (2001), Ceserani (2006), Viegnes (2006), Roas (2011), Paes (1985) e Rodrigues (1988). Apesar das contradições, o fato é que as discussões desses e de outros diversos teóricos foram e são necessárias para a continuidade dos estudos a respeito do fantástico.

2.4 Literatura fantástica no Brasil

Considerando a ascensão do gênero nos séculos XVIII e XIX e encaminhando-se para autores brasileiros que estudaram ou deram sua contribuição para esse gênero, alguns autores como Rodrigues (2016) afirmam que Machado de Assis possui elementos fantásticos em sua narrativa, como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, onde a história é narrada por um defunto, em 1ª pessoa, contando a sua vida após a morte. Rodrigues cita ainda J.J Veiga (1959) e Murilo Rubião (1947), onde os mesmos situam suas obras em espaços alegóricos.

Outros autores como Niels (2014, p. 1, grifo nosso) afirmam que:

Grande parte dos estudiosos do gênero fantástico no Brasil consideram os contos de *Noite na taverna* e o drama *Macário*, de Álvares de Azevedo, como aqueles que inauguram uma produção fantástica no âmbito da literatura brasileira, embora seus contos não correspondam plenamente as principais teorias do gênero.

Os contos *Macário* (1852) e *Noite na Taverna* (1855) de Álvares de Azevedo fazem parte da segunda geração do Romantismo brasileiro, surgido no século XVIII, também chamada de mal do século ou ultrarromântica. Essa geração foi marcada pelo negativismo, pessimismo, tristeza, desilusão, sarcasmo, amor inalcançável, etc. Álvares baseava-se em obras de autores como Shakespeare (1564), Hoffman (1776), Lord Byron (1788) e outros.

Os contos fazem parte da literatura gótica pertencente ao Romantismo, onde podemos identificar a hesitação e a fantasia presentes nos ambientes noturnos, morte, amor, satanismo e outros descritos. É possível identificar semelhanças com as narrativas fantásticas de Hoffman, por exemplo.

Niels (2014) afirma que não correspondem totalmente às principais teorias do gênero. Assim, podemos identificar como características do fantástico a hesitação de Macário quando não sabe se viu realmente o diabo no primeiro encontro; assim como a “ponte” entre os dois mundos, quando há a presença desse ser de outro universo presente no mundo real; além de algumas partes da narração em 3ª pessoa, como a primeira e última parte de *Noite na Taverna* – Todorov (1980) afirma que os enunciados em 3ª pessoa deixam margens para a hesitação; além de conter temas sobre o diabo e distúrbios de personalidade citados por Todorov.

O nome do primeiro conto se refere ao jovem Macário que é retratado como alguém que odeia o romantismo e sofre desencanto em relação ao amor. Ele encontra o diabo em certo momento e começam a conversar sobre a vida, sempre trazendo à tona o pessimismo e a descrença. A história traz outros personagens como “Penseroso”, que fala muito sobre o amor, mas depois é encontrado sem esperanças em relação a este, se suicidando logo após. O conto é caracterizado pelo desencanto em relação à vida e ao amor, pessimismo, crítica à época, relação entre amor e morte e há também uma referência a Shakespeare, quando os personagens citam a tragédia *Hamlet*.

O segundo conto citado, *Noite na Taverna*, traz Sofiere, Beltram, Gennaro, Hermann, Johann, Arnold e outros, que estão bebendo e narrando suas histórias. Estas são recheadas de características da segunda geração romântica, como a desilusão, o suicídio, a traição, o assassinato, o infanticídio, o estupro, o incesto, o canibalismo e outros. A última cena retrata um ambiente do fantástico quando há a aparição de uma mulher dita como pálida e vestida de preto, mencionada anteriormente em uma das narrativas do conto. Ela é Georgia, irmã de Johann. O irmão havia matado seu amante, Arthur, e praticado incesto com ela sem saber que era a mesma durante o ato. Ela o mata, vai até Arnold, identificado como seu amante Arthur, que não havia morrido, e avisa que morrerá. Logo em seguida, Arnold se mata também. O conto faz menção a *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

As histórias são carregadas de fantasias desde a conversa “despreocupada” entre Macário e o diabo, até a narrativa de homens sem moral e princípios que se apaixonam por mulheres puras ou perdidas e que fazem de tudo para conseguir o que querem.

Embora a literatura fantástica tenha se desenvolvido também no Brasil, percebe-se que esse gênero sofreu certo preconceito – seja pelo desconhecimento da literatura por grande parte da população, seja por quaisquer outros motivos –, não despertando expressivamente o interesse dos leitores nesse gênero – haja vista, de modo geral, a literatura no Brasil ter

ganhado reconhecimento em produções com características da primeira geração romântica ou do realismo. Segundo Niels (2014, p. 186):

O modelo proposto pelos romances de Alencar influenciaria até mesmo os movimentos literários posteriores ao romantismo – o realismo e o naturalismo –, obstruindo qualquer possibilidade do surgimento de um fantástico brasileiro profícuo. As duas vertentes da ficção alencariana – a regional e a urbana – deram origem a duas linhas hegemônicas da nossa ficção – a regionalista e a psicológica. O caminho que nos conduziria à tradição de uma ficção sobrenatural à brasileira foi obstruído, portanto, pelo sucesso do modelo de uma mais pautada na realidade, conforme o promovido por Alencar e seus contemporâneos, conduzindo nossa literatura à uma tradição mais realista que a dos demais países latinoamericanos, em especial nos séculos posteriores, XX e XXI.

Outros autores também discutem a não ascensão do gênero no Brasil, como Tavares (2003 *apud* NIELS, 2014) que nos diz que embora alguns autores brasileiros venham reinventando o fantástico, suas tentativas não são suficientes para que o gênero decole no país.

Outro autor, Maciel (2008), demonstra preocupação com o moderno e o revolucionário, que terminou por afastar os modernistas do fantástico. Contudo, afirma que é possível identificar obras da literatura fantástica no contexto brasileiro, como as de Inglês de Sousa, Maurício Graco Cardoso e Emília Freitas. Acerca da última escritora citada, segundo o mesmo autor, ela é autora do primeiro romance da literatura fantástica no Brasil, intitulado *A Rainha do Ignoto*, publicado em 1899.

Niels (2014, p. 187, grifo nosso) cita uma coletânea de contos brasileiros que fazem menção ao gênero, como:

O conto fantástico de 1959, organizado por Jerônimo Monteiro; *Maravilhas do conto fantástico* – antologia de contos estrangeiros que contém três narrativas brasileiras –, de 1960, organizado por Fernando Correia da Silva e José Paulo Paes; *Obras primas do conto fantástico* – antologia de contos estrangeiros que traz cinco narrativas nacionais –, de 1961, organizado por Jacob Pentead; *Histórias fantásticas* – antologia que abriga contos de quatro autores brasileiros –, de 1996, organizado por José Paulo Paes; *Páginas de Sombras: contos fantásticos brasileiros*, de 2003, organizado por Bráulio Tavares; *Os melhores contos fantásticos* – antologia que traz seis contos de brasileiros –, de 2006, organizada por Flávio Moreira da Costa e prefaciada por Flávio Carneiro; *O fantástico brasileiro: contos esquecidos*, de 2011, organizado por Maria Cristina Batalha, reúnem contos de natureza fantástica a fim de resgatar essa vertente de nossa literatura que esteve oculta por tanto tempo.

A autora, citando Jacob Pentead (1961), diz que esse admite que possuímos verdadeiros mestres nesse campo da literatura, como, por exemplo, Gastão Cruls (1951), que na obra *O espelho* retrata a compra do objeto em um leilão de antiguidades que muda inexplicavelmente a vida sexual de um casal, produzindo aí o elemento sobrenatural que caracteriza o fantástico.

Niels reporta-se por fim à Maria Cristina Batalha (2012), que diz que a literatura fantástica foi construída à margem de grandes correntes literárias apesar da evolução do gênero no século XIX. Também traz que “é possível se falar em uma pluralidade de ‘fantásticos’ ao invés do imutável e fechado gênero proposto pelo estudo todoroviano”. (NIELS, 2014, p. 193).

Além dos mencionados, Camarani (2014) afirma que Paes (1985) traz nomes como Murilo Rubião (1916) e José J. Veiga (1915) como escritores que trouxeram a sua contribuição para a nossa literatura. Paes (1985) “utiliza a palavra ‘subgênero’ para designar essa nova tendência do romantismo de prosa de ficção; ao lado do termo ‘modalidade’ de Ceserani (2006), parece ser também uma opção mais viável do que ‘gênero’ fantástico”. (CAMARANI, 2014, p. 179).

O autor discorda da utilização de gênero fantástico por Todorov para designar a literatura fantástica, mas concordando com a questão da hesitação para caracterizá-la. Camarani (2014, p. 182) ainda afirma que “o crítico defende o paralelismo entre fantástico e romantismo, pois neste a ênfase se transfere para o subjetivo, o excêntrico, o individual, o misterioso, o místico, o libertário”.

A autora também traz ideias de Rodrigues (1988) que se pergunta onde estaria o lugar do fantástico em uma sociedade que rejeita a metafísica; e utiliza Bessière (1974), para mostrar que o fantástico se desenvolve pela quebra da racionalidade na época enfatizada.

Niels (2014) frisa que esse levantamento é apenas um cenário geral do que vem a ser literatura fantástica no Brasil, afirmando ainda que é necessário um estudo mais amplo e específico para identificar as características do gênero no país, pois o que se tem são apenas estudos analíticos.

Diante do exposto, reafirmamos que apesar do crescimento, o fantástico não esteve totalmente presente na literatura brasileira, sendo identificado entre os séculos XVIII e XIX com obras de autores como Machado de Assis e Álvares de Azevedo. Vemos que há muitas obras traduzidas e poucas produzidas no país. Contudo, autores como Bráulio Tavares (1986), André Vianco (1999), Rafael Draccon (2007), Eduardo Spohr (2010), Affonso Solano (2013), L.L.Wurlitzer (2014), Leonel Caldela (2015) e outros estão contribuindo para a nossa literatura. Estes autores trazem histórias com vampiros, anjos, demônios, além de produzir novos mundos que estão atraindo novos adeptos ao gênero.

3 LEITURA E INFORMAÇÃO: CONTEXTUALIZANDO SEUS DOMÍNIOS

3.1 Leitura

De acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 1250), leitura vem do latim *lectura*, que significa o “ato ou efeito de ler; hábito de ler; aquilo que se lê; a arte ou modo de interpretar e fixar um texto de autor, segundo determinado critério”; além de outros.

Já Magalhães Neto (2004, p. 27) afirma que “o ato de ler é um processo dinâmico entre autor e leitor e que exige, por parte deste, uma gama de conhecimentos que lhe possibilitarão ir além da simples decodificação do exposto na superfície do texto”. Afirma ainda que “a leitura de textos pertencentes a gêneros diversos e com visões de mundo distintas e diferentes orientações ideológicas pode ser um excelente auxiliar no despertar do senso crítico que a leitura deve proporcionar ao aluno-leitor”. (MAGALHÃES NETO, 2004, p. 37).

Diante do exposto, é possível encaixar a literatura fantástica dentro dessa afirmação, considerando-se ela como um dos diversos gêneros literários existentes – na relação com essa característica citada por esse autor. A literatura fantástica pode também, além de despertar o senso crítico do leitor, despertar seu interesse literário e torná-lo assíduo a essa literatura, como ocorre ou pode ocorrer com qualquer outro tipo de literatura.

Alguns estudos como o de Silva (2014) informam que os primeiros registros escritos iniciam-se com os homens das cavernas durante a Pré-História, tendo as paredes das cavernas como suporte inicial para os seus registros. Conforme se ampliavam seus conhecimentos e necessidades de informar sobre suas realizações humanas e sociais, o homem passava a desenvolver novos suportes como tábuas de argila, papiros, pergaminhos e papel. Esse último, juntamente com a invenção da Imprensa por Johann Gutenberg, no século XV, vem impulsionar o que ainda hoje é considerado como um grande marco histórico na movimentação de ideias, popularização do livro e, conseqüentemente, da leitura.

A leitura nem sempre teve importância devida na sociedade. No Século XVIII era, inclusive, considerada prejudicial à saúde, “a certa altura do século XVIII, imaginou-se que a leitura oferecesse perigo para a saúde” como esgotamento dos nervos. (ABREU, 1999, p. 10 *apud* SILVA, 2014, p. 54). No entanto, conforme o mesmo autor, que discorda do imperativo contraditório ao uso da leitura no citado século, este infere que:

Contrário a isso, hoje se recomenda a leitura como alento à vida das pessoas. Recentemente, algumas pesquisas apontaram o ato de ler como amenizador do Mal de Alzheimer [...]. A visão negativista não se limitava apenas à saúde. Eram mais “terríveis” “os perigos para a alma”, “para a moral”. “Dizia-se que os livros divulgavam ideias falsas, fazendo-as parecer verdadeiras, estimulavam

demasiadamente a imaginação, combatiam o pudor e a honestidade.” (ABREU, 1999, p. 11 *apud* SILVA, 2014, p. 54).

O preconceito envolvendo a leitura no século XVIII não foi, todavia, um fato isolado no tempo e no espaço, pois, em pleno século XXI ainda há pessoas que não se interessam por essa atividade de leitura. A falta de interesse, contudo, não está ligada à ideia de oferecer perigo à saúde, mas, provavelmente, entre outros fatores, pela larga disseminação de recursos tecnológicos que facilitam a leitura e comunicação rápidas, não envolvendo a demanda que envolve o hábito de ler, no que seja dedicação cotidiana a essa atividade.

Entretanto, avaliando por outro ângulo, o dos benefícios da leitura, percebe-se o quanto a leitura é importante para a formação do indivíduo na sociedade. Martins (2006, p. 17) afirma que:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

Podemos afirmar a partir da citação acima que a leitura é responsável pela aquisição de conhecimentos; desenvolvimento da criticidade; estimulação do cérebro e desenvolvimento da visão de mundo; além de ser capaz de levar o indivíduo a conhecer sua cultura e a de tantas outras ao redor do mundo.

À leitura, pelo seu perfil de inserção em vários contextos, conforme já mencionado em momento anterior desse trabalho, verifica-se também sua relação com o contexto da oferta de informação, posto que uma pode levar à outra, podendo se estender à aquisição de conhecimentos.

Segundo alguns autores de diversas áreas do conhecimento, particularmente a Biblioteconomia, existe uma diferença entre informação e conhecimento, inclusive, se reportando ao dado como o primeiro elemento motivador desse círculo de apreensão pela leitura, que seria o primeiro contato com a leitura.

Entende-se através das ideias de Le Coadec (2004) que dado é a representação convencional, codificada, de uma informação. Quanto à informação, diz que é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. Em relação ao conhecimento, diz que é representado de determinada forma em determinado momento, que seria nossa imagem de mundo, passando a ter uma deficiência ou anomalia desse(s) estado(s), buscando corrigi-la através da aquisição de novas

informações. “[...] disso resultará um novo estado de conhecimento”. (LE COADIC, 2004, p. 9). Diante disso, podemos compreender que os dados seriam as palavras captadas imediatamente e que não possuem um significado lógico; a informação seria o significado dado a essas palavras e o conhecimento seria a absorção dessas informações, sendo possível gerar suas próprias ideias.

Apesar dos benefícios da leitura, esta não costuma ser habitual para a maior parte das pessoas na realidade brasileira, por exemplo. O *Estadão* (2011), jornal fundado em 1875, apresentou no seu Portal de internet, em dezembro de 2011, uma matéria informando que o Brasil apresentava uma produção de livros bastante razoável, porém, em contra partida, dispunha de uma média anual muito baixa de livros lidos; “uma média de 1,8 livros não acadêmicos por ano”. Na mesma matéria há uma comparação com os países desenvolvidos, cuja média é de 10 obras lidas anualmente.

Outro destaque se fez no Portal de notícias da Rede Globo – *GI* (2016). Numa análise mais animadora da realidade brasileira acerca da prática da leitura, Mariana Nogueira publicou uma matéria em maio de 2016 onde informava que entre 2011 e 2015 subiu em seis pontos percentuais o número de leitores no Brasil, sendo o total de livros lidos inteiros ou em partes de 2,54 obras. A citada matéria veiculava os resultados de pesquisa realizada pelo Ibope, encomendada pelo Instituto Pró-Livro. De acordo com a mencionada matéria jornalística, “o levantamento, que teve abrangência nacional, apontou que o país tinha cerca de 104,7 milhões de leitores, ou seja, 56% da população”.

O mesmo portal seguiu discutindo que de acordo com os responsáveis pela análise, o aumento da escolarização pode ajudar a explicar o aumento dos entrevistados considerados leitores. “O percentual de analfabetos caiu de 9% em 2011, para 8%, em 2015”.

Diante do exposto, percebe-se que o número de leitores interfere diretamente no desenvolvimento de um país. Segundo o Ministério da Cultura:

O Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL – foi instituído por meio da Portaria interministerial nº 1.442 de 10 de agosto de 2006, pelos ministros da Cultura e da Educação. E, em 1º de setembro de 2011, foi instituído por meio do decreto nº 7.559, firmado pela presidenta Dilma Rousseff. As diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores) apresentadas neste Plano, levam em conta o papel de destaque que estas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. Elas têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável. (BRASIL, 2017, não paginado).

Diante do exposto, depreende-se dessa afirmação a ideia do relevante e significativo papel da leitura nos contextos social e individual. A leitura deveria ser concebida como algo fundamental na vida de todos, haja vista a mesma ter a capacidade de facilitar as relações entre as pessoas; aumentar o seu recurso linguístico; desenvolver a sua criatividade; criticidade; compreensão; interpretação etc., facultando uma evolução contínua dos indivíduos e da sociedade como um todo, tornando-as pessoas melhores.

Ainda a respeito da leitura, podemos citar como exemplo o filme *O substituto* (2011), dirigido por Tony Kaye, que levanta uma questão interessante sobre esta. O ator Adrien Brody protagoniza um professor substituto de uma escola pública problemática. Na cena, ele explica o conceito “acreditar deliberadamente em mentiras enquanto sabe-se que são falsas” e dá exemplos: “preciso estar linda para ser feliz; preciso de uma cirurgia para ficar bonita; preciso ser magra, famosa, na moda”. Afirma que “os homens foram ensinados que as mulheres são prostitutas; vadias; pessoas para serem enganadas; espancadas; esculachadas; envergonhadas”. O protagonista afirma que se trata de um holocausto, 24 horas por dia, para o resto das vidas.

A falta de leitura, de acordo com o que se entende da cena, é o que leva ao “holocausto”, conforme o personagem citado. Em outras palavras, a frase “acreditar deliberadamente em mentiras enquanto sabe-se que são falsas” mostra que sem a leitura o indivíduo fica indefeso e desprovido de pensamentos críticos e argumentos para qualquer ideia que seja imposta a ele, acreditando assim em qualquer coisa que lhe seja apresentada, como no trecho “os homens foram ensinados que as mulheres são prostitutas; vadias; coisas para serem enganadas; espancadas; esculachadas; envergonhadas”. Sabemos que essas ideias estão erradas, contudo, esse problema é retratado de forma tão frequente na sociedade que pessoas leigas podem acreditar que seja algo normal e habitual.

“Preciso estar linda para ser feliz; preciso de uma cirurgia para ficar bonita; preciso ser magra, famosa, na moda”. Esse trecho nos passa a ideia do que é implantado na sociedade para o padrão de beleza hoje. Não só as pessoas que, em tese, “estão fora do padrão” pensam assim, como também as pessoas que julgam estas. O que faria com que isso não ocorresse, seria o hábito de ler – porque a leitura, além de alargar as fronteiras de diversos tipos de conhecimentos, proporciona o acesso a informações de variadas origens, objetivos e significados e, nesse contexto, a literatura fantástica tem também sua incidência, assim como tem a literatura científica, de entretenimento etc.

A falta de leitura limita a cultura humana e o pensamento, sendo necessário aprender a ler para que seja possível estimular a própria imaginação e cultivar a consciência e o próprio

sistema de crenças. No citado filme, o personagem mencionado finaliza afirmando que todos precisam da habilidade da leitura “para se defender e preservar as vontades próprias”.

Percebemos que a leitura é trabalhada desde percepções mais simples até as mais complexas, como no exemplo acima, onde a leitura é capaz de trazer a força para se lutar contra esse processo que a sociedade implanta todo dia na cabeça dos jovens, segundo a cena.

Podemos citar também a opinião de um importante médico, cientista e escritor brasileiro, Dr. Antônio Drauzio Varella, que tem destaque na circulação de informações médicas no Brasil. O médico, através do seu canal no Youtube ‘Drauzio Varella’, respondeu a uma pergunta de um internauta a respeito da leitura, afirmando que a leitura foi decisiva na sua constituição profissional e humana. Comenta que a leitura o acompanha desde a infância e que a mesma é o mais completo de todos os exercícios intelectuais. Afirma que através da leitura, é possível criar imagens, sons e voz do narrador. Há a estimulação de diversas áreas do cérebro, além de ter um mundo acessível de outra forma. Ele cita que é possível ler um livro que se passa em 1800 e entender o que se passou naquela época como se uma viagem tivesse sido feita. Além de adquirir cultura, ele afirma que, de forma geral, é possível ter uma experiência de vida inacessível de outra forma. Termina dizendo que você será uma pessoa mais ou menos interessante dependendo do seu passado literário; do que você leu na vida.

Ressaltando-se a importância da leitura para a apreensão dos diversos recursos que ela pode proporcionar, – seja no contexto científico, técnico, escolar, de lazer, entretenimento ou quaisquer outros – um dos aspectos a ser observado, segundo Paulo Freire (1989, p. 9):

É a contextualização da leitura para que ela seja dotada de significados, tendo a própria realidade como ponto de partida. A leitura do mundo precede a da palavra e a compreensão do texto a ser alcançada pela leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Apesar da diversidade de leituras existentes, desde a poesia à leitura científica, acredita-se que a realidade permeia os objetivos de quem as produz. Em alguns contextos, essa projeção é clara – como as pesquisas para as comprovações científicas, por exemplo, – todavia, a singularidade do estado emocional e humano dos poetas também pode perpassar a realidade, ou dela ser oriunda. Álvares de Azevedo, por exemplo, inspirava-se no poeta inglês Lord Byron, como já exposto nesta pesquisa, produzindo romances cujas suas principais vertentes eram baseadas no pessimismo e no amor inatingível.

Nessa perspectiva, remonta-se ao fantástico que, segundo Todorov (1980), tem como características a hesitação; limites entre o real e o imaginário; dentre outras. Nesse sentido, observa-se que seja no Romantismo, Classicismo, Arcadismo, Realismo, Modernismo etc.,

todas têm diferentes modos de apresentação da sua estrutura no seu contexto de criação, perceptíveis pelas características intrínsecas visíveis à leitura.

O leitor, seja por identificação com essa ou aquela estética/característica literária, seja por quaisquer outros motivos, vai envolvendo-se com frequência no contexto literário de sua preferência, que gradativamente vai direcionando-o para referências específicas e habituais no seu cotidiano de leituras. Nessa perspectiva, o presente estudo busca entender **que razões motivam os leitores de literatura fantástica a nomeá-la como gênero literário de sua preferência**, tendo em vista o conceito amplamente discutido de que a literatura fantástica constitui-se basicamente de situações fora da realidade, dialogando unicamente com o imaginário do seu leitor. Maia (2017, p. 1) afirma que:

A literatura fantástica parece, à primeira vista, distanciar-se da realidade cotidiana e levar o leitor para lugares longínquos, para um passado idealizado, para o mundo dos sonhos. Entretanto, essa percepção de que a literatura fantástica estaria atrelada ao escapismo pode se mostrar superficial. Ao contrário do que comumente se imagina, o fantástico pode ser um meio de retratar a realidade para além de sua imediatez, alcançando as interconexões que formam o processo histórico.

Nesse sentido, observa-se que muitos analistas levam em consideração que a literatura fantástica possui características que estimulam o imaginário através da leitura, por exemplo, assemelhando-se em maior ou menor intensidade a vários outros tipos de textos literários, como os textos românticos e poéticos, por exemplo, cujas concepções delineadoras da escrita podem remontar a aspectos da realidade individual do autor ou coletiva social.

Tema de inúmeras discussões em variados contextos históricos, sociais, educacionais etc., a leitura também permeia o contexto da Biblioteconomia, por se constituir em oportunidades de atuações nos âmbitos de bibliotecas; como no apoio aos programas de ensino e aprendizagem em bibliotecas escolares, públicas, comunitárias, universitárias etc., por exemplo, pois, sua função é a organização da informação para o acesso – implicando oportunidades de leituras naqueles variados contextos informacionais.

Nesse sentido, infere-se que as possibilidades de contribuições da literatura fantástica nos contextos de bibliotecas como recurso de informação, lazer e entretenimento – embora, não seja esse o objetivo dessa pesquisa – são bastantes presentes, principalmente pelo crescente número de leitores interessados nessa modalidade de literatura e leitura.

Argumenta-se sobre a relevância dessa pesquisa, que tem como objetivo geral **identificar as razões pelas quais os leitores de literatura fantástica a consideram sua leitura preferida**, como também apresentar as informações por eles identificadas nos conteúdos fantásticos – pelo fato de a leitura de obras fantásticas identificar-se como uma leitura diferente no sentido de disponibilizar elementos de universo sobrenatural,

possibilitando novas interpretações e sendo possível levar o leitor a um mundo onde qualquer coisa pode acontecer. A intenção não é a de trabalhar a ideia de formação de leitores, mas sim a de analisar obras de literatura fantástica e ver possibilidades de utilizá-las como incentivo ao hábito da leitura.

O bibliotecário, dentro dessa ideia de incentivo, tem a possibilidade de promover técnicas com o intuito de aproximar os leitores da biblioteca e, conseqüentemente, dos livros. Oliveira (2015, p. 25) afirma que:

O profissional da informação [bibliotecário] assume, portanto, seu papel mediador, como responsável por estabelecer o diálogo entre sujeito e protoinformação, promovendo e acompanhando o processo de construção de conhecimento. Esse trabalho deve ser principalmente de acompanhamento, visto que o ciclo do conhecimento não se esgota. O contato com a informação não fecha um ciclo, pelo contrário, apresenta novos caminhos, novas discussões, aumenta dúvidas e atravessa a então conhecida zona de conforto.

O profissional da informação pode então ajudar nesse processo, visando o aperfeiçoamento pessoal, educativo, cultural e etc. dos leitores. Ele trabalha no sentido de elaborar projetos, técnicas e meios de tornar a leitura algo mais acessível e prazerosa. É interessante ler na citação acima a frase “o ciclo não se esgota”, pois as informações estão por toda parte e todos os meios, fazendo com que haja uma fonte interminável destas, podendo ser trabalhadas de forma que seja possível adquirir muitas informações e conhecimentos.

É importante ao bibliotecário ter dedicação, imaginação, percepção, criatividade, gosto pela leitura e outras qualidades para saber estimular e incentivar os seus leitores nos contextos de bibliotecas:

Nesse sentido, incentivar a leitura é divulgar os autores [...] que trabalham com o gênero e discutir em mesas de bate-papos, com a presença dos leitores, as temáticas desenvolvidas pelos escritores da área. Eventos que promovam o debate e a criatividade das pessoas, seja em relação a obras literárias, cinematográficas, teatrais ou plásticas, são fundamentais para o crescimento dos sujeitos. Desse modo, a leitura e a discussão em torno da produção atual nos insere em um processo de construção e de crítica que possibilita enxergar através do fantástico e, a partir das metáforas, o mundo real e a sociedade em que vivemos. (FALCÃO, 2017, não paginado).

A leitura não fará com que o leitor fique contente com apenas uma informação quando a mesma é interessante. A título de exemplo, pode-se destacar que a literatura fantástica traz informações diferenciadas para a leitura, além de variações de gêneros e ideias que apesar de muitas vezes confrontarem a realidade, são atuais e fazem com que o leitor desenvolva o gosto pela leitura/literatura.

Diante disso, a literatura fantástica pode dar a sua contribuição no processo de condução e recondução à leitura, deixando o leitor interessado em ler uma obra que contenha mais informações pelo fato desta lhe chamar a atenção a ponto de fazer com que sinta a

vontade de ler um livro do início ao fim, por exemplo, o que poderia fazer com que a média de leitores no Brasil aumentasse.

3.2 Informação

Quando pensamos a respeito da informação, vemos que ela se encontra presente ao longo de toda a história, possuindo relações pessoais, sociais e profissionais com os indivíduos, além de constituir-se como objeto de estudo, argumentação e modificação na sociedade. Essa sociedade se encontra em processo constante de mudanças, trazendo, consequentemente, mudanças para a informação ao longo do caminho.

A informação principia o conhecimento e faz parte do nosso dia a dia. Exemplo prático disso é o próprio corpo humano, onde os comandos/informações são transmitidos através do nosso cérebro o tempo inteiro. Podemos citar ainda que se não possuímos a informação de como se faz um bolo, ele provavelmente ficará ruim ou queimará; se não possuímos a informação de que um alimento deverá ficar na geladeira, ele estragará; se não nos informarmos de que determinado medicamento é adequado para algo que estejamos sentindo, provavelmente a melhora tardará. Assim, através de informações, novos conhecimentos serão adquiridos.

A informação permeia diversos contextos, suscitando objetivos e necessidades diferentes, no que tange às relações humanas na busca e acesso de informações. Nos campos da ciência e da tecnologia a informação teve amplo aumento, particularmente desde a segunda metade do século XX até os dias atuais, sendo fundamental também o aumento de habilidades de organização, buscas e utilização favoráveis ao conhecimento humano.

Informação, segundo o Aurélio (2010, p. 1158), vem do latim *informatione* que significa “o ato ou efeito de informar(se); informe; dados acerca de algo ou de alguém; comunicação ou notícia trazida ao conhecimento de uma pessoa ou de um público; coleção de fatos ou de outros dados fornecidos à máquina, a fim de se objetivar um processamento e etc”.

Já Le Coadic (2004, p. 4) afirma que “informação é um conhecimento registrado, de variadas formas, em um suporte, tendo como objetivo a compreensão de sentidos ou seres em sua significação”. Cita que um exemplo é a notícia veiculada por um jornal, rádio e TV. Além disso, faz também a relação entre dado, informação e conhecimento, como já dito anteriormente, podendo ser mencionados como as três etapas após uma leitura, dentro do contexto desta pesquisa.

Ainda sobre informação, Christóvão e Braga (1997, p. 34 *apud* MARANHÃO, 2002, p. 263) afirmam que “a informação é a interface, o evento entre um estímulo externo, ou seja,

uma mensagem, um cognóscio, que tal estímulo ou mensagem transforma e/ou altera”. Maranhão (2002) afirma que cognóscio seria o conteúdo pessoal que o indivíduo possui e o estímulo externo seria o que o indivíduo percebe através dos seus sentidos, sendo possível, após tais concepções, afirmar que a informação é o que o indivíduo percebe através de algo que lê, escuta, vê, sendo possível transformar-se em conhecimento, dependendo das ideias, valores e crenças que o indivíduo possui.

Já Gleick (2013, p. 9) afirma que “a informação é aquilo que alimenta o funcionamento do nosso mundo: o sangue e o combustível, o princípio vital. Ela permeia a ciência de cima a baixo, transformando todos os ramos do conhecimento.” A informação, portanto, se constitui como um dos bens mais valiosos da humanidade desde muito tempo. Seu poder de disseminação, desenvolvimento e mudança faz do indivíduo alguém mais informado, curioso e, conseqüentemente, mais crítico.

Sendo assim, é importante agregar valor a ela para que não se torne apenas um amontoado de dados. Podemos citar a acumulação de dados sem a decodificação apropriada em uma aula, por exemplo, quando um aluno lê por ler para uma prova e não consegue entender a proposta do conteúdo, apenas decorando-o. Adquire-se assim muitas informações sem valor, tornando-se apenas dados ao longo do tempo e não informações decodificadas – que fazem parte da base necessária ao conhecimento.

Após a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV e a Revolução Científica, no século XVI, a informação passou a ser veiculada e divulgada em maior quantidade, onde houve o aparecimento da expressão “explosão da informação” para denominar a grande quantidade de massa informacional disponível em variados locais e formatos. Atualmente, é possível se adquirir todo tipo de informação e usá-la das mais variadas formas, diferente de antigamente, onde a Igreja mantinha restritas todas as publicações, deixando disponíveis apenas as religiosas.

O filme *O Nome da Rosa*, de 1986, retrata o exemplo acima, onde pessoas são assassinadas após tentarem ler os livros que a Igreja escondia. As pessoas assassinadas eram encontradas com os dedos e a língua escurecidas, fato acontecido pelo veneno colocado nas folhas dos livros considerados perigosos pelos monges. Embora ambientado em uma história fictícia, essa obra cinematográfica nos mostra o valor da informação já naquela época, onde um indivíduo informado era perigoso para a Igreja, pois seria alguém que refutaria qualquer informação que lhe fosse repassada.

O controle ao acesso à informação já expressou a prática cultural e social de vários povos, em diversos tempos e espaços, tais como na Idade Média e, mais atualmente, nos

países sob regimes de ditadura, como em alguns países da América Latina, África e também no Brasil.

A informação está presente em todas as áreas do conhecimento, entretanto, há uma ciência para estudá-la denominada *Ciência da Informação*. Segundo Le Coadic (2004, p. 25) “a ciência da informação tem por objetivo o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso”. É importante mencionar essa ciência, visto que ela é responsável por estudar a origem, técnicas e tratamento de informações, fazendo com que seja mais fácil de ser utilizada e recuperada.

Nessa perspectiva, observa-se que a contextualização da informação é algo de profundo significado para a apreensão do conhecimento, e essa contextualização tem na leitura um dos grandes recursos favoráveis a tal fim. A leitura de literatura fantástica também oferece essa capacidade de conhecimentos através dos seus conteúdos, mesmo sob o tecido do fantástico como pano de fundo.

Le Coadic (2004) também afirma que a informação é usada para a obtenção de um efeito que satisfaça suas necessidades, portanto, o que leva uma pessoa a procurar informação é a existência de um problema a resolver, de um objetivo a atingir, é ao pertencimento da informação na categoria das necessidades humanas fundamentais.

O autor afirma ainda que as habilidades necessárias para aprender a se informar e onde conseguir se formar são inexistentes no ensino, não ocorrendo em momento algum o ensino da informação. O que é ensinado na escola, segundo ele, são disciplinas “frias” e sem técnicas.

Como a informação está presente em diferentes áreas do conhecimento, a literatura fantástica surge então como portadora de informações de forma contextualizada, através de características próprias, sendo possível repassá-las ao leitor de maneira menos formal e mais fácil, tornando-se assim importante para ele, já que a partir do momento em que o mesmo consegue identificar informações desse tipo nessas obras, conseguirá ler e interpretar obras de diferentes tipos, aprendendo a informar-se e, conseqüentemente, buscar informações. Nesta linha de pensamento, Braga e Bezerra (2014, p. 4) afirmam que:

É inquestionável a apreensão da leitura entre pessoas das mais diversas faixas etárias quando se trata de uma obra pertencente à literatura fantástica, não somente entre brasileiros, mas em leitores de todo o mundo. A fantasia presente nessa arte, não só ajuda a resolver problemas, como supera o lado sombrio que, por vezes a todos acomete. No fantástico, a imaginação é um limite nunca ultrapassado. A busca incessante da humanidade por fantasia, talvez seja o fio condutor que leve ao mundo da leitura, e isso é constatável em outras literaturas. Muitos veem neste gênero, uma contradição, pelo fato de contemplar a fantasia, o irreal, o subjetivo, o ilusório e o

gótico. Os educadores poderiam reconhecer que o gênero em apreço é capaz de despertar a criatividade, aguçar a memória e, o mais importante: fomentar a leitura. Em suma, essa literatura é ideal para formar leitores, em um país que, por tradição mostra uma prática de leitura ainda extremamente escassa.

De acordo com os autores, a literatura fantástica pode ter inserção sobre diversos aspectos da condição humana, tais como memória e criatividade; como também sobre recursos de aprendizagem como o fomento à leitura, que pode ocorrer nos âmbitos escolares, de bibliotecas, ou de quaisquer outros contextos onde a leitura seja uma prática no cotidiano.

Acredita-se que a literatura fantástica contribui significativamente para se adquirir diferentes tipos de informações e conhecimentos. Sendo assim, nas obras abordadas nos tópicos a seguir, serão identificados alguns exemplos do que pode ser retirado de obras fantásticas. Podemos citar, a título de exemplo, obras de grande destaque como: *Harry Potter* – onde é possível perceber o valor da amizade; a consequência de escolhas; que o medo pode ser superado e etc; *Game of Thrones* – onde é demonstrado o valor da honra; que a força intelectual em muitos casos é melhor do que força física; a importância de estratégias e *O Senhor dos Anéis* – onde vemos que é importante buscar coragem e determinação para a conclusão de objetivos; nunca perder a esperança; a valorização dos relacionamentos; dentre outros.

Ao se abordar sobre leitura e informação nesse texto monográfico, tem-se a intenção de mostrar a indissociabilidade entre ambas, como também discutir o papel da leitura no universo do conhecimento, nos seus diversos matizes. A informação é suporte e recurso insubstituível para o conhecimento das coisas, do mundo, das ciências etc., independentemente da leitura que se tenha por hábito, a mesma é dotada de significados para o leitor, por que informações são “dados organizados de modo significativo, sendo subsídio útil à tomada de decisão” (MIRANDA, 1998, p. 98 *apud* RUSSO, 2010, p. 15).

Dando continuidade a essa propositura, na próxima seção será discutida a literatura fantástica como fonte de informação, além de meios de subsidiar o papel da literatura fantástica no contexto da informação e do conhecimento. Independente da base fantástica nos seus conteúdos, esta tem a realidade como ponto de partida, seja através de aspectos maravilhosos presentes em obras de fantasia; de tecnológicos presentes na ficção científica ou do medo, presentes no horror, cujos elementos permeiam a construção humana desde a antiguidade até os dias atuais.

4 LITERATURA FANTÁSTICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: GÊNEROS E SUBGÊNEROS

A literatura fantástica, desde o seu surgimento e até hoje, encontra-se como objeto de estudo constante por teóricos, pesquisadores e pensadores do gênero. O fantástico situa-se entre o estranho e o maravilhoso, como abordado por Todorov (1980), possuindo ligações entre si, como já mencionado. Podemos notar através de leituras a respeito da literatura fantástica que as histórias iniciais eram retratadas como algo para causar medo. Estas narrativas evoluíram logo depois para histórias que traziam mundos imaginários e dúvidas e suposições sobre a vida e os avanços da humanidade.

A partir dessas abordagens, convencionou-se que a literatura fantástica divide-se em três gêneros, sendo estes a fantasia, a ficção científica e o horror, tendo ainda, de acordo com alguns autores, subgêneros dentro destes.

Sendo assim, diante da escolha do tema, manifestou-se a necessidade de demonstrar o teor informacional das obras de literatura fantástica e as conexões destas com a realidade humana, seja em âmbito social, individual, cultural etc.

É importante ressaltar que, pela diversidade de gêneros e subgêneros expressos pela literatura fantástica, selecionaram-se aqueles que mais se disseminam pelos autores desse gênero literário; como também, pelo que colocam alguns estudos, como os de Allen (1973), que afirma que não é recomendável estabelecer uma classificação demasiada das obras, visto que dificilmente estas serão pertencentes somente a uma categoria, contendo características de um ou outro gênero.

Podemos citar como exemplo do exposto acima o conto *As bruxas* (1861) de Fagundes Varela, que possui elementos do horror, mas é nomeado por alguns autores como um dos primeiros que surgiram dentro da fantasia. Logo, algumas das manifestações da literatura fantástica por alguns autores podem dizer respeito à presença do insólito e não especificamente a um gênero específico ao qual faz parte. Posto isso, as características mais presentes servirão para identificar a qual gênero a obra faz parte.

4.1 Fantasia

O termo *fantasia* é discutido por Freud (1899) na psicanálise como algo que necessita da realidade para se manifestar, ou seja, é uma construção da imaginação que resulta da experiência vivida pelo sujeito.

Já no contexto da literatura, a fantasia ou *fantasy* é um gênero da literatura fantástica que utiliza mitos, mundos imaginários, magia, fenômenos sobrenaturais e outros relacionados

como plano de fundo para seus enredos. Geralmente, as leis do mundo real não se aplicam a esses universos.

Analisando esse gênero pela perspectiva de Todorov (1980), vemos que a fantasia tem referências do maravilhoso – apesar de o mesmo afirmar que o fantástico se perde neste – pois se caracteriza por acontecimentos sobrenaturais que desafiam a razão e que não provocam nenhuma surpresa ou reação no leitor ou personagens, sendo assim ignorados.

Ainda sobre a definição de fantasia, Oz (2016, p. 9) afirma que:

Fantasia é um gênero que utiliza a magia e outras formas sobrenaturais como elemento principal do enredo, da temática e da configuração principal. Muitas obras dentro do gênero ocorrem em plano de ficção ou planetas onde a magia e os seres míticos são comuns. A fantasia é geralmente distinguida da ficção científica e do horror pelo fato de que ela fica longe de temas científicos e macabros, embora exista uma grande sobreposição entre os três gêneros.

Notamos através de leituras que a fantasia manifesta-se desde muito tempo, como através da mitologia, por exemplo. O prof. Dr. Alexander Meireles da Silva, no seu canal do Youtube *Fantasticursos* afirma que essa fantasia surgiu trazendo tentativas de explicações sobre a vida e a natureza. Afirma também que esta, todavia, não possuía fundamentos científicos que a justificassem, porém, eram classificadas como os sonhos e as superstições que continham forte significado para os povos.

Podemos destacar como mais influentes para a fantasia, dentre algumas mitologias, a greco-romana e a nórdica, trazendo histórias sobre deuses, grandes vitórias do bem sobre o mal, guardiões do destino, centauros, feiticeiras, dragões, dentre outras. Suas primeiras manifestações, segundo o professor Alexander e alguns autores, ocorreram em obras como “Odisseia” e “Ilíada” (entre os séculos IX e VIII a. C.). Já outros autores, como Matangrano (2016) afirmam que a fantasia só veio se definir no século XIX, com obras como *A princesa e o goblin* (1872) de George MacDonald e *O bosque além do mundo* (1892) de William Morris.

O autor informa também em o *Breve panorama da fantasia na literatura brasileira*, um levantamento feito por ele em 2016, sobre as definições da fantasia, que dizem respeito à fantasia épica (ou alta fantasia) com mundos totalmente autônomos; a fantasia urbana, com cenários mais contemporâneos e a fantasia sombria ou *dark fantasy*, com histórias mais psicológicas.

O autor cita também a *Terra de Oz*, de L. Frank Baum (1900), e a *Terra do Nunca*, de James M. Barrie (1911), depois *Nárnia*, de C. S. Lewis (1950) e, mais recentemente, *Hogwarts*, de J. K. Rowling (1997) como exemplos de mundos dedicados à fantasia. As

histórias de fantasia também podem ser vistas em contos de fadas; fábulas; romances de cavalaria; de reis e espadas; dentre outros.

O gênero, no seu sentido moderno, surge a partir do século XIX, como afirma Thies (2016, p. 17, grifo nosso):

A literatura de fantasia moderna surge no século XIX, sendo *The Wood Beyond the World* (1895), de William Morris, considerada a primeira obra do gênero de literatura de Fantasia, embora outros autores, como George MacDonald, já escrevessem para crianças nos moldes da fantasia. Este gênero tem, então, suas raízes nos contos maravilhosos e de fadas.

Em relação aos contos de fadas, estes traziam histórias que continham personagens do folclore; fadas; gnomos; unicórnios; animais falantes; dentre outros. São histórias antigas, como afirma Oliveira (2010, p. 13), citando Kupstas, (1993, não paginado) no livro *Os sete contos de fadas*:

Os contos de fadas são narrativas muito antigas e que, logo no começo, não se destinavam às crianças, eram mitos difundidos por inúmeros povos, como os Hindus, os persas, os gregos e os judeus. Essas primeiras histórias eram conhecidas como mitos e eram, na verdade, expressões narrativas de conflitos entre o homem e a natureza.

Sendo assim, podemos afirmar que as narrativas eram retratadas através de mitos e outros na Idade Média. A fantasia moderna surge então trazendo novos planos de fundo para os seus enredos, originando mundos totalmente povoados pela fantasia, como nas obras de J. R. R. Tolkien – tópico a seguir –, onde o autor criou universos próprios, além de línguas, personagens, culturas e povos para retratar suas histórias.

As obras de Tolkien, Lewis e outros autores podem ainda ser mencionadas como pertencentes à *alta fantasia*, que seria um subgênero da fantasia segundo alguns estudiosos.

4.1.1 O senhor dos anéis (1954), de J. R. R. Tolkien

A trilogia *The Lord of the Rings*, em inglês, foi publicada por Tolkien entre os anos 1954 e 1955, tornando-se uma das obras mais populares de fantasia já escritas. A história narra a jornada de Frodo Bolseiro em busca da destruição do Anel do poder.

A destruição deste justifica-se por se tratar do *Um Anel* do Poder, forjado por Sauron, o *Senhor do Escuro*, durante a Segunda Era. Esse Anel atribui a ele poder para controlar outros existentes que possuem poderes diversos e que foram criados por sugestão dele, alegando que serviriam para consertar os danos causados pelas disputas na Terra-Média. Contudo, Sauron planejava ostentar todos os poderes através do controle desses anéis e das pessoas que o portavam. A existência de Sauron, portanto, estava pautada na própria existência do Anel.

A identidade do *Um Anel* é revelada no livro *A Sociedade do Anel*, quando Gandalf – líder da sociedade formada para destruir o anel – coloca-o em contato com o fogo. Traz a seguinte inscrição: “Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los”. (TOLKIEN, 2003, p. 52). Gandalf segue informando que é o *Um Anel* que Sauron perdeu há muito tempo e que causou um grande enfraquecimento no seu poder, não devendo assim obtê-lo, mas sim destruí-lo.

A jornada começa após a *Sociedade do Anel*, formada por hobbits, humanos, elfos, anões e magos, decidir que Frodo carregaria o Anel até a Montanha da Perdição, local onde o Anel foi forjado e que representa o fim da saga, onde poderá ser destruído.

O termo *Terra-Média* não foi criado por Tolkien, contudo, em suas obras trata-se de um universo imaginário referente à nossa própria Terra, mas passado num período fictício há muitos anos atrás, não tendo assim nenhuma ligação com o nosso mundo.

Tolkien criou uma geografia, uma cosmologia, povos, línguas, culturas e toda uma história para esse mundo, baseando-se em ideias épicas e medievais, destacando-se assim no universo da fantasia e influenciando muitos outros autores na criação de suas obras.

Podemos identificar diversas informações e ensinamentos dessas obras, começando pelos povos, como os elfos, hobbits, anões, magos e outros criados, que representam a natureza humana sob diversos aspectos, seja por qualidades encontradas, como honra, inteligência, espiritualidade, habilidade, bondade, seja pelos males existentes, como ódio, possessividade, rancor, traição, cobiça e afins. Podemos ver também, como já citado, que é importante buscar coragem e determinação para a conclusão de objetivos, assim como Frodo para concluir sua jornada em destruir o *Um Anel*; nunca perder a esperança apesar de todas as dificuldades encontradas; e à valorização dos relacionamentos, sendo de fundamental importância nessa história. Além disso, vemos que ter um poder colocado em mãos erradas pode gerar muitos males e dificuldades. Também, é possível identificar exemplos ligados à religião, como as consequências de se deixar ser seduzido pelo mal e as lutas do bem sob esse mal.

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) foi um escritor, professor e filólogo britânico que teve suas obras traduzidas e distribuídas mundialmente, gerando influência para muitas gerações através delas. O escritor era católico, o que justifica certas identificações religiosas em suas obras. Além disso, foi um grande amigo de C. S. Lewis, autor de livros como *As Crônicas de Nárnia* – obra que será discutida a seguir. Vale destacar que além de sua grande imaginação, sua paixão por línguas auxiliou no processo de criação dos seus

articulados e interessantes alfabetos dentro de universos fictícios das obras citadas e de outras, como *O Hobbit*, *Silmarillion*, *Os Filhos de Húrin* e outras.

Além das obras físicas, *The Lord of the Rings* foi adaptado em obras cinematográficas, lançadas no período de 2001 a 2003, batendo um recorde na premiação do Oscar, levando as 11 estatuetas de todas as categorias a qual foi indicado pelo filme *O Retorno do Rei*, último da trilogia.

4.1.2 As crônicas de Nárnia (1950), de C. S. Lewis

Clive Staples Lewis (1898-1963) foi um escritor, professor e crítico literário responsável pela criação, dentre outras, de *The Chronicles of Narnia* – ou *As Crônicas de Nárnia*, em português –, entre os anos 1949 e 1954, com a publicação destas de 1950 a 1956. As histórias são consideradas, assim como *O Senhor dos Anéis*, um clássico da fantasia. Além disso, trazem também temas do conto de fadas.

As Crônicas de Nárnia retratam a história de crianças que após descobrirem determinados universos, emergem numa aventura que contém animais falantes, magia e feitiçaria, além de participarem de batalhas do bem contra o mal.

As obras possuem cronologias diferentes, contudo, a obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* – a primeira a ser publicada, mas a segunda na ordem cronológica de acontecimentos – destacou-se dentre elas, principalmente após sua versão cinematográfica, em 2005, sendo desse modo a mais lida e conhecida.

Essa história tem início no mundo real, durante a II Guerra Mundial. Quatro crianças, sendo elas Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, fogem dos bombardeios da Guerra para a casa do professor que é dono do guarda-roupa que dá acesso ao Reino de *Nárnia*. Lúcia é a primeira a ter acesso ao Reino, informando aos seus irmãos que ele existia, resultando na incredulidade dos mesmos. Os acessos, que operam como portais mágicos, também podem ocorrer através de um quadro, um anel e outros meios nas obras. Além disso, esse mundo é paralelo ao nosso, já que quando as crianças, após muito tempo, voltam ao mundo real, estão com a mesma idade com que foram.

Após chegarem à *Nárnia*, essas crianças a encontram em um total inverno espalhado pela Feiticeira Branca. Elas são nomeadas como as quatro crianças da profecia que colocarão um fim ao inverno e à feiticeira, tendo a ajuda de Aslam, leão retratado como a autoridade maior desse Reino, sendo o criador e destruidor do mesmo.

Essas obras também possuem características próprias, como um mundo singular, composto por *Nárnia* e outros locais; o multiverso, onde *Nárnia* é um dos universos das

obras; e a passagem do tempo diferenciada, responsável pelo retardamento do envelhecimento das crianças quando estas “viajam” até lá. Além disso, se encaixam, de acordo com a crítica, na literatura de fantasia infanto-juvenil e na alta fantasia, como já indicado.

As obras ensinam sobre bravura, lealdade, proteção, confiança, além de conter, assim como em *The Lord of the Rings*, características religiosas, como o sacrifício de Aslam para salvar o seu povo, representando o sacrifício de Jesus; a traição de Edmundo à Aslam, representando Judas quando traiu Jesus e o milagre, quando Lúcia utiliza sua poção para ressuscitar seus amigos que foram atacados e mortos pelo exército da Feiticeira. Além disso, há o perdão após a traição e o arrependimento. Essas características se justificam pela ligação de Lewis à religião, assim como Tolkien, apesar de divergências de preferências e opiniões entre os autores e dentro da temática.

4.1.3 Harry Potter (1997), de J. K. Rowling

Joanne Kathleen *Rowling* (1965) é a responsável por “dar vida” a Harry James Potter, um jovem bruxo que descobre sobre a magia aos onze anos de idade, após anos de humilhação e desprezo de seus tios e seu primo, parentes que o “acolheram” e que o tratavam dessa forma devido à inveja e o rancor – especialmente pela magia que ele possuía, algo que consideravam uma anormalidade. No decorrer da história, Harry é convidado a estudar em uma escola que ensina sobre magia, começando sua saga a partir daí.

A partir do parágrafo acima, já identificamos sentimentos do mundo real contidos em uma narrativa predominantemente fictícia. Toda a saga *Harry Potter* contém elementos do mundo real e do mundo mágico, fazendo esse paralelo entre os dois mundos – característica frequente da literatura fantástica.

Durante a jornada de Harry em *Hogwarts*, escola de magia e feitiçaria a qual é convidado a estudar, inúmeros problemas reais podem ser encontrados, como, por exemplo, preconceito e discriminação, já que existem bruxos de diversas classes, sendo os de puro-sangue considerando-se superiores as demais; traição e ódio, sendo identificados em diversos momentos durante a narrativa; além de temas como cobiça e morte, dentre outros. Contudo, outros temas podem ser identificados frequentemente ao longo da história, como a lealdade; o amor; ensinamentos; amizade; bondade e escolhas, sendo esse último importante para revelar o que somos, de acordo com Dumbledore – personagem da saga –, muito mais do que as qualidades. Esse ensinamento é retratado ao longo da história, inclusive entre Harry e Voldemort – vilão da história – visto que os dois cresceram em situações parecidas e tomaram rumos diferentes.

Apesar da história não conter elfos, orcs e os demais personagens que compõem o universo das obras do *Senhor dos Anéis*, existem outras criaturas fantásticas, como dragões, lobisomens, fênix e etc, além de toda a magia em si que faz parte do enredo, auxiliando na formação de ambientes fantasiosos e mágicos que povoam a saga.

Percebe-se que os primeiros livros têm um direcionamento mais infantil, entretanto, essa realidade é alterada com o alcance ao público adulto com o passar do tempo e do lançamento dos posteriores livros.

As obras levantaram diversas críticas positivas, inclusive sendo tratadas do ponto de vista cultural, narrativo e educativo, sendo até ditas como algo bom para encorajar crianças a ler. Além disso, estudos afirmam que *Harry Potter* causou um aumento no hábito de leitura e no desempenho escolar, além de fazer parte de projetos e salas de leitura ao longo do mundo, despertando o interesse pelo ato de ler.

As obras também renderam adaptações cinematográficas, sendo estas ocorridas entre os anos 2001 a 2016, demonstrando mais ainda a riqueza de detalhes da história, além de proporcionar uma nova visão a esta e talvez o primeiro contato do leitor com a história para, a partir daí, ir até os livros.

4.1.4 As crônicas de gelo e fogo (1996), de George R. R. Martin

George Raymond Richard Martin (1948) não situou *A Song of Ice and Fire* em ambientes contendo elfos ou fadas, contudo, sua fantasia contém guerras e disputas ocorridas em um período medieval pela posse do *Trono de Ferro*, que simboliza o assento dos Reis dos *Sete Reinos* da narrativa. Esses reinos controlam a maioria dos locais de *Westeros* – continente com inúmeros reinos –, justificando as recorrentes disputas por ele.

A história é composta por diferentes povos, governos, regiões, territórios, culturas, religiões, dentre outros, muitas vezes chocando-se entre si ao longo do enredo. Além disso, temas como política, traição, infanticídio, morte, incesto e afins são comuns nas obras, trazendo para a mesma um caráter mais realista e adulto. Entretanto, também fazem parte da obra, dragões, magia, exércitos de mortos, gigantes e etc, trazendo o caráter fantástico da narrativa.

Algumas das críticas que podemos encontrar afirmam que *A Song of Ice and Fire* demonstra que a fantasia pode ser tão boa quanto qualquer outro gênero ficcional, além de ser uma obra que gera muitas expectativas, podendo gerar também o interesse pela leitura da mesma.

Quanto às informações retiradas dessas obras, como já mencionadas, dizem respeito ao valor da honra, já que é predominante a honra em relação ao nome da família; à força intelectual sobreposta à força física, já que muitas vezes uma conversa evita uma luta; à importância de estratégias, já que é necessário ter um plano em mente, visto que o ambiente é composto por disputas pelo Trono; e muitas outras informações.

A obra, assim como outras mencionadas, foi adaptada numa versão cinematográfica, contudo, ganhando uma série televisiva ao invés de um filme, sendo exibida desde 2011 sob o título *Game of Thrones* – referência ao livro *Guerra dos Tronos*, em português, pertencente às crônicas –, trazendo bons índices de audiência e um público cada vez maior.

Quanto à contribuição de obras de fantasia para a leitura, podem ser fundamentais para ajudar na formação do hábito pela leitura, desenvolvendo a sua curiosidade, percepção, imaginação e outros, tanto através de seus mundos fantasiosos, quanto através de sua ligação com elementos reais da sociedade.

4.2 Ficção científica

A Ficção científica, *Science Fiction* em inglês e habitualmente abreviada para *sci-fi*, *FC*, *SC* ou *scifi*, é um ramo do fantástico que trata de elementos da ciência/tecnologia de uma forma futurista, ou seja, de como esses elementos podem ou poderiam ser no futuro. É importante destacar que a ficção não profetiza o que venha a acontecer no futuro, mas sim tenta uma postura crítica frente aos vários aspectos da sociedade do presente:

Ficção científica, um gênero literário desenvolvido principalmente no século 20, tratando de descoberta ou desenvolvimento científico que, localizado no futuro, no presente fictício ou no suposto passado, é superior ou simplesmente diferente daquele conhecidamente existente. Assim, a palavra ficção no termo não apenas significa, como no uso comum, um trabalho de imaginação, mas também se aplica diretamente à palavra ciência. Dependendo da intenção do autor, o grau de ficcionismo do elemento científico pode variar de uma extrapolação cuidadosa e esclarecida de fatos e princípios conhecidos até às especulações mais forçadas e mesmo redondamente contraditórias. O que permanece constante através do espectro imaginativo é a aparência de plausibilidade, originando-se de uma fidelidade pelo menos superficial em relação a atitudes, métodos e terminologia da ciência. Esta definição é útil para se distinguir ficção científica do gênero relacionado, porém distinto, da fantasia, no qual uma explicação científica ou pseudocientífica para saltos imaginários no desconhecido não são apresentados ou desejados. (MICROPAEDIA, 1977, p. 984 *apud* KREMMER, 1998, p. 73).

Diante da definição acima, podemos inferir que ficção científica, como o próprio nome assinala, está relacionada aos contextos da ciência, projetando fatos ou situações ainda desconhecidos, mas passíveis de acontecer. Também que, de acordo com o autor que escreve a história, o grau de ficção pode variar desde algo mais elaborado e cheio de explicações até algo mais contraditório, permanecendo durante toda a obra a plausibilidade, ou seja, algo

possível de acontecer no campo científico, já que possui um eixo de ligação, embora superficial, com as explicações da ciência. Finalizando a definição, têm-se a diferença entre ficção e fantasia, onde a primeira retrata algo que pode vir a acontecer no futuro através da ciência e a segunda retrata situações que seriam improváveis, já que as leis do nosso mundo não se aplicam a estas.

A *Science Fiction*, de acordo com Miller Jr. (2007), tem o seu uso mais antigo por William Wilson, poeta, editor e autor do Reino Unido, no livro *A Little Earnest Book upon a Great Old Subject (Um pequeno livro sério sobre um grande assunto antigo)*, publicado em 1851. Outro termo utilizado foi o *scientifiction*, criado depois por Hugo Gernsback, inventor, editor e autor luxemburguês de ficção, em 1926, para caracterizar o tipo de história que publicava na revista de ficção científica *Amazing Stories*, trocando mais tarde este termo por *Science Fiction ou Ficção Científica* em português. Ele queria estabelecer uma palavra que significasse “[...] o tipo de história de Jules Verne, H.G. Wells e Edgar Allan Poe – um encantador romance entremeado com fatos científicos e visão profética”. (LANDON, 2002, p. 14 *apud* MILLER JR., 2007, p. 5).

Miller Jr. (2007) afirma que por muito tempo o termo *Science Fiction* permaneceu ligado à ficção publicada em revistas e que foi apenas na década de 50 que começou a ser aplicado a livros de bolso. Ele diz que o termo foi se generalizando e sendo aplicado a qualquer obra que continha elementos de ficção científica.

Quanto ao que se refere à união da ciência e da ficção, o autor afirma que:

O pensamento que sugere a união de ciência e ficção como uma forma literária possível aparece, portanto, já em meados do século XIX, com a constatação de que a ciência é assunto árido, mas que pode ser tratada, sem os rigores da ciência, por textos ficcionais que incluam conhecimentos ou premissas baseados nos conhecimentos científicos de época. Essa união seria importante para a própria difusão de conhecimentos científicos e para criar maior interesse com relação à ciência. (MILLER JR., 2007, p. 6).

É notável que os assuntos mais discutidos na ficção sejam aqueles que estão em alta na ciência, como, por exemplo, nas *Crônicas marcianas* de Ray Bradbury (1950), onde o autor cria sua história em Marte, planeta que segundo a Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA), é suscetível a ser habitado por humanos. Apesar de a história ter sido criada em 1950, esse assunto ainda é bem atual.

No contexto geral da obra, o autor aborda sobre questões já conhecidas, como a guerra; a incitação ao estudo do espaço – como já vem acontecendo desde muito tempo; a predisposição que o ser humano tem em colonizar e explorar qualquer terra desconhecida; a invasão de território; a imposição de uma cultura sobre outros povos ou outras culturas – é

possível constatar, no texto, os humanos impondo a sua cultura aos *humanoides* – seres que possuem traços ou se assemelham aos humanos, mas não o são, e que habitam Marte; a oportunidade de começar do zero e tornar o planeta um lugar melhor, caso as coisas sejam feitas da maneira como tem que ser; além de outras questões discutidas em âmbito real, social etc.

Diante do exposto, argumenta-se, acerca do fato de a ficção científica, oriunda da literatura fantástica, tratar também de assuntos que podem ser identificados no seio sociedade. Nesse sentido, embora sejam histórias ambientadas em situações, tempos e espaços literários – é possível identificar-se aspectos intrínsecos à realidade humana.

4.2.1 Uma odisseia no espaço (2001), de Arthur C. Clarke

Na citada obra, Arthur Charles Clarke (1917-2008) aborda, já no prólogo do livro, a possibilidade de cada pessoa possuir o seu “céu”, considerando que desde o início dos tempos, cerca de cem bilhões de seres humanos andaram sobre o planeta Terra, segundo ele, em alusão às aproximadamente cem bilhões de estrelas no universo. O autor afirma ainda que embora não se saiba quantos desses astros estão habitados ou não e que tipo de criaturas existem neles, haverá o dia em que encontraremos semelhantes a nós entre as estrelas. Acerca desse contexto, Clarke (2001, p. 4) lança uma reflexão quando interroga se “não será possível que já tenham acontecido tais encontros, visto nós mesmos estarmos [...] a aventurar-nos ao espaço?”.

O livro, segundo o autor, pode ser uma resposta para esta pergunta, contudo, ele lembra ao leitor que se trata apenas de ficção. Dentro dessa afirmação podemos reforçar a ideia de que a ficção adota uma postura crítica em relação ao presente, discutindo o que pode vir a acontecer no futuro, não como uma previsão, mas como suposições baseadas na ciência.

Dentro das perspectivas das obras acima analisadas, enquanto fontes de informação, pode-se perceber que os assuntos abordados na ficção científica são discutidos através de alguns temas. Costa (2012) afirma que a ficção é híbrida em função de critérios estilísticos e temáticos e cita um questionamento do crítico literário Cunha (1967, p. 134): “como se explica que o público em geral, cientificamente mal informado, inculto, sem tempo de pensar, indiferente à metafísica eletrônica, se tenha apaixonado pela ficção científica?”. Esse questionamento se encaixa dentro de uma das propostas desta pesquisa, já que um dos objetivos é identificar o porquê essas obras atraem os leitores que gostam delas. O crítico citado ainda afirma que o hibridismo das obras de ficção é tão marcante que a faz dialogar com outros gêneros literários, como o policial, gótico e outros.

4.2.2 Vinte mil léguas submarinas (1869), de Júlio Verne

Além das obras de Bradbury e Clarke, podemos citar outra obra que se destaca na ficção científica, como *Vinte mil léguas submarinas* (1869) de Jules Gabriel Verne. Mais conhecido por Júlio Verne (1828-1905) nos países de língua portuguesa, este foi um reconhecido escritor francês de ficção científica e considerado por muitos como o precursor desta. Suas obras possuem, além de características fictícias, muitas características geográficas que foram baseadas nos conhecimentos científicos da época, trazendo a difusão para esses conhecimentos como descrito por Miller Jr. anteriormente.

Utilizando como exemplo a obra *Vinte mil léguas submarinas*, baseada nos acontecimentos de meados do século XIX, infere-se que esta aborda a questão do desconhecimento da população a respeito de certas tecnologias, como a produção seriada de máquinas e instrumentos, por exemplo. Na história, o capitão Nemo constrói um submarino movido à eletricidade chamado *Náutilus*, totalmente desconhecido pela população. O capitão é retratado como um homem misterioso e que está descontente com tudo que está acontecendo na época proveniente das revoluções, e decide viver no fundo do mar com algumas pessoas em quem confia. Vale destacar que o contexto social do século XIX envolvia, entre outros acontecimentos, a Revolução Industrial; a ascensão de diversas áreas do conhecimento; os estudos de Charles Darwin, através da obra *A origem das espécies* etc. Tudo isso causava grande repercussão em âmbito político e social.

Ainda no âmbito da obra de Júlio Verne, em certo momento, o submarino começa a provocar acidentes com navios fazendo com que as pessoas achem que há um monstro marinho no fundo do mar, começando assim a caçá-lo. O título do livro faz referência à grande quantidade de quilômetros que o submarino percorre.

É interessante destacar a quantidade de características que o escritor dá ao submarino na história, citando que nele não havia a possibilidade de incêndios, pois o mesmo era movido à eletricidade e feito de chapas de aço, não de madeira, além de conter caldeiras que não corriam o risco de explodir. Tudo no submarino funcionava eletricamente, como o fogão, a água quente do chuveiro, dentre outros, remontando, intrinsecamente, ao contexto político e social da época, envolta em grandes corridas científicas.

Faz-se também menção a uma biblioteca, um museu, produtos do mar e etc. dentro deste, e é interessante ver que o escritor se preocupou com cada detalhe e que o mesmo era dotado de muita inteligência, criatividade e imaginação, já que na época em que se passa a história, em 1866, as invenções eram mais escassas e muitas ainda estavam em processos de desenvolvimento.

Em âmbito científico, no citado século, as informações recebiam grande impulso de produção, haja vista o aumento de periódicos científicos, resultado da corrida científica voltada para a criação de novas áreas. É importante mencionar que já existiam submarinos, contudo, um submarino do porte descrito só poderia ser viável após os navios movidos à propulsão nuclear, sendo o primeiro a ser lançado na década de 90, também chamado de Nautilus.

O USS Nautilus foi uma importante revolução tecnológica. Primeiro submarino de propulsão nuclear da história – lançado ao mar pelos Estados Unidos em 21 de janeiro de 1954 –, o Nautilus tinha características fundamentais para lidar com a realidade pós-Segunda Guerra. Até então, os submersíveis possuíam pouca autonomia sob as águas – precisavam emergir constantemente para abastecer e repor oxigênio, o que os tornava vulneráveis a possíveis ataques. Já o Nautilus podia operar durante anos sem reabastecimento, produzia seu ar e água potável e tinha autonomia para permanecer submerso por muito mais tempo que os submarinos a diesel. (MAIOR, 2005, não paginado).

Através da obra acima, é possível perceber como era a realidade da sociedade e como era abordado algo desconhecido naquela época, pois as pessoas ficaram muito assustadas com o fato de existir algo no fundo do mar que estivesse, em tese, aterrorizando os navegantes na obra. Além disso, poucas pessoas conheciam a respeito dessas tecnologias, como o professor Pedro Aronnax – personagem da história –, convidado a se aventurar atrás da “criatura”. É possível associar também ao fato de que o mar é um lugar que guarda muitos segredos, fato discutido entre os cientistas que apontam que pouco mais de 1% deste é conhecido.

Outras questões que podem ser levantadas ao final da obra são: como uma construção desse porte foi feita, já que as únicas pessoas que teriam condições de construir algo assim na história, em tese, seriam as do governo?; o que leva um homem de tamanha inteligência e riqueza, como exposto na obra, a querer permanecer no fundo do mar sem contato nenhum com os habitantes da terra?; dentre outras questões.

4.2.3 A máquina do tempo (1895), de H. G. Wells

A obra *A máquina do tempo* (1895) de H. G. Wells, aborda sobre o tema *viagens no tempo*. Herbert George Wells (1866-1946) foi um escritor inglês que possuía uma visão sempre à frente do seu tempo.

Na citada obra, o escritor levantou uma questão abordada pela ciência em relação à possibilidade de se mover no tempo, inclusive com algumas afirmações a respeito da possibilidade no futuro.

No começo da história somos avisados que serão contestadas uma ou duas ideias que são universalmente aceitas, como, por exemplo, a geometria que é ensinada sob uma

concepção errada, segundo o viajante do tempo da história. Em suma, a obra retrata a viagem deste personagem ao futuro, se deparando com criaturas diferentes a cada vez que avança no tempo.

Ele viaja até o ano 802 701 d.C., onde encontra os *Elois* – povo que vive nesta época. No decorrer da narrativa, a máquina do tempo é roubada pelos *Morlocks* – povo carnívoro que vive no subsolo e que cuida da parte mecânica daquele mundo –, além de serem os responsáveis por aterrorizar os *Elois*. O viajante faz de tudo pra conseguir recuperá-la, sendo quase impedido por eles e dando outro salto temporal assim que consegue recuperar, avançando mais alguns milhares de anos e encontrando a Terra e criaturas completamente diferentes.

Quando ele consegue voltar ao presente, narra a história para os seus amigos, resultando na incredulidade dos mesmos. A história se encerra com o viajante partindo para o futuro novamente e não voltando nos três anos que se seguiram até o final da narrativa. No prólogo, o narrador afirma que para ele o futuro ainda é uma incógnita, além de algo nebuloso, mas iluminado pela recordação do que o viajante do tempo o contou.

A obra acima é considerada por muitos como a pioneira no tema de viagens no tempo. Podemos identificar na obra a questão da seleção natural de Darwin (1809-1882), já que sobreviveram nas épocas percorridas apenas as criaturas que puderam se adaptar. Wells era formado também em biologia, o que faz com que a ideia seja mais nítida. Há quem diga também que a história retrata a organização social problemática da época, através da constante despreocupação dos *Elois* que só se interessam por brincar e se divertir e o constante trabalho dos *Morlocks* que vivem no subsolo, ensejando assim desigualdades sociais.

A história traz essas características como principais, inferindo a ideia do poder da ciência, capaz de criar uma máquina que viaja no tempo e no espaço, onde seria possível conhecer pessoalmente épocas diferentes no passado ou no futuro. É importante destacar que os mundos retratados por Wells (1895), nessa obra clássica de ficção científica, estão localizados no próprio Planeta Terra, contudo, permeados por um primitivismo humano e tecnológico bastante diferente dos que vivem hoje.

4.2.4 Eu, robô (1950), de Isaac Asimov

Ainda dentro do gênero ficção, podemos citar a obra *Eu, robô* (1950) de Isaac Asimov, que se encaixa, de acordo com Miller Jr. (2007), dentro do tema *robôs e andróides*, como o próprio nome já indica. A obra é uma coletânea de contos que trazem como assunto

principal a influência dos robôs no nosso meio. Ao longo dela, que ocorre entre os anos 1996 a 2052, os robôs vão evoluindo, passando a ser mais necessários com o passar do tempo.

Os contos giram em torno de três leis, chamadas de “as três leis da robótica”, que foram utilizadas também por outros autores que tratam do tema. Essas leis são levadas a rigor por alguns cientistas da área:

1- Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal; 2- Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a primeira lei e 3- Um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira e/ou a segunda leis. (ASIMOV, 2014, p. 6).

Esses contos passam a ideia da possibilidade de os robôs substituírem certos trabalhos feitos por nós, como o robô Robbie que servia como uma babá no primeiro conto que se passa em 1998 na história e traz concordâncias e discordâncias a respeito do assunto, como, por exemplo, o medo de que o robô possa fazer algo contra eles, mas trazendo a controvérsia de que robôs não fariam isso, pois não podem ir contra a primeira lei da robótica.

Já em outros contos podemos ver os robôs sendo levados ao espaço para resolver problemas de lá; robôs apresentando comportamentos estranhos; lendo pensamentos; mentindo; até o conto em que mudam a vida das pessoas, socialmente, economicamente e politicamente. Ao final do livro, vemos um conto em que é afirmado que os robôs estão controlando a humanidade, reforçando a ideia da evolução ocorrida durante o período em que se passa a história.

Estes contos nos trazem alguns pontos, como a evolução da tecnologia e a inserção de máquinas nesta; a ideia de como seria o mundo no futuro com a dependência cada vez maior em robôs; robôs despertando sentimentos com o passar do tempo; além de várias outras ideias. Isso nos reporta à mecanização crescente em países de sistema capitalista, onde o contato pessoal tem-se tornado cada vez mais raro nas relações com instituições, por exemplo, e pelos diversos serviços eletrônicos que algumas dessas oferecem a título de comodidade do cliente. Essa condição tem suscitado no meio social alguns receios de desempregos humanos substituídos por máquinas.

Antes da revolução industrial o modo de vida era em sua maior parte feita através de serviços artesanais, mas com o surgimento das máquinas começou uma substituição do homem por estes novos mecanismos de produção. A Revolução Industrial fez ocorrer o aumento da produtividade e esse aumento da produtividade aliado ao excesso de mão de obra, gera, inevitavelmente, desemprego, mas essa situação só não foi mais grave porque ao lado da Revolução Industrial ocorreu a Revolução Agrícola. Mesmo com a expansão agrícola, o excesso de mão de obra nas cidades onde se concentravam as indústrias fez baixar escandalosamente os salários dos trabalhadores, apesar de os trabalhadores especializados terem melhorados seu padrão de vida, a grande maioria ganhava apenas o suficiente para sobreviver. E a

partir de então tudo veio a mudar, épocas em que o país desenvolvia em um ritmo desenfreado, épocas de crise, de altas inflações, até chegarmos aos dias de hoje. (MATOS, 2012, não paginado).

O livro se torna interessante para alguém que queira ler sobre robótica de uma forma mais contextualizada. Por estar escrito em forma de contos, se torna uma leitura mais interessante e menos cansativa, além de ter uma linguagem diferente da habitual e de inserir ideias revolucionárias que não são habituais ao cotidiano.

Isaac Assimov (1920-1992) foi um escritor e bioquímico russo considerado um dos maiores escritores de ficção e disseminação científica. É considerado um dos pioneiros a inserir este tema no universo fantástico/científico. Entretanto, Kremer (1998) afirma que o conceito de robô foi criado por Karel Capek em 1921, fazendo com que a partir de então, o tema se tornasse importante na ficção científica. “No início, eram sempre criaturas que acabavam virando-se contra seu criador”, surgindo depois, em 1941, Isaac Asimov com as três leis da robótica já citadas. (KREMER, 1998, p. 78).

Por ser escritor de ficção, muito do que Asimov escrevia não era considerado confiável, contudo, conseguiu prever muitas tecnologias que estão disponíveis hoje, como a ideia de combinação entre som e imagem, sendo possível ver a pessoa em um telefonema; naves não tripuladas indo até Marte, que nos reporta aos drones no século XXI; robôs mais espertos; computação fazendo parte do ensino nas escolas e etc.

Diante de tudo apresentado e de acordo com Costa (2012), os escritores de ficção mostram a decadência das instituições sociais, dos indivíduos, caracterizam as lutas sociais e sensibilizam o leitor. Diz também que em cada leitura feita das obras de ficção científica, podemos perceber as grandes e significativas variações das temáticas dos enredos.

Foram apresentados alguns dos primeiros registros da ficção científica e algumas obras que fazem parte dela neste tópico, sendo possível afirmar que este gênero surgiu durante uma época de Revoluções, como a Industrial, por exemplo, época essa em que as informações e as tecnologias estavam em alta. A ficção surgiu então como uma narrativa de acontecimentos e fatos discutidos ou que poderiam ou podem vir a ser discutidos na ciência futuramente, trazendo assim possibilidades sobre a evolução da humanidade.

Esse gênero é atrelado a alguns subgêneros discutidos com frequência entre editores e produtores, como o *cyberpunk*, *steampunk*, *space opera*, *hard sci-fi*, *distopia* dentre outros. Contudo, através de Todorov (1980) podemos perceber que a literatura fantástica, como já mencionado, possui temas. Estes foram evoluindo e encaixando-se aos seus gêneros

dependendo de suas características. Alguns dos temas da ficção científica são: *robôs; inteligência artificial; universo paralelo; gravidade*; dentre outros.

A *sci-fi*, assim como os outros gêneros fantásticos, aparece também através de obras cinematográficas, adaptando a história e trazendo uma representação real da obra impressa. Alguns das histórias de ficção que tem grande destaque no universo cinematográfico são: *Star Wars* (1970); *Star Trek* (1975); *Blade Runner* (1982); dentre outros. As histórias em quadrinhos – *HQ's* – também apresentam conteúdos de ficção científica, assim como de fantasia e horror, podendo ser uma forma ainda mais atrativa de leitura.

As obras de ficção podem surgir então como incentivo para a leitura, já que trazem, de forma contextualizada, conhecimentos a respeito do que está sendo discutido na ciência, além de trazer uma linguagem mais fácil e elementos novos, como seres de outro planeta ou inteligência artificial através de máquinas que podem nos ajudar no dia a dia.

4.3 Horror

A literatura de horror, também conhecida como gótica ou horror gótico, traz narrativas responsáveis por causar medo, aversão e pavor de diferentes formas, seja através de monstros, bruxas e vampiros, seja através de fantasmas e demônios. Apesar de existirem grandes nomes na literatura de horror, como Poe e Lovecraft, este gênero revela-se com autores mais antigos, nos primórdios da literatura.

Lovecraft (1890-1937), além de contribuir com obras literárias pertencentes ao horror, expõe no ensaio *O Horror na literatura* (1973) sobre os autores e formas como este gênero apresenta-se desde as primícias.

O autor utiliza o termo *novelas góticas* para se referir às primeiras manifestações do horror literário, afirmando ainda que:

Como é lógico esperar de uma forma tão intimamente ligada às emoções primevas, o conto de horror é tão velho quanto o pensamento e a linguagem do homem. O terror cósmico aparece como ingrediente do mais remoto folclore de todos os povos, cristalizado nas mais arcaicas baladas, crônicas e textos sagrados. Na verdade, foi feição proeminente da complexa magia cerimonial, com seus ritos de conjuração de trasgos e demônios, que floresceu desde os tempos pré-históricos e alcançou seu máximo desenvolvimento no Egito e nos países semitas. Fragmentos como o Livro de Enoque e as Claviculas de Salomão ilustram bem o poder do fabuloso na mentalidade oriental antiga, e sobre coisas como essas fundaram-se sistemas e tradições duradouras cujos ecos obscuramente estendem-se ao presente. (LOVECRAFT, 1973, p. 7).

O autor atribui ao inglês Horace Walpole o título de fundador do horror na literatura com a obra *O Castelo de Otranto*, em 1764. Depois, falando sobre o romance gótico, Lovecraft (1973) diz que Ann Radcliffe (1764-1823) trazia em seus romances o terror e o

suspense, incluindo assim novos padrões a essa atmosfera de medo. O autor diz ainda que Matthew Gregory Lewis (1773-1818) atinge um novo patamar com o romance *O Monge* (1796), trazendo mais brutalidade para suas obras do que os seus antecessores.

Seguindo com a discussão sobre o horror, Lovecraft (1973, p. 23) afirma que “Maturin veio a criar uma obra-prima de horror, *Melmoth, o Vagabundo* (1820), em que o conto gótico elevou-se a alturas até então desconhecidas de consumado terror místico”, trazendo com esse conto fontes mais profundas e estéticas do horror. Lovecraft cita também *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847) de Emily Bronte, comentando sobre o espaço que a obra dá ao horror com o seu ambiente.

Mais a frente, o autor cita Ernst Theodor Wilhelm Hoffmann (1776-1822), Hanns Heinz Ewer (1871-1943), Victor Hugo (1802-1885), Theophile Gautier (1811-1872), Guy de Maupassant (1850-1893), Maurice LeveI (1875-1926), Edgar Allan Poe (1809-1849), Nathaniel Hawthorne (1804-1864), Oscar Wilde (1854-1900), Matthew Phipps Shiel (1865-1947) e outros como grandes nomes do gênero.

Outra autora que pertence a esse gênero é Mary Shelley (1818), com a sua mais famosa obra *Frankenstein*, onde é narrada a história de um estudante, Victor Frankenstein, que constrói um monstro em seu laboratório após descobrir o segredo de como gerar uma vida. A obra contém também elementos da ficção científica, além do horror.

Dentro do gênero, uma dúvida frequente entre estudiosos e apreciadores é se existe diferença entre horror e terror ou se trata-se do mesmo gênero literário. Nessa perspectiva, Lovecraft (1973, p. 4) afirma que:

Não se deve confundir esse tipo de literatura de pavor com um tipo bastante semelhante mas psicologicamente muito diferente: a literatura do medo meramente físico e do horror terreno. Sem dúvida ela tem o seu lugar, como o tem a história de fantasmas corriqueira ou mesmo humorística ou extravagante, em que o formalismo ou a piscadela irônica do autor elimina o verdadeiro senso do mórbido e do inatural; mas não é a literatura do pavor cósmico em sua acepção mais pura. O verdadeiro conto de horror tem algo mais que sacrifícios secretos, ossos ensangüentados ou formas amortalhadas fazendo tinir correntes em concordância com as regras. Há que estar presente uma certa atmosfera de terror sufocante e inexplicável ante forças externas ignotas; e tem que haver uma alusão, expressa com a solenidade e seriedade adequada ao tema, à mais terrível concepção da inteligência humana – uma suspensão ou derrogação particular das imutáveis leis da Natureza, que são a nossa única defesa contra as agressões do caos e dos demônios do espaço insondado.

Já Terêncio (2013, p. 68) afirma que:

Ambos, terror e horror, costumam ser indicativos de uma exacerbação do medo. Todavia, [...] têm-se a definição do terror mais próxima de uma expectativa relacionada à ansiedade, ou à angústia realista definida por Freud – aquela que aguça os sentidos, deixando o sujeito em prontidão contra um perigo anunciado, porém incerto. Por seu vértice, o horror denota uma contração ou congelamento anímico muito assemelhado ao efeito asfíxiante (do latim *angustiae*) da angústia neurótica. No horror, a exemplo da definição de literatura fantástica, há algo pavoroso e

repulsivo que se dá a ver, ele traz a certeza de uma constatação visual. Vale reter esse ponto, pois há uma associação intrínseca entre a angústia e a pulsão escópica, a qual convoca a temática da castração.

Nesse contexto, podemos concluir que o horror e o terror possuem diferenças, mas ambos se relacionam na literatura. Dentro desse contexto, podemos citar também ideias relacionadas a Freud, que dizem respeito a angústia sentida ante as narrativas desse gênero. Junqueira e Nestarez (2017, não paginado) afirmam que “o medo é a forma que encontramos para ensaiar o que fazer diante de situações angustiantes reais”. Afirmam ainda que “a ficção de horror, ao nos colocar diante das fraturas do que é conhecido lá fora, lembra-nos de nossa própria condição aqui dentro – solitária, desamparada, angustiante. Uma lembrança que, para muitos, sempre será fascinante”.

Diante do que foi discutido, vemos que o terror traz inúmeros elementos próprios e contribuições para a literatura. As obras a seguir serão discutidas mais detalhadamente com o objetivo de expor informações e características destas, além de suas contribuições para a leitura individual de cada leitor. Porém, muitas outras obras possuem grande destaque e grande importância dentro desse gênero.

4.3.1 O gato preto (1843), de Edgar Allan Poe

Edgar Allan Poe (1809-1849) pertenceu ao período romântico americano, sendo conhecido por suas histórias mórbidas, sombrias e cheias de mistério. O autor e crítico literário tem grande destaque na literatura de horror, contribuindo também com a poesia, sendo *O Corvo* (1845) o seu mais famoso poema.

O conto *O gato preto* narra a história de um homem que está no seu leito de morte e quer confessar uma cadeia de eventos ocorridos e presenciados por ele. A intenção do personagem é livrar-se da culpa dos acontecimentos e transferi-la para o fantasma do gato de estimação que ele possuía.

A história tem início com o homem informando que sempre teve comportamentos gentis e dóceis e sempre gostou de animais, informando ainda que se casou com uma mulher que tinha afeições por animais, assim como ele.

Ele informa que eles possuíam então um gato do qual tinham muito apreço. No entanto, após anos de convivência com o animal, e sem nenhum motivo evidente, o homem começa a ter aversão pelo gato, gerando assim uma raiva sem tamanho pelo mesmo. Ele afirma que o gato estava ignorando-o, causando assim a irritação do homem e as maldades

direcionadas ao felino. Atrelado ao álcool, essa raiva passa a ser transferida também para a esposa, que começa a sofrer maus tratos nas mãos dele.

Em certo momento da narrativa, o personagem arranca um olho do animal, sentindo logo após uma culpa terrível. Devido a isso, o gato começa a evitar o homem, pois cria um horror por ele, fato que gera tristeza no dono, mas que logo se transforma em irritação ao ver o gato supostamente ignorando-o, resultando em piores maus tratos a este.

No decorrer da trama, o homem enforca o gato; perde sua casa em um misterioso incêndio logo após o fato, gerando a dúvida se o que ocorreu foi devido à morte do animal ou se foi o próprio homem que pôs fogo no local; começa a andar por locais duvidosos, expondo assim que o casamento não está bem; e começa a procurar outro animal com uma aparência semelhante à do antigo gato.

Numa de suas andanças, o homem encontra um gato muito parecido com o antigo, com a diferença de que este possuía uma mancha branca no peito. Ele leva o animal, mas com o tempo, adquire o mesmo sentimento que possuía pelo outro, enquanto sua esposa sentia muito carinho pelo felino. Após tanta aversão, o homem começa a sentir algo tão ruim pelo animal, que começa a chamá-lo de besta. Curiosamente, a mancha branca que o animal possuía formava o desenho de uma forca, forma como o antigo gato morrera, causando no homem ainda mais repulsa por ele.

Em certo momento, o homem sente tanta raiva, que pega um machado e parte para cima do animal. Sua esposa tenta evitar o acontecimento, mas acaba sendo morta no lugar. Logo após, o homem procura o gato para matar, mas este havia desaparecido. O homem então esconde o corpo de sua mulher em uma parede úmida no porão, estando convencido de que ninguém a encontraria.

Passados quatro dias, os policiais batem na porta de sua casa para fazer uma investigação do ocorrido. O homem está tão certo de que não acontecerá nada que bate com a bengala na parede em que o corpo de sua esposa está, sendo possível ouvir uma súplica que se transforma logo após em um grito sinistro emitido pelo gato desaparecido. Os policiais descobrem assim o corpo em decomposição da mulher e o gato junto a ele.

Durante todo o enredo, o homem atribui ao gato todos os acontecimentos ocorridos, atribuindo a ele nomes como “demoníaco”, “besta” e outros, tentando retirar assim a culpa pelos seus crimes.

Podemos perceber um trabalho de consciência ao longo da narrativa, onde há a predominância de mazelas psicológicas atreladas ao personagem, como suas neuroses; tentativa de redenção e logo após, o outro crime cometido; a predominância da inveja do

homem, quando este se irrita pelo fato da mulher ser tão bondosa e amável; a violência contra o animal e contra a esposa; o homicídio; o alcoolismo; a loucura; e os demais elementos que povoam esse conto e que fazem uma relação com a realidade, apesar de todo o contexto de horror. Quanto ao gato preto em si, este passa a ideia de superstição, auxiliando na criação do cenário de morte e loucura.

4.3.2 Drácula (1897), de Bram Stoker

Abraham *Bram* Stoker (1847-1912) foi o responsável por esta obra, vista como uma das principais desenvolvedoras do mito do vampiro. Estudiosos como Penzoldt (1952), Vax (1965) e Caillois (1966) destacam o *vampiro* como pertencente aos seus temas fantásticos, tendo-se então, a partir da obra de Bram Stoker, um retrato desse personagem tão frequente nas histórias de horror e terror da literatura fantástica.

A história de *Drácula* começa com a viagem do advogado Jonathan Harker à Transilvânia com o objetivo de fechar negócios com o conde Drácula. Com o passar dos dias, mesmo não sabendo que se encontra na residência de um vampiro, Jonathan sente o horror advindo do ambiente e de todos os acontecimentos ocorridos no local.

O conde o prende no seu castelo e viaja até Londres, com o objetivo de aumentar o número de vampiras do seu covil, porém, não tem sucesso. Jonathan escapa do castelo do conde e junta-se a Van Helsing – personagem retratado em diversas histórias de Drácula – e a outros personagens da história para acabar com o conde. Estes partem até Transilvânia atrás de Drácula, já que ele retornou para o seu castelo após o fracasso do seu plano. Chegando lá, eles conseguem derrotar Drácula e dar um fim à maldição lançada à Mina – noiva de Jonathan –, já que Drácula a tinha mordido e a mesma estava fadada a transformar-se em vampira.

Diante da história de Bram Stoker, escrita no final do século XIX, podemos perceber pensamentos tradicionais chocando-se com a modernidade. É necessário incorporar novos tipos de conhecimento ao que já se tem, para que seja possível combater o mal, retratado por Drácula na trama. Van Helsing demonstra isso, visto que através de métodos ultrapassados e de novos métodos, consegue descobrir a verdadeira identidade de Drácula e pôr um fim na sua imortalidade.

Outro aspecto retratado nas histórias de vampiros é a religiosidade. Em algumas histórias, vampiros são afetados quando veem um crucifixo; em outras, a água benta pode ser responsável pela sua destruição. O próprio Drácula é dito como uma criatura demoníaca, visto que se alimenta de sangue e condena outras pessoas ao mesmo destino.

Outra característica presente é a forma definida de como as mulheres deveriam se portar naquela época. As personagens femininas representam os diferentes tipos de mulheres daquela sociedade, trazendo o fim que cada uma supostamente mereceu devido às suas atitudes. Exemplo disso é que a única salva na história é Mina, personagem que se portava de maneira correta e considerada a mulher ideal para a época. Já Lucy, amiga de Mina e vítima de Drácula, vivia flertando e atraindo atenções, motivo que fez Drácula a escolher como presa para transformar-se em uma de suas vampiras.

A obra também ganhou uma versão cinematográfica em 1992, sendo nomeada como vencedora de Oscar e prêmios.

4.3.3 O chamado de Cthulhu (1928), de H. P. Lovecraft

Howard Phillips Lovecraft (1890-1937) teve grande contribuição para o gênero horror, trazendo elementos de ficção e fantasia para suas obras. Estas são constantemente marcadas por símbolos e pelo subconsciente, onde o autor retrata o horror em seu estado puro, tendo a finalidade de assustar e confundir o leitor através da exploração de ambientes sombrios e climas de horror.

O chamado de Cthulhu, publicado pela primeira vez em 1926 pela revista *Weird Tales* – uma das revistas dedicadas ao fantástico –, aborda a história de um rapaz que está se inteirando a respeito da herança deixada pelo seu tio-avô falecido. Este morreu de forma normal a princípio, mas que passa a se tornar estranha com o passar do tempo, de acordo com o rapaz.

No meio de tudo deixado pelo tio, que era professor de uma Universidade, há muitas anotações a respeito de estudos e relatos de sonhos bizarros de pessoas diversas, além de comentários sobre antigas sociedades e cultos proibidos. Uma dessas pessoas construiu uma escultura a partir dos seus sonhos, tornando-se objeto de muito interesse do professor. A escultura representava um monstro cheio de tentáculos e escamas, além de garras e asas. No decorrer da história, descobrimos que a escultura faz referência a uma criatura que existiu há muito tempo, antes mesmo dos primeiros seres.

A ambientação criada é de suspense, onde há a ligação de questões que tratam sobre rituais e coisas macabras. Esses rituais são feitos pelos seguidores de *Cthulhu* para que este volte a vida, desencadeando o fim dos tempos. A comunicação acontece através de sonhos, visões e pesadelos.

No final do conto, vemos que o rapaz termina de ler todas as anotações de seu tio-avô e começa a temer pela sua própria vida, visto que aquilo parece ter sido a causa da morte

do tio. Além disso, fica claro que *Cthulhu* ainda vive, sendo informado que ele pode imergir ou emergir de onde está a qualquer momento. O rapaz só reza para que sobreviva ou para que se morrer, os manuscritos não possam chegar às mãos de mais ninguém.

Em suma, a narrativa traz uma mitologia própria, característica de Lovecraft em suas narrativas, onde há criaturas que prescindem os homens saídas de outros mundos. O autor cria histórias antigas e remotas que ficam abertas para a imaginação do leitor.

As informações retiradas desse conto dizem respeito a anciãos; primeiros deuses; além de coisas que supostamente estavam no mundo antes dos primeiros homens e seres, incorporando então a mitologia citada. O conto consegue ultrapassar os níveis de narrativa, atingindo a imaginação dos leitores. Além disso, envolve uma religião secreta e antiga que cultua um ser mitológico, nos levando a pensar na infinidade de coisas que permanecem desconhecidas pela humanidade, trazendo a emoção do medo e do desconhecido, fazendo muitas vezes até uma crítica à sociedade dialogando com a própria realidade.

4.3.4 O iluminado (1977), de Stephen King

Um ex-professor de literatura desempregado chamado Jack Torrence decide aceitar um emprego de zelador oferecido a ele por um amigo. O cargo exigia que ele cuidasse de um hotel durante o período de inverno. Foi permitido que ele levasse a família, já que o local vivia isolado por causa das nevascas e ele ficaria muito solitário durante esse tempo.

Jack é advertido que alguns anos antes o antigo zelador sofreu um surto e assassinou suas filhas e sua esposa, suicidando-se logo depois. Contudo, ele rejeita essa ideia, afirmando que o período será bom para ele e para a família.

O verdadeiro desenrolar da história ocorre no hotel, onde espíritos e forças malignas fazem parte do local. Acrescido a isso, Danny, filho de Jack, consegue ver estes espíritos e interagir com eles, além de ler pensamentos e ver o futuro, recebendo o nome de *iluminado* na obra.

Jack é narrado como um personagem que sofre transtornos devido ao alcoolismo, tornando-se muito violento e desequilibrado, tendo até quebrado o braço do filho em certo momento da trama. Com isso, ele se torna mais suscetível às perturbações feitas pelos espíritos malignos.

O suspense despertado pela obra faz com que o leitor envolva-se totalmente na trama. Além disso, problemas como o alcoolismo, desemprego, distúrbios, problemas familiares e outros causam emoções variadas no leitor. Também, a submissão da esposa que tem que mudar o seu comportamento para proteger o filho desperta a consciência do leitor.

O autor cuidou de cada detalhe da obra, desde a descrição do hotel e dos personagens, até as ligações com a realidade, sendo características pertencentes às suas obras. A obra também possui uma adaptação cinematográfica, contudo, não agradando muito ao próprio autor, tendo a alegação de que não possui o mesmo tom que ele quis demonstrar no livro.

Quanto a autor, Stephen Edwin King (1942-até o presente), é renomado dentro do gênero horror/terror, tendo sucesso mundial em muitas de suas obras. Ele costuma trazer características reais às suas histórias, como já dito, aproximando os leitores das mesmas. Na obra descrita, por exemplo, ele retrata o alcoolismo de Jack, além de outras características – um fato curioso é que o autor também já sofreu com o álcool, assim como o personagem, mas conseguiu abandonar o vício.

O gênero horror não é o mais aclamado por muitos dentre os três gêneros discutidos aqui, visto que contém elementos que causam medo e aversão a quem lê, porém, em muitos casos, torna-se o responsável em conquistar leitores através de suas histórias cheias de mistérios. Além disso, muitos contos e obras expõem mazelas da sociedade, como a violência, vícios e crueldades, envolvendo assim o psicológico e a consciência dos leitores, oferecendo o medo como forma de encorajar emoções reais. Também, podemos ver muitos personagens com decomposições tanto físicas quanto morais nas obras.

Quanto à contribuição do horror para a leitura, este pode trazer narrativas que prendem o leitor, tornando-as atrativas e fazendo com que este se sinta surpreso com as aparições de criaturas que causam estranhamento. Essas obras despertam a vontade de saber o fim do mistério na trama e, conseqüentemente, causam o despertar da imaginação e o convite para a busca de mais leituras.

4.4 Fantasia, ficção científica e horror no Brasil

Sobre a fantasia no Brasil, Matangrano (2016) a delinea em o *Breve panorama da presença da fantasia na literatura brasileira*, como apontado. Ele informa que suas primeiras aparições estão pautadas no folclore e mitos indígenas, mas de uma maneira que busca a sua identidade, assim como em algumas obras norte-americanas. Logo após, cita Fagundes Varela com o conto *As bruxas* (1861), afirmando que apesar de ser anterior à fantasia convencional, traz características desse gênero.

Ele diz também que o século XIX não rendeu muito à fantasia no Brasil, contudo, afirma que Emília Freitas, com *A rainha do Ignoto* (1889), traz muitos elementos pertencentes

à fantasia, com a história de uma civilização isolada do resto do mundo pelos poderes psíquicos de uma rainha.

O autor cita ainda as obras *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls; *A cidade perdida* (1948), de Jeronymo Monteiro e *A república 300* (1948), republicada como *A filha do inca*, de Menotti del Picchia com manifestações também desse gênero, informando que contém também muitos elementos da ficção científica.

Em seguida, cita Monteiro Lobato com a sua coleção de livros infantis, como a famosa história do *Sítio do Picapau Amarelo*, por exemplo, série publicada entre os anos 1921 e 1947. As histórias trazem personagens como a Cuca, personagem do folclore brasileiro que é dita como quem assusta e pega as crianças que desobedecem aos pais; Emília, uma boneca que ganha vida; Visconde de Sabugosa, um boneco feito de sabugo de milho que também ganha vida; além de vários outros personagens e aparições, como o saci, a mula sem cabeça e outros. Matangrano (2016) cita em seguida a obra *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade como pertencente também ao gênero.

O autor diz ainda que a fantasia encontrou outros caminhos, como através do cordel, por exemplo, citando *O romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), de Ariano Suassuna; *O romance da princesa do reino do mar sem fim* (1979), de Severino Borges Silva e *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora* (1979), de Bráulio Tavares, segundo ele e de acordo com Roberto de Sousa Causo (2003), pesquisador brasileiro.

Matangrano (2016) informa que a literatura voltada para o público infantil ou juvenil esteve frequentemente presente dentro da fantasia e foi o campo em que mais floresceu, sendo difícil classificar de forma precisa todas essas obras, contudo, informa que *O caso da borboleta Atíria* (1975), de Lúcia Machado de Almeida, teve grande destaque, sendo utilizado inclusive como livro paradidático em muitos locais. Murilo Rubião (1947) e José J. Veiga (1959) são atribuídos por ele como outros contribuintes da fantasia brasileira deste período, mas informa que são retratados como autores do Realismo Mágico por trazerem o insólito dentro de elementos do cotidiano em suas obras, sem que haja a presença da surpresa dos personagens nestas.

O autor diz que outras contribuições surgiram após a presença das obras de Tolkien na literatura, sendo estas influenciadoras tanto de autores norte-americanos quanto de autores brasileiros, como Luis Roberto Mee e Fábio Rezende, com *A saga real de Selladur* (1994) do primeiro e *A recompensa dos guerreiros* (2001) do segundo, de acordo com ele. Ainda diz que Roberto de Sousa Causo cita também que há muitas histórias derivadas dos RPGs – Role-Playing Games, jogos de interpretação de personagens.

Por fim, cita que é possível encontrar fantasia em obras de Raphael Draccon (1981-presente), Affonso Solano (1981-presente), Leandro Reis (1980-presente), Thiago Tizzot (1880-presente), Eric Novello (1978-presente), Felipe Castilho (1986-presente), Giulia Moon (19--presente), Jim Anotsu (1988-presente), Eduardo Spohr (1976-presente) e Carolina Munhoz (1988-presente). Alguns já citados anteriormente nesta pesquisa.

Tratando sobre a ficção científica, Allen (1973), em seu livro *No mundo da ficção científica: a ficção científica no Brasil* afirma, assim como Jerônimo Monteiro (1959), que a ficção é um gênero tipicamente norte-americano. O autor afirma que Jerônimo foi um antecessor e continuador da ficção científica, tendo lançado livros na área, como *Fuga para Parte Alguma* (1961), *Os Visitantes do Espaço* (1963), *Tangentes da Realidade* (1969), além de outros.

Monteiro (1959) foi o primeiro a levantar esse tipo de literatura entre nós, afirmando que as histórias fantásticas com seus mistérios e aparições agradam o povo, contudo, tendo o mercado editorial brasileiro composto em sua maioria por traduções de obras que vem de fora, principalmente do inglês.

À luz do contexto atual, no cenário das traduções de literatura fantástica no Brasil, a prática parece continuar. Nessa perspectiva, citamos como exemplo obras discutidas aqui, como *O Senhor dos Anéis*, *As Crônicas de Nárnia*, *Harry Potter*, entre outras, que são oriundas da literatura fantástica norte-americana de grande sucesso, inclusive no Brasil.

Allen (1973) segue informando que lançou em 1960, através do editor Gumerindo da Rocha Dórea, *As Noite Marcianas*. Cita em seguida Dinah Silveira (1960), Rubens Teixeira Scavone (1961), André Carneiro (1963) e Domingos Carvalho da Silva (1966) como autores que contribuíram com a ficção científica brasileira.

O autor informa mais adiante que após os anos de indiferença e hostilidade, o gênero foi aceito no Brasil sem maiores desconfianças e até adotado no ensino de algumas escolas. Ele afirma que a ficção entrou na vida dos brasileiros através da TV, internet, noticiários, incentivando assim a produção nacional. O autor diz que até a bíblia tem sido interpretada através de “olhos científicos” e cita autores que a utilizam em suas obras, como C. S. Lewis (1898-1963), James Blish (1921-1975) e Anthony Boucher (1911-1968).

Sobre o futuro da ficção científica no Brasil, à época, o autor informou que ela vinha sendo reformulada após o advento da nova ficção científica ou mais exatamente a nova ficção especulativa, deixando de lado velhos temas do gênero, sendo estes reformulados literalmente, “na qual não entrariam certas histórias da Lua ou de Marte ou de mutantes de uma guerra nuclear”. (ALLEN, 1973, p. 16).

Sobre os gêneros da ficção científica, o autor afirma que é perigoso fazer classificações e que qualquer rótulo enfatiza um único aspecto de uma obra, deixando de lado o resto da obra, como já dito anteriormente. Contudo, mesmo apreensivo, oferece a seguinte classificação: a *Ficção Científica Hard* como primeira categoria, trazendo como tema a exploração ocorrida em ciências exatas ou físicas, como: química, física, biologia, astronomia, geologia, e possivelmente matemática, assim como a tecnologia a elas associadas, ou delas consequentes; como segunda categoria, traz a *Ficção Científica Soft*, tendo como tema as ciências humanas e como última categoria, traz a *Fantasia Científica*, com leis naturais diferentes das que são constantes nas ciências.

Quanto à discussão sobre literatura de horror no Brasil, Nestarez (2017), em *A pouco conhecida tradição da literatura de horror no Brasil*, informa que Álvares de Azevedo, como já mencionado aqui, conseguiu despertar o sentimento de horror na literatura. Ele cita a obra *Noite na Taverna* (1855) como a primeira responsável pelo feito. Em seguida, cita a obra *Demônios* (1893) de Aluísio de Azevedo como outra contribuinte do gênero, despertando um ambiente de suspense e medo.

O autor segue informando que Machado de Assis (1839-1908), como já mencionado, pode ser dito como outro autor que contribuiu para a literatura gótica, com o relato *A causa secreta* (1855), informando ainda que o mesmo era um leitor assíduo de Edgar Allan Poe, tendo traduzido também o famoso poema *O Corvo* (1845).

Nestarez (2017) segue com a sua lista de autores, trazendo Graciliano Ramos (1892-1953) como outro autor da literatura de horror, com o seu conto *Paulo* (1974), publicado na coletânea *Insônia*. Logo depois, diz que Bernardo Guimarães (1825-1884) também participa do horror com o conto *A dança dos ossos* (1871), seguido de Lígia Fagundes Telles (1924-presente) com a história *Venha ver o por do sol* (1988), publicada na antologia *Venha ver o por do sol* e outros contos.

Por último, Nestarez cita Rubens Francisco Lucchetti (1930-presente), informando que o mesmo é um dos poucos que se dedicou e ainda se dedica ao horror, sendo autor de mais de mil e quinhentos livros, além de HQs e roteiros de cinema. Cita também algumas obras deste como *Os vampiros não fazem sexo* (1974), *O abominável Dr. Zola* (2016), *O museu dos horrores* (2015) e *As máscaras do pavor* (2014).

Nestarez ainda afirma que Monteiro Lobato (1882-1948), Rubem Fonseca (1925-presente), Humberto de Campos (1886-1934) e outros autores e obras podem ser citadas como pertencentes e contribuintes do gênero horror no Brasil.

5 LITERATURA FANTÁSTICA E A IDENTIDADE LITERÁRIA: ANÁLISE DE DADOS

5.1 Objeto da pesquisa

Tendo a literatura fantástica como objeto da pesquisa, infere-se que esta possui gêneros classificados em fantasia, ficção científica e horror, divididos em variados subgêneros, segundo alguns autores. Os gêneros citados podem proporcionar diversas sensações ao leitor, desde a hesitação até o medo. Nessa perspectiva, proporciona o despertar da curiosidade do leitor, estimulando-o à leitura; ampliando suas sensações em relação ao que se lê; proporcionando também prazer, diversão e reflexões à luz do senso crítico do mesmo.

De acordo com alguns teóricos, a literatura fantástica tem suas primeiras aparições desde o século V, contudo, tendo a sua ascensão entre os séculos XVIII e XIX, como exposto nesta pesquisa. Podemos citar como primeira manifestação do fantástico, Cazotte, em 1772, através da obra *Le Diable Amoureux (O Diabo Amoroso)*, onde é contada a história de um rapaz que foi seduzido pelo diabo que se passava por uma mulher. Há a hesitação e o sobrenatural na história, fatos esses que constituem e caracterizam o fantástico de acordo com Todorov (1980).

Muitos estudiosos deram suas contribuições para o estudo do fantástico, contudo, podemos relacionar a Tzvetan Todorov, em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, de 1970, estudos mais fundamentados e conceituados sobre a literatura fantástica, afirmando que é um gênero literário assim como qualquer outro, por trazer aspectos verbais, sintáticos e semânticos, permitindo assim que obras fantásticas possam ser classificadas neste gênero.

5.2 Sujeitos da pesquisa

Este estudo se voltou para os leitores assíduos de literatura fantástica, residentes em Teresina, capital do Estado do Piauí, com diversificados perfis sociais e faixas etárias. Com o objetivo de identificar as razões pelas quais os leitores de literatura fantástica a consideram sua leitura preferida, e que informações são identificadas por eles nos conteúdos fantásticos, foram selecionados 20 (vinte) leitores como sujeitos da pesquisa, desse total somente 01 (um) deles não respondeu ao questionário aplicado.

A escolha dos citados leitores se deu diante da observação diária de usuários que buscavam livros de literatura fantástica na biblioteca do SESC, durante um período de estágio

na mesma – enquanto estagiária do curso de biblioteconomia, como já mencionado –, sendo possível assim manter contato com os mesmos.

Durante a análise de dados, esses sujeitos serão identificados pela palavra **Leitor** e por número arábico crescente, a eles correspondentes, no quadro elaborado para expressar suas respostas, como exemplo **Leitor nº 1**, **Leitor nº 2** etc. A reprodução de suas respostas será *ipsis litteris*, ou seja, exatamente igual à forma como escreveram no questionário, no que tange às respostas abertas. É importante mencionar a grande disponibilidade dos pesquisados em contribuir com a elaboração desta pesquisa.

5.3 Metodologia utilizada

5.3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa utilizada foi a qualitativa-descritiva, onde há uma maior importância dada ao mundo empírico pelo pesquisador, diferentemente de uma abordagem quantitativa, onde o objetivo é fazer, em suma, levantamentos numéricos sobre o seu objeto de estudo. Conforme Oliveira (1999, p. 117):

As abordagens qualitativas facilitam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições no processo das mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretações das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

5.3.2 Instrumento utilizado para a coleta de dados

Aplicação de 01 (um) questionário, com 12 (doze) perguntas abertas e fechadas. Os questionários foram enviados e respondidos através de e-mail. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 201) questionário “É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

5.4 Análise de dados

Para uma melhor visualização das perguntas e respostas, estas serão estruturadas em 12 (doze) quadros relativos ao número de perguntas feitas aos leitores, contemplando as 19 (dezenove) respostas disponibilizadas pelos pesquisados.

Conforme a Norma de Apresentação Tabular do IBGE (1993, p. 30) “recomenda-se que uma tabela [e/ou quadro], seja elaborada de forma a ser apresentada em uma única página”, nesse sentido, na presente análise de dados quando, porventura, o quadro ficar

dividido em duas páginas, esse será imediatamente deslocado inteiramente para a página seguinte.

Quadro 1 – Você conhece literatura fantástica? O que ela significa para você?

Leitor	Resposta
1	Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura.
2	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos; Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura; Outros: Por trazer importantes lições que podem ser usadas no dia a dia, apesar de toda a fantasia existe muita “realidade” nessas que nos ajudam até mesmo a conviver melhor com as pessoas.
3	Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura.
4	Sim. É uma leitura diferente das outras, visto que a linguagem é mais simples e de fácil entendimento, além de trazer temas diferentes e interessantes.
5	Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura.
6	Sim. É uma leitura diferente das outras, visto que a linguagem é mais simples e de fácil entendimento, além de trazer temas diferentes e interessantes.
7	Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura.
8	Sim. É uma leitura diferente das outras, visto que a linguagem é mais simples e de fácil entendimento, além de trazer temas diferentes e interessantes.
9	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos.
10	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos.
11	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos. Outros: Sim. Ela tem um significado importante, eles fazem com que possamos imaginar outros mundos fora da nossa realidade.
12	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos.
13	Sim. É uma leitura diferente das outras, visto que a linguagem é mais simples e de fácil entendimento, além de trazer temas diferentes e interessantes.
14	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos.
15	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos.
16	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos; Sim. É uma leitura diferente das outras, visto que a linguagem é mais simples e de fácil entendimento, além de trazer temas diferentes e interessantes; Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura.
17	Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura.
18	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos;
19	Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos; Sim. É uma forma de adquirir conhecimento através de uma leitura “fácil”.

Fonte: Questionário da pesquisa.

Através das respostas dos leitores, observa-se a contribuição da literatura fantástica no desenvolvimento do gosto pela leitura/literatura destes, visto que a mesma possui uma linguagem própria que a torna interessante e elementos que possibilitam “viagens” pelos universos fantásticos:

Para além da satisfação, da curiosidade, de todas as emoções que nos dão as narrativas, os contos e as lendas, para além da necessidade de distrair; de esquecer, de buscar sensações agradáveis ou terríficas, a finalidade da viagem maravilhosa é, já estamos em condições de compreendê-lo, a exploração mais total da realidade universal. (TODOROV, 1992, p. 63 *apud* SANTOS; HUNHOFF, 2012, p. 5).

A citação acima confirma a contribuição da literatura fantástica para a leitura, além de expor que através de temas diversos e interessantes, onde muitas vezes a realidade é retratada, é possível um amplo envolvimento do leitor com os universos fantásticos, mediante

a relação/atribuição destes com o mundo real, não obstante a todas as emoções proporcionadas relativas à receptividade particular de cada um frente à experiência da leitura em estudo. Além disso, há a predominância de uma linguagem mais simples do que numa obra de Castro Alves, por exemplo, onde há a presença de linguagens mais rebuscadas.

Quadro 2 – Qual sua faixa etária?

Leitor	Resposta
1	De 25 a 35 anos.
2	De 25 a 35 anos.
3	De 25 a 35 anos.
4	De 25 a 35 anos.
5	De 15 a 25 anos.
6	De 15 a 25 anos.
7	De 15 a 25 anos.
8	De 15 a 25 anos.
9	De 25 a 35 anos.
10	De 15 a 25 anos.
11	De 25 a 35 anos.
12	De 25 a 35 anos.
13	De 25 a 35 anos.
14	De 15 a 25 anos.
15	De 15 a 25 anos.
16	De 15 a 25 anos.
17	De 15 a 25 anos.
18	De 25 a 35 anos.
19	De 15 a 25 anos.

Fonte: Questionário da pesquisa.

O quadro acima nos mostra a predominância de faixa etária dos leitores entre pessoas de 15 a 35 anos, contudo, outras faixas etárias também são detectadas no contexto dos leitores de literatura fantástica, configurando significativa abrangência de leitores interessados nesse gênero literário.

Existe um preconceito, que está em todos nós, de que os livros de fantasia são voltados para um público mais novo, mas isso não é real. Tanto que o maior sucesso desse tipo de literatura é a Guerra dos Tronos [...]. É como se aos adultos não fosse permitido sonhar. [...] o livro não é escrito para determinada faixa etária. Se o autor pensar dessa forma, acaba virando uma espécie de receita de bolo. (SPOHR ; ANOTSU, 2016, p. 1).

Essa pergunta é fundamental para a pesquisa, já que é importante observar a relevância da literatura fantástica também para adolescentes e adultos e identificar que esta literatura faz parte da leitura dessas pessoas. Isso nos mostra que a aplicação de projetos relacionados ao fantástico em bibliotecas para esse público é relevante, despertando assim o interesse de pessoas que não se interessam pela leitura mais “convencional” como poesias, romances, contos etc., ou que estão começando a frequentar o ambiente da biblioteca. Considerando-se que a biblioteca é uma instituição social e que pode ser utilizada por qualquer pessoa, de qualquer idade, mesmo as que são voltadas para usuários específicos, como as especializadas, universitárias e infantis, por exemplo.

Quadro 3 – A literatura fantástica tem alguma interferência no seu cotidiano? De que forma?

Leitor	Resposta
1	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
2	Sim. Traz novos conhecimentos e informações úteis ao dia a dia.
3	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
4	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
5	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
6	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
7	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
8	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
9	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
10	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
11	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
12	Outros: Sim. A literatura fantástica estimula a minha criatividade e a vontade de ler mais livros.
13	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
14	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
15	Não. É uma leitura legal, mas não trouxe interferência positiva ou negativa para mim.
16	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
17	Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura.
18	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.
19	Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária.

Fonte: Questionário da pesquisa.

No quadro relativo à terceira questão, alguns dos leitores pesquisados apontam a leitura fantástica como passatempo; uma ajuda para melhorar a leitura; um alívio para o estresse e um estímulo para a criatividade, como os leitores n^{os} 1, 3, 7 e 12, respectivamente. Esses leitores e os demais demonstram uma predominância da literatura fantástica como um entretenimento significativo no que tange a constituição de sentimentos e emoções, no âmbito da subjetividade que envolve a compreensão/apreensão humana acerca da leitura. De um modo geral, a experiência do hábito da leitura, conforme alguns estudos apontam, pode proporcionar bem-estar físico e mental:

Uma pesquisa da Universidade de Sussex, na Inglaterra, demonstrou que seis minutos diários de leitura são suficientes para promover alívio do estresse e das tensões. O trabalho comparou a leitura a outras atividades também tidas como relaxantes. Ler promoveu um relaxamento de 68% nos participantes, contra 61% nos que ouviram música, 54% dos que tomaram uma xícara de chá e 42% dos que deram um passeio. Quem jogou videogame teve uma diminuição de somente 21% do estresse. A explicação do benefício da leitura está na própria natureza da atividade.

A literatura trabalha com coisas reais, mas de uma forma menos compromissada. (SODRÉ, 2014, não paginado).

No âmbito da literatura fantástica, de acordo com as respostas acima, a leitura tem aberto um conjunto de possibilidades no cotidiano dos pesquisados, culminando no seu interesse pessoal, visto a leitura ser um benefício cuja prática envolve diversos recursos, meios e interesses.

Entende-se que a leitura, de um modo geral, perpassa diversas tendências à luz da percepção de cada um sobre sua prática no cotidiano. Nesse sentido e de acordo com as respostas do quadro nº 3, a prática da leitura de obras de literatura fantástica confere a esse tipo literário o mesmo papel que os outros tipos de leituras literárias exercem sobre seus leitores, ou seja, um campo aberto à criatividade, imaginação, bem-estar físico e mental etc.

A próxima discussão, relativa à questão nº 4, reporta-se às preferências individuais de cada leitor, segundo as categorias mais disseminadas pela literatura fantástica, conforme abaixo:

Quadro 4 – Dos gêneros pertencentes à literatura fantástica, qual o seu preferido? Por quê?

Leitor	Resposta
1	Fantasia. Quando leio literatura fantástica eu procuro ir o mais distante possível da literatura comum, e a fantasia é a que está mais próxima de me proporcionar isso dentre as opções.
2	Fantasia. Porque consegue ser diferente da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que é igual, trás [sic] outra visão de mundo, ao mesmo tempo em que pode ser o mesmo mundo, conta sobre outra época, cujos problemas de lá, muitas vezes se assemelham aos “de cá”.
3	Fantasia. Nenhuma razão específica, apenas pelo prazer da leitura, e o que essa literatura proporciona.
4	Fantasia. Não há limitação de imaginação no universo fantástico.
5	Horror/Terror. Sempre fui fascinada por histórias de terror, e na medida que os anos passavam fui criando ainda mais laços com o terror. Influenciada diretamente por filmes como A Família Addams que passava nas fatídicas seções da tarde, fui assistindo outros filmes como Entrevista com o vampiro, que me fizeram pesquisar sobre literatura em questão. E o terror tem aquele ar de mistério e também de fantasia que conquista o leitor, pelo menos a mim conquistou.
6	Ficção científica. A categoria possibilita ao leitor formas diferentes de imaginar um (ou vários) universos, interações entre criações humanas e cotidianas como a química e a física, em junção com o surreal e criações “não humanas”.
7	Fantasia. A fantasia mostra o lado adormecido e tão perdido nos dias de hoje, trás [sic] alegria e alivia toda a correria dos dias atuais.
8	Ficção científica. É inovador, trás [sic] temáticas novas e inspira o ser humano na criação e desenvolvimento de novas tecnologias.
9	Fantasia.
10	Fantasia. Por que de todas ela é a que mais foge da realidade.
11	Ficção científica. As obras de ficção científica despertam a minha imaginação.
12	Ficção científica. Porque a ficção científica expõe de uma forma intensa aspectos referentes à possíveis inovações científicas e tecnológicas e como a sociedade poderia reagir a isso.
13	Fantasia. Proporciona sensações além da imaginação.
14	Fantasia. Porque pra mim é mais interessante, me chama mais a atenção por ser um mundo diferente do nosso, culturas diferentes da nossa.
15	Fantasia.
16	Fantasia. Por que gosto de imaginar coisas q fujam da realidade e que me fazem ficar curiosa.
17	Fantasia. Pq [sic] acabam promovendo a nossa criatividade, e nos possibilita enxergar através das metáforas, o mundo real e a sociedade em que vivemos.
18	Fantasia.
19	Fantasia. É a preferida pois traz criaturas e ambientes mágicos que eu gostaria que existissem.

Nessa questão, o gênero que mais se destacou foi *fantasia*, trazendo a explicação de se tratar de algo que vai além da imaginação, proporcionando prazer pela leitura e trazendo elementos diferentes dos encontrados no cotidiano. Ao mesmo tempo em que esses elementos podem ser diferentes, podem também ser associados à realidade, como já discutido no decorrer desta pesquisa.

Muitas sensações e vantagens podem ser retiradas de leituras oriundas do fantástico, seja através dos ambientes e criaturas mágicas; do despertar da curiosidade, das culturas e dos mundos diferentes, seja através da fuga da realidade, do lado que pode ser despertado na imaginação do indivíduo que vive a correria e a realidade dos dias atuais; ou até mesmo pelo simples prazer da leitura. Tudo isso é despertado pela fantasia, gênero que muitas vezes sofre preconceito por pertencer a um universo que não respeita leis naturais, mas que é dele oriundo.

Nesse contexto, chama-se a atenção para a resposta do leitor nº 2, quando o mesmo afirma que “a literatura fantástica consegue ser diferente da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que é igual, trazendo outra visão de mundo, ao mesmo tempo em que pode ser o mesmo mundo”. Além disso, afirma que conta sobre outra época, cujos problemas de lá, muitas vezes se assemelham aos “de cá”. Nessa perspectiva, vislumbra-se um paradoxo entre o universo fantástico e a realidade do cotidiano social e/ou individual, porque ao mesmo tempo em que se configuram em roteiros de histórias fantásticas, percebem-se aspectos da realidade tangível, intrínsecos às tramas textuais.

Essa mistura entre ficção e realidade pode ser visualizada no pensamento do leitor nº 12, quando esse fala sobre ficção científica, dizendo que a mesma “expõe de uma forma intensa aspectos referentes a possíveis inovações científicas e tecnológicas e como a sociedade poderia reagir a isso”, expondo as ideias discutidas referentes à ficção científica nesta pesquisa, de que a FC baseia-se em suposições do que pode ou poderia vir a acontecer na sociedade do futuro.

Nesse aspecto, chamamos a atenção para o caminho que a ficção científica enseja nos seus conteúdos – de onde entende-se, não obstante aos aspectos fantásticos da literatura – que ela busca aproximar-se dos roteiros científicos praticados no âmbito da realidade, onde o ponto de partida são as suposições que, raras exceções, sempre se configuram em posteriores descobertas/confirmações de fatos via pesquisas científicas.

O leitor nº 17 vem confirmar nossa análise quando diz que a fantasia, outro gênero da literatura fantástica, “promove a criatividade e nos possibilita enxergar através das

metáforas, o mundo real e a sociedade em que vivemos”, expondo a importância e a contribuição da literatura fantástica para a sua leitura.

[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Considerando-se a importância dos aspectos informacionais no contexto da leitura, estes, comumente, perpassam as perspectivas dos leitores no processo da leitura de quaisquer tipos de literatura, pois, no procedimento tradicional, a leitura enseja a sua contextualização, segundo Freire (1989). Nessa perspectiva, entende-se que essa contextualização pode ou não ter sua origem assentada na realidade. Porém, mesmo que seja fruto da imaginação do autor, ainda é necessária, pois auxiliará o leitor a “visualizar” um mundo com características próprias – haja vista a necessidade premente de que todo texto precisa ter um conjunto de informações que o situem no tempo e no espaço.

Sendo assim, para os interesses dessa pesquisa, a pergunta de nº 5 buscou identificar os aspectos informacionais da literatura fantástica sob a visão dos leitores nos conteúdos das obras por eles lidas.

Quadro 5 – Que tipos de informações você identifica nos conteúdos produzidos pela literatura fantástica? Contextualize com alguma(s) obra(s) que contenha(m) essas informações.

Leitor	Resposta
1	Políticas. Obras: <i>Game of Thrones</i> – mudanças constantes de poder; acordos políticos entre reinos.
2	Sociais; Políticas e Intelectuais. Obras: <i>Dragões de Éter</i> , <i>Crônicas de Gelo e Fogo</i> , <i>Eragon</i> , <i>Assassin's Creed</i> .
3	Sociais; Políticas; Intelectuais e Religiosas. Obras: <i>Fahrenheit 451</i> ; <i>a menina que roubava livros</i> ; <i>a batalha do apocalipse</i> .
4	Sociais; Políticas; Intelectuais; Religiosas.
5	Sociais; Políticas; Intelectuais; Tecnológicas; Religiosas. Obras: <i>Guerra dos Tronos</i> : as crônicas de gelo e fogo; Políticas, sociedade, Religiosas, intelectuais; <i>Harry Potter</i> : Intelectual; <i>O castelo animado</i> : Sociais e tecnológicas; <i>O Hobbit</i> : sociedade, política; <i>Outlander</i> : Sociais, políticas, intelectuais.
6	Sociais – Em <i>O apanhador de sonhos</i> de Stephen King, podemos ver a interação social de diversas pessoas mediante o aparecimento de um ser alienígena e seus desdobramentos. Políticas – Em <i>Conspiração Diamante</i> de Nicolas Kublicki, o leitor é convidado a ter uma visão de como em um universo totalmente envolto a exploração e comercialização de diamantes, as políticas públicas e privadas interfeririam no mundo, nas leis e na forma de vida das pessoas.
7	Sociais; Políticas e Religiosas. Obras: Em <i>Senhor dos anéis</i> , há toda uma trama que envolve índole política e administrativa junto a crenças religiosas e místicas com o convívio social.
8	Sociais; Políticas; Tecnológicas e Religiosas.
9	Sociais e Intelectuais.
10	Sociais; Políticas e Religiosas. Obras: <i>Senhor dos Anéis</i> , <i>Star Wars</i> , <i>Ragnarok</i> .
11	Tecnológicas e Religiosas. Obras: <i>Arquivo X e Nárnia</i> .
12	Sociais; Políticas; Intelectuais; Tecnológicas; Religiosas; Outras: Todas as anteriores e muito mais.
13	Intelectuais.
14	Políticas e Religiosas. Obra: <i>Nárnia</i> .
15	Políticas.
16	Sociais; Políticas; Intelectuais; Tecnológicas; Religiosas; Outras: Uma das coisas maravilhosas da literatura é exatamente incluir temas que nos fazem pensar, pois fazem parte da atualidade. O livro <i>Fallen</i> é um romance, uma ficção sobre anjos, então obviamente tem como base a religião, tendo informações que, muitos que não são tão devotos a uma religião, passam a saber.
17	Sociais; Políticas; Intelectuais e Religiosas. Obras: <i>O Senhor dos Anéis</i> um mundo incrível de fantasia, onde amizade, honra, amor e lealdade são mais importantes do que poder. A série <i>As Crônicas de Nárnia</i> faz várias alusões à Bíblia e ao cristianismo, apesar de o autor ter afirmado que as conexões não foram propositais. <i>Harry Potter</i> fala sobre a importância dos amigos e do suporte familiar, sobre escravidão (Dobby), respeitar as diferenças (trouxa x bruxos) entre outros.
18	Outras: Marcaria todas no caso. O interessante da literatura fantástica é justamente essa construção de um novo conceito, um novo mundo e a abordagem de seu contexto, por justamente ter elementos que não existem no mundo real é interessante ver como esses elementos influenciavam tudo na história.
19	Sociais e Políticas. Obras: <i>As Crônicas de Gelo e Fogo</i> ; <i>saga Harry Potter</i> .

Fonte: Questionário da pesquisa.

Essa questão foi abordada com o objetivo de demonstrar que além das informações forjadas pela imaginação literária, a literatura fantástica proporciona a contextualização de muitas informações verificadas no dia a dia do leitor. Foram destacadas informações políticas, sociais, tecnológicas, religiosas, dentre outras. Esses são temas presentes na realidade, provocando debates acirrados no contexto social.

Através das respostas dos leitores pesquisados, é possível identificar que eles conseguem captar essas informações no contexto da literatura fantástica, demonstrando que a contribuição dela não se restringe apenas a viagens por mundos imaginários fora da realidade. Ela também insere nas suas pautas textuais temas amplamente discutidos nos contextos onde o ser humano encontra-se inserido. Nessa perspectiva, o senso crítico do leitor é aguçado

pelas tramas dos conteúdos de literatura fantástica que tomam a realidade como contexto para o seu desenvolvimento textual.

De acordo com Soares (2015, p. 15) “podemos dizer que este gênero, em sua manifestação novecentista, motiva o olhar do leitor a voltar-se para elementos do cotidiano que, exatamente por serem habituais, são, com muita frequência, ignorados”.

As obras de literatura fantástica trazem temas e informações muito atuais, levando-se em consideração a realidade mundial e brasileira. Temos em *Game of Thrones*, por exemplo, “mudanças constantes de poder e acordos políticos entre reinos”, como citado pelo leitor nº 1, sendo possível fazer a ligação com governos políticos, retirando-se apenas o caráter violento que muitas vezes advém com essas mudanças nas obras de George R. R. Martin.

Já o leitor nº 14 utiliza *Nárnia* como exemplo de obra que contém informações “políticas e religiosas”, sendo possível também manter a relação com a realidade. O leitor nº 16 não cita obras específicas, mas afirma que identifica em obras de literatura fantástica informações “sociais, políticas, intelectuais, tecnológicas, religiosas e outras, afirmando também que uma das coisas maravilhosas da literatura é exatamente incluir temas que nos fazem pensar, pois fazem parte da atualidade”.

Diante disso e das afirmações de Maranhão (2002, p. 268) que afirma que “a informação configura-se como a energia de um processo autogerativo de novos conhecimentos” e Gleick (2013, p. 9) quando afirma que “informação é aquilo que alimenta o funcionamento do nosso mundo”, podemos ver que essas obras e outras pertencentes ao gênero, demonstram, assim como discutido anteriormente, instituições sociais, políticas, religiosas e outras, fazendo a conexão destas com a realidade e nos trazendo diversas informações que fazem parte do nosso dia a dia, estas sendo importantes para o processo gerador de novos conhecimentos e para o desenvolvimento humano.

Dando continuidade à discussão do vem a ser informação, utilizou-se da pergunta nº 6 para obtenção desses dados, à luz do que concebe o leitor de literatura fantástica.

Quadro 6 – O que você entende por informação?

Leitor	Resposta
1	Tudo aquilo que nos forneça o conhecimento daquilo que buscamos saber.
2	Aquilo que informa, que acrescenta, que te diz o que aconteceu ou o que deve ser feito.
3	É a resultante do processamento, manipulação e organização de dados, de tal forma que represente uma modificação no conhecimento do sistema que a recebe.
4	É um dado transformado e transmitido em conhecimento.
5	Informação é tudo aquilo que nos transmite algum tipo de conhecimento, seja ele uma receita, uma notícia, uma mensagem. É tudo aquilo que seja de interesse pessoal de alguém.
6	Tudo em que, de alguma forma traga algo novo e que narre ou conte uma determinada situação ou ação relativo a um determinado tema/ocorrência.
7	Algo que acrescente em nossa vida em texto ou outras formas de comunicação.
8	É tudo aquilo que nos trás [sic] de alguma forma, conhecimento de algo ou alguma coisa.
9	É um conjunto de conhecimentos organizados, capaz de dar origem à formação do pensamento humano.
10	É o quando adquire-se dados de determinado assunto.
11	É um recurso que atribui significado a realidade mediante seus códigos e o conjunto de dados.
12	Informação é tudo aquilo que implica num aumento do conhecimento, quando absorvido. Ela é um dos principais fatores que impulsionam a evolução da nossa espécie.
13	Meio de levar e transmitir uma linguagem de interpretação, ao leitor e uma forma de levar conhecimento através dos contos e historias bem elaboradas.
14	Informação é como um conjunto de dados armazenados que pode formar uma mensagem sobre um determinado assunto ou evento, assim permitindo resolver problemas e tomar decisões, tendo em conta que seu uso racional é a base do conhecimento.
15	Sem resposta.
16	Tudo aquilo que pode te dar um conhecimento a mais sobre um certo assunto.
17	São dados fornecidos através de mensagens, que servem para trazer esclarecimentos, conhecimentos e opiniões sobre diversos assuntos.
18	Informação? Entendo como uma reunião de dados que quando reunidos e organizados fornecem uma mensagem. Um conhecimento.
19	Informação é um conjunto de dados organizados para expressar uma ideia.

Fonte: Questionário da pesquisa.

Embora não haja um consenso do que venha a ser informação, tendo em vista as divergências das variadas áreas do conhecimento, tomamos os conceitos de Le Coadic (2004) que afirma que informação “é a procura por algo de satisfaça suas necessidades, assim como a compreensão de sentidos”, e de Pinheiro (1997 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 19) que afirma que “é matéria prima que deriva o conhecimento e é trocada com o mundo exterior, e não meramente recebida”. Oliveira (2011, p. 19) afirma ainda que “a informação é um fenômeno tão amplo que abrange todos os aspectos da vida em sociedade; pode ser abordado por diversas óticas, seja a comunicacional, a filosófica, a semiológica, a sociológica, a pragmática e outras”. Esses conceitos representam bem o sentido de informação em sua totalidade, além de se aproximarem também da biblioteconomia, área que tem uma importante ligação com a informação, já que trabalha diretamente com esta, seja no tratamento, organização e disponibilização, seja na mediação da informação.

Percebe-se assim que os leitores compreendem o sentido de informação, atribuindo a ela o conhecimento; a formação do pensamento humano; a busca pelo saber e outras ideias. O caminho da informação é o necessário para se chegar até o conhecimento, imprescindível para a evolução dos sentidos e para a evolução humana.

Nesse contexto e a título de exemplo, os leitores n°s 3, 4, 5, 12, 14 e 16 comentam sobre a informação no sentido de modificação do conhecimento humano. Quanto ao leitor 6, este se reporta a algo novo advindo da informação, confirmando o que vem sendo discutido ao longo desta pesquisa.

Quadro 7 – Que características você destacaria nos conteúdos de literatura fantástica que o motivaram a tornar-se leitor assíduo dessa literatura?

Leitor	Resposta
1	Conhecer novos mundos com culturas, raças e povos diferentes sempre me fascinou, e com a literatura fantástica as opções são infinitas.
2	Os animais que vivem nessas páginas, a honra e nobreza de algumas pessoas, lugares com belas paisagens, o caráter épico.
3	Além de contribuir para o aperfeiçoamento de um vocabulário enriquecido, uma oratória eloquente, trás [sic] ao leitor um poder de discernir e comparar acontecimento ali empregados com a realidade, e desse modo, ajudar na auto crítica com a situação no contexto, seja na ficção ou na realidade.
4	Narrativa empolgante que “prendem” [sic] o leitor na história.
5	O fato de ser uma leitura mais acessível, por ser voltado para jovens e as histórias diferentes com aventuras, ação, comédia. O fato de você está lendo aquela história faz você se sentir parte dela e juntamente com os personagens está vivendo aquela grande aventura. São histórias fantásticas, na qual você sabe que é impossível na vida real, mas torna-se uma válvula de escape da rotina diária de trabalho e estudo.
6	A forma com que o leitor pode viajar em suas ideias, em sua imaginação e sonhos; a leitura simples e mais íntima ao leitor e principalmente os enredos fantásticos que incluem reviravoltas, criações mirabolantes, que num mundo normal seriam inviáveis, e personagens caricatos com poderes, interações e todo um ambiente diferenciado.
7	Comecei a ler a literatura fantástica por influência escolar e nunca mais parei, a literatura desse gênero envolve, convida e abraça o leitor de forma leve e até amorosa, quem começa não para.
8	A forma simples e fácil de ser entendida, histórias que afloram nossa imaginação, podendo nos dar a ideia de estar em um mundo “paralelo”.
9	Porque muitas obras do gênero retratam mundos imaginários onde há criaturas mágicas e itens mágicos, e muitas vezes misturaram fantasia e realidade.
10	A questão de ser algo diferente da realidade, algo muitas vezes inexplorado, isso desperta a curiosidade.
11	Os elementos fantasiosos das histórias, fazem com que despertem no leitor a sua imaginação, isso faz com que o leitor desperte o gosto pela obra.
12	É uma forma de leitura mais descontraída e estimula a curiosidade.
13	Em um mundo interativo, onde tudo é possível e acessível. Com criatividade despertando um espaço fascinante da leitura.
14	As aventuras, o carisma dos personagens, a criatividade em dar vida a história de forma tão clara e inteligente, cenários magníficos, as reviravoltas, entre outras.
15	Sem resposta.
16	Os diferentes temas, pois são coisas que fogem da realidade, fazendo com que eu me interesse mais.
17	As histórias improváveis, fantasiosas que acabam desvinculando a gente do nosso dia a dia.
18	Sem dúvida o mundo criado pelos autores, poder usar a histórias sobre aventuras épicas e seres desconhecidos com missões, vilões, desafios, onde somos jogados e envolvidos num mundo onde cada página é um deleite.
19	Criação de lugares fantasiosos; personagens corajosos; criaturas mágicas; suspense; ação.

Fonte: Questionário da pesquisa.

Nessa questão é possível observar nas respostas de alguns leitores características como a oportunidade de “conhecer novos mundos com culturas, raças e povos diferentes”, trazendo opções infinitas para que isso aconteça, de acordo com o leitor n° 1; também que há “a contribuição para o aperfeiçoamento de um vocabulário enriquecido, uma oratória eloquente, e um poder de discernir e comparar acontecimentos ali empregados com a realidade, e desse modo, ajudar na autocrítica com a situação no contexto, seja na ficção ou na

realidade”, como afirma o leitor nº 3; bem como “a literatura desse gênero é como algo envolvente, que convida e abraça o leitor de forma leve e até amorosa”, como afirma o leitor nº 7, dizendo ainda que “quem começa não para”; assim como “os elementos fantasiosos das histórias fazem com que despertem no leitor a sua imaginação, isso faz com que o leitor desperte o gosto pela obra”, como afirma o leitor nº 11.

A pergunta reporta a subjetividade de cada um, porém, traz em comum o profundo entusiasmo com o gênero literário. Esse gênero os motiva no hábito da leitura, trazendo também uma narrativa empolgante; temas diferenciados; leitura simples e descontraída; aventuras fora da realidade, dentre outras, reforçando o estímulo e contribuição para a leitura, o cotidiano e a vida a partir de obras fantásticas.

A literatura fantástica, [...] compreende a integração do leitor pedido pelo texto com o universo fantasioso do personagem criado. A “percepção ambígua” do próprio leitor diante dos fatos narrados constitui-se como resposta, como desvio do real, como condição primeira para que o pacto com o fantástico aconteça. O fantástico se constrói no espaço literário da incerteza, enveredando por espaços vizinhos ao “estranho” ou o “maravilhoso [...]”. (LEÃO, 2011, p. 44).

De um modo geral e entre os pesquisados, percebe-se um apreço pelas aventuras cheias de suspense e situações grandiosas, ambientadas em contextos épicos. Esses contextos, segundo eles, parece lançar-lhes a um mundo fantástico do qual, na sua imaginação, começam a fazer parte pelo alto nível de envolvimento que desenvolvem com a leitura da trama.

Quadro 8 – Qual é o seu livro/ saga preferido (a)? Por quê?

Leitor	Resposta
1	<i>Senhor dos Anéis</i> , porque possui tudo o que busco em literatura fantástica. Mundos e culturas diferentes.
2	<i>Dragões de Éter</i> , porque trás [sic] os personagens que eu já conhecia de uma forma diferente, pelo perigo que envolve diretamente todos os personagens de formas diferentes e pelo cotidiano, coisas simples como um café da manhã e uma conversa entre aqueles personagens se torna mais interessante do que outros livros.
3	<i>Fahrenheit 451</i> : ele faz uma ligação com um acontecimento histórico real, que foi a segunda guerra, em mais específico, a censura e a queima dos livros pelos nazistas. Sinopse: Fahrenheit é contado em um futuro inespecífico em uma América hedonista e anti-intelectual que perdeu totalmente o controle. Recheada de ilegalidade nas ruas, desde jovens jogando carros contra pessoas apenas por divertimento, ao bombeiro ajustando o seu cão de caça mecânico para caçar animais em suas tocas, apenas pelo simples e grotesco prazer de assisti-los morrer. Qualquer um que é pego lendo livros é, no mínimo, confinado em um hospício. Quanto aos livros, são considerados ilegais e, uma vez encontrados na posse de alguém, são queimados pelos “bombeiros”. Os livros ilegais achados são principalmente obras famosas como Whitman, Faulkner e outros.
4	<i>O Senhor dos Anéis</i> . A obra de Tolkien praticamente criou o termo “Terra-Média” e todo o seu universo relacionado, sendo usado amplamente no mundo atual, como referência de jogos, filmes, livros, etc.
5	É bem difícil definir uma saga ou um livro preferido. Sou uma grande fã do terror com as obras de Edgar Allan Poe, H.P Lovecraft e Anne Rice. Mas adoro a saga <i>Harry Potter</i> que me acompanhou desde minha infância até hoje com seus personagens cativantes, sua história instigante e entender desde cedo o poder do amor e da amizade. Então posso dizer que minha saga preferida de literatura fantástica é <i>Harry Potter</i> .
6	A saga <i>A torre negra</i> de Stephen King, pois a mesma aborda de uma forma física e metafórica toda a viagem de um pistoleiro rumo a uma torre escura e com uma linguagem leve e divertida consegue inserir quem lê, numa verdadeira jornada com situações inusitadas, tramas e muita ação e terror.
7	<i>A menina que roubava livros</i> , o livro é sensacional, a forma limpa e clara que autor escreve é deslumbrante e conta uma história maravilhosa.
8	<i>A guerra dos tronos – As crônicas de gelo e fogo</i> , de George R.R Martin, pois é uma história a qual fornece uma ligação entre todos os personagens pela guerra em busca da conquista do trono de ferro, travando assim, uma historia eletrizante.
9	<i>O Senhor dos Anéis</i> , de J. R. R. Tolkien (1954). Porque possui uma leitura fascinante e empolgante.
10	A trilogia de <i>Senhor dos Anéis</i> . Além de ser o primeiro com qual tive contato, foi algo que me deu muitas lições que carrego pra vida.
11	<i>Arquivo X</i> . A história tem muito suspense e momentos empolgantes
12	<i>1984</i> de George Orwell. Mostra uma ficção política, social e científica.
13	<i>Senhor dos anéis</i> , <i>Harry potter</i> , <i>Crônicas de Nárnia</i> , entre outras obras. Nos torna mais culto e podemos dizer que, forma de linguagem pra rebuscada.
14	Não é a única, mas a saga <i>Assassin's Creed</i> . Porque se passa em uma época que me chama a atenção, sem contar as aventuras quem tem.
15	<i>Saga star wars</i> , pela viagem na galáxia, vilões incríveis, raças alienígenas. E <i>O senhor dos anéis</i> pela história fantástica.
16	Série <i>Fallen</i> , <i>Beautiful Creatures</i> e <i>Irmãos Maddox</i> . Gosto de romances que envolvem muito mistério.
17	Harry potter, pq [sic] ao ler os livros a gente acaba sendo tolerante com as diferenças e nos traz diversas lições de vidas sobre amizades, família, injustiças etc. São coisas simples, que vêm com o bom senso, mas que estão se perdendo, as pessoas colocam questões religiosas, políticas e econômicas acima de questões humanas.
18	<i>O Castelo Animado da Diana Wynne Jones</i> , pelos elementos mágicos e é uma leitura ampla, além do tom bem humorado da falecida autora.
19	Saga <i>Hush Hush</i> . É dinâmica, envolve romantismo, tem ação e criaturas sobrenaturais.

Fonte: Questionário da pesquisa.

Tomando como exemplo a obra *O Senhor dos Anéis*, vemos que o leitor nº 1 destaca que esta possui “mundos e culturas diferentes”; já o leitor nº 9 afirma que possui “uma leitura fascinante e empolgante” e o leitor nº 10 afirma que a obra o “deu muitas lições que ele carrega para a vida”. Esta obra pertence à fantasia, onde existem elementos que fogem do

mundo real, mas têm conexões com a realidade, sendo uma obra que aprofunda conhecimentos reais, além dos que se reportam à fantasia em si.

O leitor nº 3 cita a obra *Fahrenheit 451*, afirmando que faz uma “ligação com um acontecimento histórico real, que foi a segunda guerra, em mais específico, a censura e a queima dos livros pelos nazistas”. A obra trata-se de uma distopia, que dentro da literatura se refere a algo ambientado no futuro, fazendo referência à ficção científica. Refere-se ao autoritarismo por parte de uma camada da sociedade. Diante disso, o desinteresse dos indivíduos, seja por falta de oportunidade, seja por medo, gerou a ilegalidade da leitura por parte dos nazistas na obra. Faz parte da distopia também a obra *1984* citada pelo leitor nº 12, onde também há a presença de um regime totalitário.

A intenção desse questionamento se deu a partir da curiosidade em identificar qual (is) obra (s) chamam a atenção do leitor e o motivo dele a considerar sua favorita, sendo possível identificar de forma mais clara as informações identificadas e consideradas por eles como essenciais em uma leitura. Temos, assim, bases para identificar em outras leituras o que poderia chamar a atenção de possíveis leitores, com o propósito de incentivar a leitura.

Em consideração ao que caracteriza um leitor, no que seja a quantidade de livros que lê relativo a determinado tipo de literatura do seu interesse pessoal, na pergunta de nº 9, buscou-se verificar qual a assiduidade de suas leituras no campo da literatura fantástica.

Quadro 9 – Quantos livros você lê, em média, por ano?

Leitor	Resposta
1	Até 15 livros.
2	Até 15 livros.
3	Até 3 livros.
4	Até 3 livros.
5	Até 8 livros.
6	Até 15 livros.
7	Até 8 livros.
8	Até 8 livros.
9	Outros.
10	Outros: 1 ou 2 livros.
11	Até 3 livros.
12	Até 8 livros.
13	Até 3 livros.
14	Até 3 livros.
15	Até 8 livros.
16	Até 8 livros.
17	Até 8 livros.
18	Até 8 livros; Sem contar os Hq's.
19	Até 8 livros.

Fonte: Questionário da pesquisa.

Como já exposto nessa pesquisa, a média de leitores de literatura em geral, feita em 2016, é de 2,54 livros lidos por ano. Quanto aos leitores de literatura fantástica, temos leituras de até 15 livros por ano, como os leitores nºs 1, 2 e 6, fato que nos mostra que esses estão

muito acima da média, reforçando a ideia da contribuição das obras fantásticas no cotidiano dessas pessoas.

Para os jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na transformação de perguntas e respostas correspondentes. (BAMBERGER, 2000, p. 11 *apud* CASTRO, 2014, p. 13).

De acordo com Bamberger (2000), a leitura envolve um conjunto de representações sobre aspectos que fazem parte do mundo individual e coletivo do leitor, capazes de proporcionar-lhe e conduzi-lo a superações e respostas das suas contextualizações no mundo real.

Acerca das diversas formas de reproduções de obras, particularmente de literatura fantástica, questionou-se os leitores sobre o que pensam sobre as reproduções cinematográficas de obras escritas para o acesso através de leitura, conforme se conferem as respostas na pergunta seguinte, de nº 10.

Quadro 10 – Que considerações você faria sobre as versões cinematográficas baseadas em textos característicos e oriundos de literatura fantástica?

Leitor	Resposta
1	Não gosto, visto que não aborda a história completa do livro.
2	Outras: Gosto, já que conta a mesma história do livro de uma forma diferente, onde normalmente se resume o que tem que resumir e acrescenta onde deve se ter mais destaque.
3	Outras: Cada adaptação tem seu contexto e sua fidelidade. Para analisar tal indagação, é necessário levar em consideração, vários contextos, técnicos e emotivos pelo fã.
4	Gosto, já que é uma melhor forma de acompanhar a história do livro.
5	Outras: Gosto pq [sic] é uma adaptação da obra que gosto, por outro lado não gosto por ter muitos cortes e na maioria das vezes não ser como imaginamos ao ler o livro.
6	Outras: Gosto, com algumas ressalvas, pois em algumas ocasiões dependendo da forma e de como o filme foi produzido, a obra é quase que totalmente modificada e (ou) adaptada, mas é um enorme prazer quando a produtora acerta e você pode observar tudo aquilo que você leu “criar vida”.
7	Não gosto, já que não é totalmente fiel aos livros.
8	Outras: Gosto, porém, é importante ressaltar que algumas obras cinematográficas, baseadas em livros, não são completamente fiéis a história, e acabam fazendo adaptações e retirando importantes parte de todo o contexto original, deixando a desejar nesse ponto.
9	Outras: Gosto, mas deveria ser mais fiel a história do livro.
10	Gosto, já que é a representação real da história lida.
11	Gosto, já que é uma melhor forma de acompanhar a história do livro.
12	Outras: Gosto. Mesmo não sendo fieis aos livros de modo integral, os filmes baseados em textos da literatura fantástica costumam atrair novos leitores para esse gênero.
13	Gosto, já que é uma melhor forma de acompanhar a história do livro.
14	Gosto, já que é uma melhor forma de acompanhar a história do livro.
15	Não gosto, visto que não aborda a história completa do livro.
16	Não gosto, já que não é totalmente fiel aos livros.
17	Gosto, já que é uma melhor forma de acompanhar a história do livro.
18	Outras: Gosto. Por mais que seja adaptações, alguns dos elementos do livro não funcionam no cinema, a adaptação é necessária. Mesmo as obras não levam quase nada do original são relevantes pois impulsiona para as pessoas que gostaram lerem o livro.
19	Outras: Gosto, mesmo não sendo exatamente fiel a história.

Fonte: Questionário da pesquisa.

A intenção dessa pergunta foi descobrir se obras cinematográficas oriundas de obras fantásticas têm alguma influência na leitura desses indivíduos. Os leitores n°s 7, 15 e 16 responderam que não têm interesse em versões feitas para TV e cinema, já que estas não são totalmente fieis aos livros e não abordam sua história completa.

Podemos citar *Eu sou a lenda* como exemplo de divergência da obra impressa para a cinematográfica. O filme foi adaptado da obra fantástica de mesmo nome. Na obra impressa o personagem era um operário, sendo transferido para um cientista no filme, além de ter o final diferente da obra literária. Outro exemplo é a obra *O Hobbit*, onde o diretor do filme teve que incorporar personagens das obras passadas – *O Senhor dos Anéis* – já que a história do livro era curta e teve que transformar-se em uma saga com três obras cinematográficas.

Entretanto, a maioria dos questionados afirmaram que essas obras trazem a história do livro de uma maneira diferente, contribuindo assim para uma melhor absorção, como respondido pelo leitor n° 2. Podemos justificar essa “maneira diferente” no sentido em que traz um suporte diferenciado, já que é possível “assistir” a história do livro, e não somente ler, o que traz uma forma diferente de acompanhá-la, como afirmado pelos leitores n°s 4, 11, 13, 14 e 17. Há também a afirmação de que as obras cinematográficas costumam atrair novos leitores para esse gênero, como afirmado pelo leitor n° 12. Isso ocorre devido ao desconhecimento do leitor em relação ao livro, mas sendo possível após o conhecimento da obra através do filme, fazendo com que esse indivíduo procure o livro ou a série de livros que “deram vida” à obra cinematográfica.

Quadro 11 – O que mais atrai sua atenção neste tipo de literatura?

Leitor	Resposta
1	Conhecimentos diversos e leitura empolgante.
2	Conteúdo diferenciado.
3	Conhecimentos diversos.
4	Leitura empolgante.
5	Leitura empolgante.
6	Conteúdo diferenciado e leitura empolgante.
7	Conteúdo diferenciado e conhecimentos diversos.
8	Leitura empolgante.
9	Leitura empolgante.
10	Conteúdo diferenciado.
11	Leitura empolgante.
12	Leitura empolgante.
13	Leitura empolgante.
14	Conteúdo diferenciado.
15	Conteúdo diferenciado.
16	Conteúdo diferenciado, conhecimentos diversos e leitura empolgante.
17	Leitura empolgante.
18	Leitura empolgante.
19	Leitura empolgante.

Fonte: Questionário da pesquisa.

Essa questão procurou reforçar o que chama a atenção do leitor nas obras de literatura fantástica, sendo possível identificar que a grande maioria considera a leitura empolgante oriunda dessas obras como elemento essencial para atrair a sua atenção.

Reforçamos aqui que outros tipos de leitura são de fundamental importância para a absorção de informações e conhecimentos. Morais (1996, p. 12) afirma que “[...] os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar”.

Quanto ao conteúdo diferenciado citado pelos leitores n^{os} 2, 6, 7, 10, 14, 15 e 16, esse se refere ao fato de a literatura fantástica ofertar temas, personagens, culturas, mundos e outras tantas coisas diferentes como elfos, fadas, feiticeiras e dragões na fantasia; ou humanóides e máquinas dominando o mundo na ficção científica; ou vampiros e deuses trazendo o apocalipse e prestes a despertar literalmente o horror nas obras que fazem parte desse gênero, esses singulares ao universo fantástico.

Chama-se a atenção particularmente para a última questão aplicada aos leitores pesquisados, pelo caráter que a mesma encerra no sentido de por em conexão toda a abordagem acerca da literatura fantástica, da leitura, do perfil dos leitores, da contextualização informacional que ensejam elementos fundamentais para as práticas das bibliotecas.

Considerando-se a biblioteca como uma “coleção de material impresso ou manuscrito, ordenado e organizado com o propósito de estudo e pesquisa ou de leitura geral” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 48) e do significativo papel que esta pode exercer nos contextos de sua atuação em espaços escolares, públicos, privados, especializados etc., um aspecto é comum a todos os tipos nos quais ela pode se materializar: a oferta da leitura – seja ela atendendo a interesses escolares, acadêmico-científicos e/ou profissionais; seja ela atendendo aos anseios de leitura pelo prazer do hábito de leitores profissionais.

Nesse sentido, é importante verificar a partir dos próprios leitores a relevância da literatura fantástica nos contextos de bibliotecas, conforme a pergunta de n^o 12, última aplicada no questionário da pesquisa.

Quadro 12 – Para você, qual a relevância da literatura fantástica nos contextos de bibliotecas?

Leitor	Resposta
1	Acho muito importante, a literatura fantástica abre um mundo de opções para o leitor que tem uma infinidade de escolhas para agradar os mais diversos gostos, podendo assim atrair cada vez mais leitores de todos os tipos.
2	Na minha humilde opinião, seria uma importante aquisição para qualquer prateleira, pois nesse tipo de livro, se pode aprender tanto quanto em qualquer outro.
3	A biblioteca sendo um espaço de abrigo de vários tipos de conhecimentos e de vários tipos de usuários. É fundamental que em seu acervo, exista esse tipo de literatura, para que o usuário tenha contato com todos os benefícios citados na resposta do item 8, podendo até ser considerado uma terapia de desopilação de tensão diária vivida pelo leitor.
4	Atrair novos leitores e incentivar a leitura de crianças, jovens e adultos através de narrativas que despertam o interesse desses leitores.
5	A Biblioteca é bem conhecida por boa parte da população como um local que “armazena” livros, e não sendo um local muito atraente para jovens. Porém a literatura fantástica pode ser um incentivo para a busca desse público jovem leitor para o ambiente da biblioteca. Hoje em dia com a ascensão do mundo Geek/nerd, que está dando visibilidade para obras até então marginalizadas como Histórias em quadrinhos e até mesmo a literatura fantástica que era pouca conhecida. Muitas obras cinematográficas (por mais que não sejam perfeitas) também atraíram olhares para literaturas até então desconhecidas pelo grande público, como a saga O senhor dos Anéis que ganhou filmes (2001, 2002, 2003) adaptando 3 obras do autor J.R.R Tolkien: A sociedade do anel, Duas torres e o Retorno do Rei. E outras que tiveram o caminho inverso como a saga Star Wars que nasceu nos cinemas, e teve a história estendida com livros sobre os destinos dos personagens da saga.
6	De extrema importância, pois através dela a biblioteca convida e atrai um público maior, abre um leque para que mais do moderno e diferente seja criado e enriquece o acervo num âmbito geral.
7	Ajuda na inclusão de crianças e adolescentes, aumenta o número de livros e estimula a visita de pessoas em busca desse tipo de literatura.
8	Muito importante, por atrair leitores de diversas faixas etárias, e fazendo aumentar o público no campo literário.
9	A literatura fantástica estimula o imaginário, é uma leitura instigante e ao mesmo tempo prazerosa, possibilitando o incentivo a leitura.
10	Gostaria que tivesse mais destaques, quem sabe até de modo acadêmico, pois tem muito conteúdo que poderia ser bem trabalhado em vários temas em sala de aula.
11	As obras de literatura fantástica podem proporcionar o gosto pela leitura e fazer com que tenham mais leitores assíduos.
12	A importância da literatura fantástica no âmbito das bibliotecas é a de atrair novos leitores para esse espaço, visto que é uma leitura mais descontraída e estimulante.
13	Bastante interessante, muitos não possuem acesso aos livros de outros autores em nosso país. Seria bastante interessante uma forma de propagar ainda mais conhecimento e novos escritores como: Augusto Cure, John Green, Stephen King, J. K Rowling e entre outros incríveis escritores.
14	É ótimo, porque é uma forma de incentivo aos jovens a ler, digo por experiência própria porque a literatura fantástica tem o poder de atrair o leitor com seu conteúdo. Incentiva o leitor a formar um pensamento crítico, e no processo de escrita e expansão criativa do leitor.
15	É um conteúdo bastante procurado entre crianças e jovens, acredito que tenha uma boa relevância.
16	É um ótimo tipo de literatura e atrai bastante leitores pois são temas diversos, então deveriam ter mais livros desse tipo nas bibliotecas, bibliotecas são sempre vistas como algo chato, cansativo, e para mim o motivo disso é que em muitas não há algo diferente que chame a atenção das pessoas.
17	Pois é através da leitura que se estimula o pensar, o criar, o refletir, o participar e nosso agir desde criança. Por meio do incentivo à leitura da literatura fantástica, do imaginário e contos de fadas quando somos crianças, que pode surgir um interesse pela literatura em geral e o hábito de ler. As bibliotecas tanto públicas, escolares, deveriam servir para suprir necessidades de informação e como descobertas e incentivo à esse tipo de leitura, por isso a necessidade de um acervo geral com literaturas diversificadas e não apenas meros depósitos de livros ou só serem procuradas por exigência de pesquisas como tarefa de casa, é necessário um espaço de convivência e exercício da cidadania etc.
18	Acredito que toda forma de leitura é importante, sobre a literatura fantástica acrescento que bom para apresenta a novos leitores um mundo diferente, mágico, novo e encantador que pode ser encontrado nas páginas em cada volume.
19	Eu acredito que a literatura fantástica seja mais atrativa e envolvente a primeiro momento. Eu acredito que ela possa ser a porta de entrada para os outros tipos de literatura.

Por último, trazemos o questionamento que é de grande importância nessa pesquisa, visto que o nosso interesse, dentre tantos outros, é o de incentivo à leitura. Sendo assim, saber sobre a relevância que essas obras podem ter na biblioteca a partir dos olhos de leitores assíduos desse gênero é de suma importância.

Diante disso, temos leitores que afirmam que atua como um elemento que pode atrair leitores, já que possui uma infinidade de opções que agradam diversos gostos, como afirmado pelo leitor nº 1. Ainda, tendo a importância de qualquer outro tipo de literatura, sendo possível “aprender tanto quanto em qualquer outro tipo de livro”, como afirmado pelo leitor nº 2. Ainda, como sendo a porta de entrada para atrair jovens para o ambiente da biblioteca, já que, comumente, o ambiente é visto somente como um local que armazena livros, como afirma o leitor nº 5. Nesse sentido, Castro (2014, p. 28) afirma que:

A literatura fantástica tem a grande capacidade de estimular a leitura através dos processos de imaginação e criatividade que, desdobrados em ações criativas, contribuem para o processo de formação de leitores. Quando esse gênero é trabalho com mediação, as possibilidades de seduzir os leitores para a prática de leitura podem tornar-se mais eficientes. Temos o exemplo disso na ação de Contos de Suspense, que fazemos semanalmente. Percebemos com essa atividade, que é feita a partir de diversas dinâmicas e performances, o quanto os participantes se envolvem com as histórias, o quanto desfrutam das imagens que vão sendo construídas através da palavra e dos gestos. Esse processo proporciona grande envolvimento e trocas dialógicas entre os participantes, tendo como desdobramento e êxito da ação o empréstimo de livros, isto é, alguns participantes acabam por levar livros desse gênero para leitura individual, mostrando-nos quão importante é trabalhar com essa especificidade de texto.

Na citação acima, percebemos que a autora participa de projetos de incentivo à leitura através de obras fantásticas, sendo possível seduzir leitores através dessas atividades que se tornam envolventes e que proporcionam uma maior participação desses indivíduos na biblioteca e, em longo prazo, à prática através da leitura.

A biblioteca, segundo Araújo e Oliveira (2011, p. 36):

É uma coleção de documentos bibliográficos (livros, periódicos etc.) e não bibliográficos (gravuras, mapas, filmes, discos etc.) organizada e administrada para formação, consulta e recreação de todo o público ou de determinadas categorias de usuários.

Assim, este espaço é visto também como uma organização social, trazendo funções que segundo Araújo e Dias (2011, p. 116) comportam, dentre outras, a “preservação dos registros de informação; a organização da informação e a disseminação dessa informação”.

O incentivo à leitura se encaixa dentre as funções da biblioteca, que têm o papel de tornar-se um ambiente em que o usuário/leitor se sinta a vontade e queira sempre visitar, sendo possível assim aproximar esses usuários/leitores dos livros, além de estimular o seu gosto pela leitura.

Nesse contexto, o responsável por fazer tudo isso é o profissional bibliotecário, que tem como uma de suas funções tornar a biblioteca presente no dia a dia dos seus usuários através da leitura, transformando-a assim num local de encontro de novas informações e experiências.

De acordo com as respostas ao longo do questionário, foi possível verificar que a literatura fantástica tem dado grande contribuição sobre diversos aspectos aos seus leitores – configurando no que tange ao ultimo questionamento à reafirmação de sua importância nos ambientes de bibliotecas, por ser historicamente considerada um lugar apropriado à realização de leituras.

Nesse sentido, o papel do bibliotecário emerge fundamental para a efetivação da leitura, haja vista a diversificação de sua atuação profissional nos contextos de bibliotecas; sendo entre outros, o responsável por despertar o gosto pela leitura e trazer usuários para dentro da biblioteca, como afirma o leitor nº 4, por exemplo, que diz que a literatura fantástica serve para “atrair novos leitores e incentivar a leitura de crianças, jovens e adultos através de narrativas que despertam o interesse desses leitores”; como também o leitor nº 6, que afirma que é “de extrema importância, pois através dela a biblioteca convida e atrai um público maior, abrindo um leque para que mais do moderno e diferente seja criado, além de enriquecer o acervo num âmbito geral”.

Ainda sobre o questionamento, o leitor nº 8, afirma que é “muito importante por atrair leitores de diversas faixas etárias e aumentar o público no campo literário”. Manifestando-se também o leitor nº 12 que diz que “a importância da literatura fantástica no âmbito das bibliotecas é a de atrair novos leitores para esse espaço, visto que é uma leitura mais descontraída e estimulante”.

Através dos questionamentos podemos perceber que a literatura fantástica é tão importante como qualquer outro tipo de literatura, trazendo a singularidade de conter elementos que envolvem seu leitor através de características marcantes como aventuras épicas e personagens fantásticos, por exemplo, em narrativas que descrevem diversos mundos, fadas, monstros, avatares etc., o que faz com que a literatura fantástica nos contextos de bibliotecas seja um recurso didático-pedagógico de promoção da leitura ou até do simples prazer individual de cada leitor de percorrer com sua imaginação esse fantástico mundo literário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura fantástica tem o seu surgimento desde os primórdios, com seus conteúdos divididos em histórias de fantasia, ficção e horror e ainda, que cativam, divertem e informam quem a lê. Ela se faz presente no nosso dia a dia, assim como os demais tipos de literatura, seja através de livros proporcionando a leitura, como também através de filmes e outros meios de disseminação.

Sendo o objetivo geral desta pesquisa o de “identificar as razões pelas quais os leitores de literatura fantástica a consideram sua leitura preferida, e que informações são identificadas por eles nos conteúdos fantásticos”, conclui-se que o mesmo foi atingido, visto que os seus leitores possuem razões justificadas para se sentirem atraídos continuamente por obras dessa literatura.

Podemos citar como exemplo os mundos diversos que podem ser acessados através destas obras; as variadas culturas e habitantes presentes nestas; o alívio do estresse acumulado no cotidiano, muitas vezes causados pela rotina e por atividades diárias; a formação do hábito da leitura através das obras da citada literatura, como também o estímulo às reflexões do leitor ao se deparar com leituras fantásticas, ensejando aspectos da realidade.

Ainda, de acordo com a leitura e a análise feita em variadas fontes que tratam sobre o tema, além da confirmação pelos leitores, vemos que por ser uma literatura que traz inúmeras informações e dispor de variados gêneros e subgêneros, tem a capacidade de interessar aos mais diversos tipos de usuários/leitores, contemplando assim pessoas de todas as idades.

A literatura fantástica realiza dessa maneira o seu papel social assim como as outras formas literárias. O fato de retratar algo que está entre o mundo real e imaginário não retira a influência de ideias reais para a criação desses mundos, assim como demonstrado. Cumpre assim com o seu papel social, despertando o raciocínio, trabalhando a imaginação e fazendo com que as pessoas pensem sob outro ponto de vista, por exemplo.

Além das obras impressas, hoje em dia é muito comum encontrar filmes que as retratam. Os filmes também têm a sua importância no processo de aprendizagem. Podem fazer com que alguém que não goste de ler busque uma obra após ter assistido um filme sobre a mesma e queira saber o que acontece depois, como visto aqui. Pode incentivar assim o gosto pela leitura nos contextos de bibliotecas, como em quaisquer outros contextos onde a informação e a leitura sejam veiculadas.

Há muitos gêneros e subgêneros na literatura fantástica, com as suas variações e contribuições próprias. Estes, como já citados, são a fantasia, a ficção científica e o horror. O primeiro faz forte uso da magia e elementos sobrenaturais em sua narrativa; o segundo, em

geral, retrata o impacto da ciência na sociedade criada e o terceiro utiliza elementos próprios da literatura fantástica para criar medo. Sendo assim e de acordo com capítulo quatro, vimos que muitas informações relacionadas à realidade podem ser encontradas em obras destes gêneros, como a coragem e a determinação que é exigida dos personagens; a valorização dos relacionamentos; as consequências de se fazer coisas ruins; além de exemplos sobre lealdade, bravura, confiança; a amizade e a bondade; a cobiça, traição e morte; dentre outros. Todos estes são elementos reais contextualizados em obras pertencentes ao universo fantástico.

Quanto aos resultados, estes responderam ao problema da pesquisa. A problemática tratava-se em descobrir “quais as razões dos leitores de literatura fantástica para os seus interesses por esse gênero literário?”. Com as respostas dos questionados sobre o tema, como já mencionado, podemos encontrar estas razões, que dizem respeito ao por que dessas pessoas se sentem atraídas por esse tipo de literatura; que informações estes leitores conseguem retirar das obras; a contribuição destas para eles e a opinião destes na utilização destas obras em bibliotecas, sendo esta última muito importante, já que tivemos opiniões de pessoas que já estão imersas nesse mundo e que foram conquistadas pelo universo singular do fantástico.

Acredita-se assim na ideia de que este tema tenha uma grande relevância dentro da área da leitura/literatura, despertando o senso crítico diante da realidade das coisas, além de trazer diversão, entretenimento e cultura. Ainda, proporciona também grandes contribuições para a área da Biblioteconomia, no que diz respeito ao apoio aos programas de ensino e aprendizagem em bibliotecas escolares, públicas, comunitárias, universitárias etc.

A biblioteca sendo um espaço para a disponibilização e troca de informações pode trabalhar com essas obras fantásticas, proporcionando assim o interesse de leitores em potencial, além da permanência dos que já frequentam o seu espaço, despertando e mantendo o gosto pela leitura/literatura através desse universo fantástico. Esses fatos foram confirmados pelas respostas dos leitores que já estão inseridos na leitura/literatura através do contato com estas obras, tendo proporcionado a estes o despertar e o aumento do seu interesse pelo universo singular da leitura.

Além de todo o exposto, houve também o desejo de contribuir com uma pesquisa rica e útil no contexto acadêmico; além da oportunidade de colocar em prática o que foi aprendido e trabalhado durante todo o período do curso superior; buscando também novos conhecimentos para a citada área científica.

REFERÊNCIAS

ALLEN, David L. **No mundo da ficção científica**: a ficção científica no Brasil. São Paulo: Summus, 1973.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 29-42.

ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2014. E-book. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-eu-robo-isaac-asimov-epub-mobi-pdf/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BATALHA, Maria Cristina. Literatura fantástica: algumas considerações teóricas. **Letras & Letras**, Uberlândia, MG, v. 28, n. 2, p.481-504, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25877/14232>>. Acesso em: 26 out. 2017.

BRAGA, Marília da Costa Silva; BEZERRA, Adriano Alves. **A literatura fantástica como incentivo à leitura**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_19_40_09_idinscrito_745_be3f4be712591bb9aaf5d315d23844a9.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pnll>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica**: caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. E-book. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoiacaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-letras-n9.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

CASTRO, Andressa Gonçalves. **A literatura fantástica e o incentivo à leitura para jovens e adolescentes**. 2014. 34 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CLARKE, Arthur Charles. **Uma odisseia no espaço**. São Paulo: Aleph, 2013. E-book. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-2001-odisseia-espacial-uma-odisseia-no-espaco-vol-1-arthur-c-clarke-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

COSTA, George Gleydston Matias. **Realidade e ficção científica em adaptação do funcionário Ruam**. São Paulo, 2012. E-book. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=SpVFBQAAQBAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PA1>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

EXCESSO de livros ou escassez de leitores? **Estadão**, São Paulo, 06 dez. 2011. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,excesso-de-livros-ou-escassez-de-leitores-imp-,807294>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FALCÃO, Duda. **Literatura fantástica e o incentivo à leitura**. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2014/09/literatura-fantastica-e-o-incentivo-a-leitura/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmica do nosso tempo; 4).

GLEICK, James. **A informação**: uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, Silvia Souza. **Apostila de literatura**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/cursinho/files/2012/05/Apostila-de-Literatura-Silvia-Souza-Gomes-UFJF-2012.01.139.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

GUIMARÃES, Deocleciano Torrieri. (Coord.). **Língua portuguesa**: teoria e prática. São Paulo: Rideel, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Normas de apresentação tabular**. 3. ed. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 1993.

JUNQUEIRA, Eduardo Viana; NESTAREZ, Oscar. **Horror psicológico**: a psicanálise explica nosso fascínio pelo medo. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/06/horror-psicologico-psicanalise-explica-nosso-fascinio-pelo-medo.html>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

KING, Stephen. **O iluminado**. Tradução Betty Ramos de Albuquerque. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

KREMER, Jeannette Marguerite. Ficção científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 73-98.

LE COADIC, Ives-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. A literatura fantástica e a formação de leitores no século XXI. **Revista Húmus**, [S.l.], n. 3, p. 38-47, set. out. nov. dez. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1618/2756>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**: volume único. Tradução Paulo Mendes Campos, Silêda Steuernagel. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2009.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1973.

_____. O chamado de Cthulhu. In: _____. **O chamado de Cthulhu e outro contos**. Organização e tradução Guilherme da Silva Braga. E-book. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-chamado-de-cthulhu-h-p-lovecraft-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 10 nov. 2017. p. 71-100.

MACIEL, Nilto. **Literatura fantástica no Brasil**: parte I. Disponível em: <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/08/21/nilto-maciel-literatura-fantastica-no-brasil-parte-i/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

MAGALHÃES NETO, Pedro Rodrigues. **Leitura e senso crítico**: uma pesquisa com alunos de 5ª e 6ª séries. Teresina: Halley, 2004.

MAIA, Camila Nascimento. Fantasia para além do devaneio: a Literatura Fantástica como tecitura do real na periferia do capitalismo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 11., 2017, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2017. 1-15. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/MM2017/anais2017/MC55/mc554.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

MAIOR, Flávia Souto. **O submarino USS Nautilus**. Disponível em: <
<http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/submarino-uss-nautilus-434237.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MARANHÃO, Tarcila Barros Nunes. Informação, sociedade e tecnologia. In: TARGINO, Maria das Graças; CASTRO, Mônica Maria Machado Ribeiro Nunes de. (Org.). **Desafiando os domínios da informação**. Teresina: EDUFPI, 2002. p. 263-277.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIN, George R. R. Martin. **As crônicas de gelo e fogo**. Tradução Jorge Candeias, Marcia Blasques. São Paulo: Leya, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATANGRANO, Bruno Anselmi. **Breve panorama da presença da fantasia na literatura brasileira**. Disponível em: <
<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=128>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

MATOS, Margareth Carvalho de Andrade. **A tecnologia e suas consequências para o empregado**. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,a-tecnologia-e-suas-consequencias-para-o-empregado,39688.html>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

MILLER JR., Ralf Lorenz Max. **Ficção científica e tradução**: projeto de tradução do conto “primeiro contato”, de Murray Leinster. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <
<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/1884/22546/1/FICCAO>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

NESTAREZ, Oscar. **Breve linha do tempo da literatura de horror**. Disponível em: <
<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/11/breve-linha-do-tempo-da-literatura-de-horror.html>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

NIELS, Karla Menezes Lopes. Fantástico à brasileira: o gênero fantástico no Brasil. In: SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS, ESTUDOS DE LITERATURA, 5., 2014, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2014. p. 182-196. Disponível em: <

www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VSAPPIL-Lit/article/download/201/107>. Acesso em: 06 nov. 2017.

NODIER, Charles. **Histoire d'Hélène Gillet**. Disponível em: <<http://www.biblisem.net/narratio/nodgilet.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

NOGUEIRA, Mariana. Número de leitores no Brasil sobe 6 pontos percentuais entre 2011 e 2015. **G1**, Rio de Janeiro, 18 maio. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/numero-de-leitores-no-brasil-sobe-6-entre-2011-e-2015-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

O SUBSTITUTO. Direção: Tony Kaye, Produção: Austin Stark. Nova Iorque (EUA): Paper Street Films, 2011.

OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de. **A mediação em projetos de incentivo à leitura: a apropriação da informação para construção do conhecimento e do pensamento crítico**. 2015. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/oliveira_hccd_me_mar.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2017.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da ciência da informação. In: _____. **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 9-28.

OLIVEIRA, Marlene de; DIAS, Guilherme Ataíde. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da sociedade de informação: os novos espaços de informação. In: _____. (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 109-120.

OLIVEIRA, Patricia Sueli Teles de. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. 2010. 62 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade do estado da Bahia, 2010. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-PATRICIA-SUELI-TELES-DE-OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1997.

OZ, Fernanda. **Universo da fantasia**. [S.l]: Ediouro/Pixel, 2016. E-Book. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details/Fernanda_Oz_Universo_da_Fantasia?id=ej2hDQAAQBAJ>. Acesso em: 15 nov. 2017.

POE, Edgar Allan. O gato preto. In: _____. **Histórias extraordinárias**. Tradução Breno Silveira et al. São Paulo: Nova Cultural, 2002. p. 23-29.

RODRIGUES, Jefferson Vasques. **O fantástico e a fantasia**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/f00002.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

ROWLING, J. K. **Harry Potter**. Tradução de Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 7 v.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers: 2010. (Coleção Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Série Didáticos; 1).

SANTOS, Jaqueline dos. **Introdução à literatura fantástica {Entre Escritores}**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oHe8vwyy1BU&t=11s>>. Acesso em: 02 out. 2017.

SANTOS, Jeane da Conceição dos; HUNHOFF, Elizete Dall'Comune. A literatura fantástica em obras infantojuvenis: uma reflexão sobre a formação do leitor com contos de Marina Colasanti. **Revista Moinhos**, Tangará da Serra, v. 1, n.1, p. 1-19, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2393/1962>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

SILVA, Alexander Meireles da. **Fantasticursos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCUne0LBcfmyB-WeLPG_b_5A/videos>. Acesso em: 05 out. 2017.

SILVA, Roginei Paiva da. **Biblioteca, leitores e cultura: a prática social da leitura**. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<http://locus.ufv.br/handle/123456789/4878?show=full>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SOARES, Marcelo Pacheco. A literatura fantástica do século XX e a representação do real. **Rev. Let.**, São Paulo, v.55, n.2, p.117-135, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/8823/6491>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

SODRÉ, Raquel. **Ler é a atividade que mais reduz o estresse no dia a dia**. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/interessa/comportamento/ler-%C3%A9-a-atividade-que-mais-reduz-o-estresse-no-dia-a-dia-1.938524>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SPOHR, Eduardo; ANOTSU, Jim. **Literatura fantástica para todas as idades**. Disponível em: <<http://www.bienaldolivrominas.com.br/releases/104>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

STOKER, Bram. **Drácula**: o vampiro da noite. 3. ed. Tradução Maria Luíza Lago Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2002.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. **O horror e o outro**: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do *unheimlich* freudiano. 2013. 276 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/122622/323944.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

THIES, Tainá Siqueira. **A transposição do real para o imaginário**: hipertextualidade mitológica na construção de mundos ficcionais de fantasia. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/11944/1/2012_TainaSiqueiraThies.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis**. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TROJAN, Letícia Cristina. **Ficção fantástica**: um breve olhar pelos caminhos de um objeto mutante. 2014. 78 f. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6950>. Acesso em: 14 nov. 2017.

VARELLA, Drauzio. **O exercício da leitura**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KW4sZROK5hU>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

VERNE, Júlio. **Vinte mil léguas submarinas**. Tradução Lauro S. Blandey. 12. ed. Curitiba: Humus, 2002.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. Tradução, prefácio e notas Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

Srs. (as) leitores (as),

Ao tempo em que os cumprimento, venho solicitar as suas contribuições na construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de minha autoria, Alyne Raquel Sousa e Silva, matrícula 1050612, estudante do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). O TCC tem o objetivo de “identificar as razões pelas quais os leitores literatura fantástica a consideram sua leitura preferida, e que teor informativo são identificados por eles nos conteúdos fantásticos”, ou seja, descobrir por que os leitores de literatura fantástica a elegeram como tipo preferido de leitura.

Considerando a urgência da coleta de dados, solicito ainda que, por gentileza, o questionário respondido seja devolvido no prazo máximo de 01 (uma) semana.

Atenciosamente.

Alyne Raquel Sousa e Silva

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

1. Você conhece literatura fantástica? O que ela significa para você?

- () Sim. É uma forma de viajar sem sair do lugar e conhecer outros mundos;
- () Sim. É uma forma de adquirir conhecimentos através de uma leitura “fácil”;
- () Sim. É uma leitura diferente de outras, visto que a linguagem é mais simples e de fácil entendimento, além de trazer temas diferentes e interessantes;
- () Sim. A literatura fantástica desenvolveu o meu gosto por leitura/literatura;
- () Outros (as) _____.

2. Qual sua faixa etária?

- ☐ Até 15 anos;
- ☐ De 15 a 25 anos;
- ☐ De 25 a 35 anos;
- ☐ De 35 a 50 anos;
- ☐ Acima de 50 anos.

3. A literatura fantástica tem alguma interferência no seu cotidiano, no âmbito do seu teor informativo? De que forma?

- ☐ Sim. Traz novos conhecimentos e informações úteis ao dia a dia;
- ☐ Sim. Ler livros de literatura fantástica ajudou a melhorar a minha leitura e tornar mais fáceis outros tipos de leitura;
- ☐ Sim. A literatura fantástica é um ótimo passatempo e uma ótima forma de tirar o estresse da rotina diária;
- ☐ Não. É uma leitura legal, mas não trouxe interferência positiva ou negativa para mim;
- ☐ Outros (as) _____.

4. Dos gêneros pertencentes à literatura fantástica, qual o seu preferido? Por quê?

- ☐ Fantasia;
- ☐ Ficção científica;
- ☐ Horror/Terror.

5. Que tipos de informações você identifica, nos conteúdos produzidos pela literatura fantástica? Contextualize com alguma(s) obra(s) que contenha(m) essas informações.

- ☐ Sociais;
- ☐ Políticas;
- ☐ Intelectuais;
- ☐ Tecnológicas;
- ☐ Religiosas;
- ☐ Outras _____.

6. O que você entende por informação?

7. Que características você destacaria nos conteúdos de literatura fantástica que o motivaram a tornar-se leitor assíduo dessa literatura?

8. Qual é o seu livro/ saga preferido (a)? Por quê?

9. Quantos livros você lê, em média, por ano?

() Até 3 livros;

() Até 8 livros;

() Até 15 livros;

() Mais de 15 livros.

() Outros (as) _____.

10. Que considerações você faria sobre as versões cinematográficas baseadas em textos característicos e oriundos de literatura fantástica?

() Gosto, já que é a representação real da história lida;

() Não gosto, já que não é totalmente fiel aos livros;

() Gosto, já que é uma melhor forma de acompanhar a história do livro;

() Não gosto, visto que não aborda a história completa do livro;

() Outras _____.

11. O que mais atrai sua atenção neste tipo de literatura?

() Conteúdo diferenciado;

() Conhecimentos diversos;

() Fácil compreensão;

() Leitura empolgante;

() Outros (as) _____.

12. Para você, qual a relevância da literatura fantástica nos contextos de bibliotecas?